

WALNICE NOGUEIRA GALVÃO

AS FORMAS DO FALSO

Um estudo sôbre a ambigüidade no Grande Sertão: Veredas

Tese de Doutorado
Departamento de Ciências Sociais
Faculdade de Filosofia, Letras
e Ciências Humanas

São Paulo, 1970

A G R A D E Ç O

A Antonio Candido e Ruy Coelho: ao primeiro, mestre e chefe, pelo interesse, estímulo intelectual, diálogo, nível de exigência e condições materiais que possibilitaram e mesmo impuseram a realização desta tese; e ao segundo, que tão generosamente assumiu a orientação dela. Aos que comigo discutiram idéias contidas neste trabalho, assim demonstrando um empenho que ultrapassa a mera sociabilidade e entra no campo da amizade intelectualmente frutífera: Acácio Werneck, o interlocutor assíduo, e Carlos Armando Sermelli, Davi Arriguci Jr., Eduardo Solon de Magalhães Freire, Jacob D. Azulay, Maria Sylvia Carvalho Franco, Roberto Schwarz; cada um destes, à sua maneira e em diferentes fases do trabalho, colaborou de um modo que desafia a avaliação. Aos colegas do Curso de Teoria Literária e Literatura Comparada, que me aliviaram a carga de trabalho durante a fase de redação. A Jaime Marcelino, infatigável desentendedor de livros, que há muitos anos vem contribuindo para a produção intelectual desta Faculdade. Ao pessoal da Biblioteca do Instituto de Estudos Brasileiros, que facilitou ativamente meu trabalho. A Rachel de Azevedo Varlotta, que se encarregou da preparação dos originais.

I N D I C E

1a. parte

A CONDIÇÃO JAGUNÇA

	pág.
Introdução	
1. O problema	1
2. Um exemplo	2
3. A lei e a lei do mais forte	5
Capítulo 1º - O sertão e o gado	11
Capítulo 2º - A plebe rural	22
Capítulo 3º - O inútil utilizado	27

2a. parte

O PONTEADOR DE OPOSTOS

Capítulo 4º - As linhas do destino: formação do letrado	37
1. O destino duplo de Riobaldo	37
2. A vida passada a limpo	43
3. O fetiche do texto	51
Capítulo 5º - As linhas do destino: formação do jagunço	55
1. O aprendizado	55
2. Diadorim, minha neblina	62
3. Riobaldo, jagunço em dúvidas	72
Capítulo 6º - O certo no incerto: o pactário..	84
1. Os dois crimes de Maria Mutema	84
2. A matriz imagética	88
3. O Diabo na rua, no meio do redemoinho.....	98
4. Certeza, certezas	102

3a. parte

pág.

A FORJADURA DAS FORMAS DO FALSO

Capítulo 7º - A matéria: matéria e matéria imaginária	106
1. O enfoque feudal na tradição letrada	106
2. O imaginário do sertão	113
3. Grande Sertão, sertão, História	120
Capítulo 8º - A linguagem e a fala	128

-X-X-X-X-X-X-

"Frequentemente penso que um jornalista passa a vida obcecado a reunir fatos que lhe permitam mentir, ao passo que o romancista é uma espécie de escravo de sua imaginação, que procura a verdade." (Norman Mailer, O Parque das Corças)

1a. parte - A CONDIÇÃO JAGUNÇA

"Nasci aqui. Meu pai me deu
minha sina. Vivo, jaguncêio..."
(Fala de Jõe Bexiguento) (1)

- (1) João Guimarães Rosa, Grande Sertão: Veredas, Livraria José Olympio Editora, Rio, 1963, 3a. ed., pág. 210. As citações desse romance serão feitas no corpo do texto, com a sigla GSV seguida pelo número da página, a fim de facilitar a leitura.

Introdução

1. O problema

"Deus ou o demo, no sertão..."
(GSV, 528)

Como é o jagunço, ou cangaceiro, ou capanga, ou cabra; o que o leva a se comportar como um criminoso aos olhos do direito codificado; qual é a natureza dêste ser histórico e personagem de nossa mitologia - das sagas populares, da literatura, do teatro e do cinema -; quem é êle, enfim, são questões que de há muito detêm os estudiosos. Também ocupam o centro das reflexões de Riobaldo. "Eu queria decifrar as coisas que são importantes. E estou contando não é uma vida de sertanejo, seja se fôr jagunço, mas a matéria vertente." (GSV, 96)

Aparentemente, o jagunço não é um criminoso vulgar. As noções de honra e de vingança, bem como o cunho coletivo de sua atuação, estão inextricavelmente ligados a sua figura. O jagunço não é um assassino: êle é um soldado numa guerra; o jagunço não mata: êle guerreia; o jagunço não rouba: êle saqueia e pilha. "Crime, que sei, é fazer traição, ser ladrão de cavalos ou de gado... não cumprir a palavra...", diz o grande chefe de jagunços Sô Candelário. (GSV, 252)

A tradição atribui lances cavalheirescos ao jagunço, relatando como reconhece e premia a valentia de um adversário, como por vêzes respeita mulheres e velhos, como tira dos ricos para dar aos pobres. Em ocasiões amenas, assim se porta o bando de Riobaldo. "A dona fazendeira era mulher já em idade fora de galas; mas tinham três o u

quatro filhas, e outras parentas, casadas ou moças, bem or valhosas. Aquietei o susto delas, nenhuma falta de consi deração eu não proporcionei nem consenti, mesmo porque meu prazer era estar vendo senhoras e donzelas navegarem assim no meio nosso, garantidas em suas honras e prendas, e com tôda cortesia social." (GSV, 427). Mas os relatos históri cos de sadismo, torturas requintadas e crueldades sem limi tes também são numerosos; Riobaldo mata, estupra, ince n deia, destrói. E conta de um jagunço aposentado, velho e doente, que dizia: "Me dá saudade é de pegar um soldado, e tal, pra uma boa esfola, com faca cega... Mas, primeiro, castrar..." (GSV, pág. 22)⁽²⁾

É possível, e fácil, ver no jagunço uma fôrça do mal, um delinqüente aquém dos requisitos de humanidade. Também é possível, e sedutor, ver nêle um herói, um revolu cionário, um Robin Hood caboclo. O problema é que essas duas visões são contraditórias e estabelecem um impasse.

2. Um exemplo

"Jagunço - criatura paga para crimes, impondo o sofrer no quieto arruado dos outros, matan do e roupilhando. Que podia? Êsmo disso, dis so queri, por pura toleima; que sensata re s posta podia me assentar o Jõe, broeiro peludo do Riachão do Jequitinhonha? Que podia? A gen te, nós, jagunços, se estava em permissão de fé para esperar de Deus perdão de proteção? Perguntei, quente.

"-Uai?! Nós vive..." - foi o respondido que êle me deu."

(GSV, 209/10)

(2) O livro de Maria Isaura Pereira de Queiroz, Os Canga ceiros - Les Bandits d'honneur brésiliens, Julliard, Pa ris, 1968, apresenta uma excelente seleção de textos que mostram essas duas imagens do jagunço.

O homem do sertão sempre impôs dificuldades à consciência urbana e civilizada que sobre ele se debruça, a fim de estudá-lo. A perplexidade de Euclides da Cunha, um exemplo, vinca Os Sertões do começo ao fim, numa trama de expressões ambíguas e antíteses marcantes.

Ao tratar do sertanejo em geral, como tipo humano, Euclides expressa sua admiração: chama-o de "titã acrobreado e potente",⁽³⁾ recorrendo à ilustre fonte dos mitos gregos para moldar sua imagem, e cunha sua famosa frase "O sertanejo, é, antes de tudo, um forte". Mas, quando passa a falar de sertanejos concretos, com existência histórica, essa admiração aparece mesclada de repulsa.

Descrivendo Antônio Conselheiro, acentua que é le "tinha, na atitude, na palavra e no gesto, a tranqüilidade, a altitude e a resignação soberana de um apóstolo antigo"⁽⁴⁾, simultâneamente com ser um "doente grave"⁽⁵⁾ e um "caso notável de degenerescência intelectual"⁽⁶⁾. O impasse está criado, restando a Euclides o recurso à ambigüidade: "Parou aí, indefinidamente, nas fronteiras oscilantes da loucura, nessa zona mental onde se confundem facínoras e heróis, reformadores brilhantes e aleijões tacanhos, e se acotovelam gênios e degenerados."⁽⁷⁾

O líder de Canudos acabou "indo para a história como poderia ter ido para o hospício"⁽⁸⁾, nesta frase e extraordinária porque rica da perplexidade do autor e da im

(3) Euclides da Cunha, Os Sertões, Livraria Francisco Alves, Rio, 1944, 17ª. ed., pág. 115; segundo advertência inicial dos editores, segue a 5ª, feita segundo correções do autor para uma edição definitiva.

(4) Id., ibid., pág. 150

(5) Id., ibid., pág. 151

(6) Id., ibid., pág. 152

(7) Id., ibid., pág. 153

(8) Id., ibid., pág. 149

penetrabilidade do objeto. Aqui, história e hospício apa-
recem como os termos finais e intercambiáveis da trajetó-
ria dos homens excepcionais: um, o lugar da notoriedade, ou-
tro, o lugar da obscuridade. O comum dos mortais não alcan-
ça nem a história nem o hospício; mas o homem que escapa à
medida comum vai parar indiferentemente num dêles.

As dificuldades de Euclides, que, tenta manter-
se fiel a uma pretendida objetividade científica enquanto
luta com a atração e a repulsa que sente pelos homens que
constituem o assunto de sua reportagem, não se resumem ape-
nas à figura de Antônio Conselheiro. Também a paisagem ur-
bana e os jagunços que nela vivem se contradizem mútuamen-
te. Os homens, aferidos positivamente segundo padrões éti-
cos, são admiráveis; ao passo que o arraial de Canudos re-
cebe uma avaliação negativa por projeção dos conteúdos hu-
manos. Ao contar os episódios da luta, não poupa louvores
às habilidades guerreiras dos jagunços, a sua bravura indo-
mável - o "mameluco" anônimo tomando o canhão a força de
braços, por exemplo⁽⁹⁾ -, a sua dignidade na desgraça - o
prêto feito prisioneiro que ajuda a passar a corda de e n-
forcamento em seu próprio pescoço, sem pedir clemência e
sem tremer⁽¹⁰⁾. Ao contrário, a interpretação que dá à apa-
rência do arraial, com sua "pobreza repugnante, traduzindo
de certo modo, mais do que a miséria do homem, a decrepitu-
de da raça"⁽¹¹⁾, leva-o a dizer que "a tapera colossal pa-
recia estereografar a feição moral da sociedade ali acouta-
da. Era a objetivação daquela insânia imensa"⁽¹²⁾.

Por que Euclides define os jagunços, em sua ge-
neralidade, como "os homens mais bravos e mais inúteis da
nossa terra"?⁽¹³⁾ Mesmo que se desconte o gosto estilísti

- (9) Id., ibid., pág. 276
 (10) Id., ibid., pág. 567/8
 (11) Id., ibid., pág. 185
 (12) Id., ibid., pág. 184
 (13) Id., ibid., pág. 220

co pela antítese, ainda resta um sedimento histórico a explicar: qual a razão dessa bravura e qual a razão dessa inutilidade? E qual é a relação entre bravura e inutilidade? Procurando comprimir o fenômeno em dimensões raciais e mesológicas, de acordo com seus esquemas cientificistas, deixa escapar o essencial, quando acrescenta que os jagunços "dali abalam para as algaras aventureiras alugando a bravura aos potentados"⁽¹⁴⁾. Esses bravos, então, encontram uma utilização, pois que sua bravura é solicitada e remunerada. Os bravos inúteis transformam-se em bravos úteis; a bravura permanece, desaparecida a inutilidade. A análise de Euclides, efetuada com instrumentos defeituosos, não chega a definir a categoria do inútil utilizável - inútil para a produção, e por isso mesmo utilizável pelo poder -. Destarte, a interpretação, por um momento quase à vista, descaiba para o plano racial novamente. "A justiça armada parlamenta com os criminosos; balanceia as condições de um e outro partido; discute; evita os ultimatuns; e acaba ratificando verdadeiros tratados de paz, sancionando a soberania da capangagem impune. Assim os estigmas hereditários da população mestiça se têm fortalecido na própria transigência das leis"⁽¹⁵⁾.

3. A lei e a lei do mais forte

"Acabando um combate, saía esgalopado, revólver ainda em mão, perseguir quem achasse, só aos brados: - "Viva a lei! Viva a lei!..." - e era o pipôco-paco. Ou: "Paz! Paz!" - gritava também; e bala: se entregaram mais dois. - "Viva a lei! Viva a lei!..." Há-de-o, que quilate, que lei, algum soubesse?"

(GSV, 75)

{14} Id., *ibid.*, pág. 220

{15} Id., *ibid.*, pág. 222/3

Se não tirarmos os óculos do direito codificado em normas ideais de conduta, jamais conseguiremos enxergar o suficiente para compreender a realidade do jagunço, êsse compatriota tão inútil quanto utilizado.

O exercício privado e organizado da violência é, ao longo da história brasileira, uma instituição e não uma exceção. "Ah, a vida vera é outra, do cidadão do sertão. Política! Tudo política, e potentes chefias. A pena, que aqui já é terra avinda concorde, roncice de paz, e sou homem particular. Mas, adiante, por aí arriba, ainda fazendeiro graúdo se reina mandador - todos donos de agregados valentes, turmas de cabras no trabuco e na carabina escopetada! Domingos Touro, no Alambiques, Major Urbano no Macaça, os Silva Salles na Crondeúba, no Vau-Vau dona Próspera Blaziana. Dona Adelaide no Campo-Redondo, Simão Avelino na Barra-da-Vaca, Mozar Vieira no São João do Canastrão, o Coronel Camucim nos Arcanjos, comarca de Rio Pardo; e tantos, tantos. Nisto que na extrema de cada fazenda some e surge um camarada, de sentinela, que sobraça o pau-de-fogo e vigia feito onça que come carcaça. Ei. Mesma coisa no barranco do rio, e se descer êsse São Francisco, que aprova, cada lugar é só de um grande senhor, com sua família geral, seus jagunços mil, ordeiros: ver São Francisco da Arrelia, Januária, Carinhonha, Urubú, Pilão Arcado, Chique-Chique e Sento-Sé" (GSV, 107/8).

É uma tradição brasileira secular a presença de uma fôrça armada a serviço de um proprietário rural, grupo de função defensiva e ofensiva; presente dentro da propriedade, para garantir limites, mas igualmente importante por seu desempenho em eleições, seja pelo número de votos que representa, seja pelos votos que pode conseguir por intimidação ou mediante fraude. O braço armado serve para prevenir conflitos e para resolvê-los; a violência é uma prática rotineira, orientando o comportamento dos seres humanos

em todos os níveis. "O senhor sabe: sertão é onde manda quem é forte, com as astúcias. Deus mesmo, quando vier, quem venha armado!" (GSV, 20).

Se focalizamos a observação ao nível das instituições, verificamos que muitos fenômenos, numerosos e diversificados no tempo e no espaço, na realidade são recorrentes e não excepcionais. Fazem jus, inclusive, ao rótulo genérico de instituições do nosso direito público costumeiro, dado por Oliveira Vianna, que encarou a questão de frente (16). Lado a lado na lista dessas instituições, estão a solidariedade da família senhorial, o banditismo coletivo, o fanatismo religioso, o partido do coronel. Os usos e costumes decorrentes dessas instituições cobrem gama variada: a vingança familiar e o nepotismo, os resgates de cidades ocupadas, as seratas e sebaças - nome genérico para saque e depredação, - o assassinio de adversários políticos, a fraude eleitoral, a corrupção das autoridades locais, etc.

Ligados a este "fundo de anarquismo difuso, latente e generalizado" (17), estão a maioria dos movimentos insurrecionais ocorridos no Brasil, chamem-se guerras, revoluções, rebeliões, etc., na colônia como no Império e na República. É o caso das revoltas populares como a Balaiada, a Sabinada, a Cabanada; a guerra dos emboabas e a guerra dos mascates; a guerra dos farroupilhas e a dos maragatos; as agitações locais como a dos serenos no Ceará, dos caramurus em Pernambuco, dos marrões e bundões na Bahia; o

(16) Oliveira Vianna, Instituições Políticas Brasileiras, Livraria José Olympio Editora, Rio, 1955, 2ª ed., 1ª vol., pág. 209 ss.

(17) Id., Ibid., pág. 214

movimento armado de Floro Bartolomeu e Padre Cícero no Ceará, que chegou a depor um presidente de província, e outros análogos, como o de Princesa na Paraíba, o de Honório Lemos em Curralinho da Bahia, a revolução do Acre; e as rebeliões de Pedra Bonita, Canudos, Caldeirão, Pau de Colher, Contestado. Todos êles movimentos armados que põem em cheque a autoridade legal, apenas sua designação varia, de acordo com a qualificação social de seus participantes e chefes. (18)

Se abandonamos o enfoque ao nível das instituições e concentramos a observação ao nível do indivíduo, a parece a mesma determinação costumeira do comportamento, dis tante das normas legais, porém dentro da tradição. Há habitos, usos, modos de viver, tôda uma ética, enfim, constituindo "um sistema puramente costumeiro de motivações e a titudes e determinando, por fim, a conduta real, efetiva, dos homens e dos cidadãos. Conduta, porém, sempre orienta da num sentido diferente, e, às vêzes, em inteira des conformidade com aquêles padrões teóricos das elites nas suas esplendorosas Cartas Constitucionais." (19) Basta lembrar, exemplares por se tratarem de casos extremos e por isso si nalizadores de tantos outros menos graves e mais ignorados,

(18) "Todos os movimentos armados no Brasil foram distinguidos. Insurreição era de negros; bernarda, rebelião e revolta, de gente miúda popular e sertaneja, sem princípios políticos, como a Balaiada, a Cabanagem e a Praieira, embora esta tivesse líderes socialmente classificados, mas com apoio popular; revolução é sempre liberal, de gente socialmente classificada, como os Farrapos, a paulista-mineira de 1842 e a de 1930. Desta data em diante só há golpes de Estado, pois o temor de envolver o povo, cheio de reivindicações sociais, ensina as facções divergentes a procurar o assalto rápido e, se possível, sem derramamento de sangue." José Honório Rodrigues, Conciliação e Reforma no Brasil, Editora Civilização Brasileira, Rio, 1965, pág. 126.

(19) Oliveira Vianna, op. cit., 1^o vol., pág. 218

o comportamento ratificado pela ética costumeira que está na raiz da carreira de muitos bandoleiros famosos, de Lampião a Pancho Villa, a isso levados por vingança a delitos de honra.

Na tipologia das instituições do direito público costumeiro, falta ainda estabelecer um nexo de análise entre essas várias instituições - a solidariedade da família senhorial, o partido do coronel, o banditismo coletivo, etc. - e o sistema global de que fazem parte. Todas elas se reportam a um regime autoritário de dominação, ao poder que emana de cima, do chefe ou senhor; a massa da população, a ele submetida, não conheceu qualquer forma de organização que lhe fôsse própria e defendesse seus interesses. A razão disso está em que "O povo dos moradores, subordinado ao senhor do engenho ou da fazenda, vivia à margem, sem participação direta e autônoma na administração da economia produtiva e social do engenho ou da fazenda. Era um corpo marginal, adscritício, sem contacto com a massa operária do domínio (reduzida, aliás, à população escrava) - e inteiramente desvinculado da economia senhorial"⁽²⁰⁾. Ainda mais, "todo trabalho produtivo aqui se resumia no labor da massa escrava - e esta dispensava a colaboração do "morador" e do "colono", isto é, do homem livre. O grande domínio brasileiro, a "fazenda" ou o "engenho" - ao contrário do grande domínio feudal europeu, - nunca pôde constituir-se, justamente por isto, numa escola de educação do povo-massa para cooperação - no sentido de realizar qualquer interesse coletivo da comunidade moradora nêle: o labor escravo dispensou ou impediu esta articulação entre o senhor do domínio e o povo-massa livre nêle residente"⁽²¹⁾.

(20) Id., Ibid., pág. 353

(21) Id., ibid., pág. 357

Essas massas subordinadas ao dono da terra são por êle arregimentadas, seja para a defesa da propriedade, seja para objetivos eleitorais; é assim que se vêm a constituir as unidades mínimas de poder no país. Dessas unidades e das alianças entre os senhores que as lideram originam-se os partidos municipais, estaduais e nacionais.

O fenômeno do chamado banditismo aparece assim inserido no cerne mesmo da organização sócio-econômico-política. Não como um acidente ou uma exceção, mas em sua necessidade histórica, da qual decorrem igualmente outras práticas costumeiras e tipos sociais, como "o capanga ou o cabra com a sua derivante: o matador pago. E o cangaceiro com as suas instituições: os resgates, as sebaças, as seratas. E o potentado (em "arcos", em "escravos" ou em "cabras") (...) E a imunidade policial do feudo. E o dever de fidelidade e obediência do "morador" ao senhor do domínio. E o dever correspondente dêste de proteção e assistência aos seus moradores. Tudo isto é de formação anterior e foi o período colonial que nos preparou e legou ao IV século."
(22)

Capítulo 1º

O SERTÃO E O GADO

"O sertão aceita todos os nomes: aqui é o Gerais, lá é o Chapadão, lá acolá é a Caatinga."

(GSV, 461)

Dá-se o nome de sertão a uma vasta e indefinida área do interior do Brasil, que abrange boa parte dos Estados de Minas Gerais, Bahia, Sergipe, Alagoas, Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Ceará, Piauí, Maranhão, Goiás e Mato Grosso. É o núcleo central do país. Sua continuidade é dada mais pela forma econômica predominante, que é a pecuária extensiva, do que pelas características físicas, como tipo de solo, clima e vegetação. Embora uma das aparências do sertão possa ser radicalmente diferente de outra não muito distante - a caatinga seca ao lado de um luxuriante barranco de rio, o grande sertão rendilhado de suas veredas -, o conjunto delas forma o sertão, que não é uniforme, antes bastante diversificado.

"O senhor tolere, isto é o sertão. Uns querem que não seja: que situado sertão é por os campos-gerais a fora a dentro, êles dizem, fim de rumo, terras altas, de mais do Urucúia. Toleima. Para os de Corinto e do Curveiro, então, o aqui não é dito sertão? Ah, que tem maior! Lugar sertão se divulga: é onde os pastos carecem de fechos; onde um pode torar dez, quinze léguas, sem topar com casa de morador; e onde criminoso vive seu cristo-jesus, arredado do arrôcho de autoridade. O Urucúia vem dos montões cestos. Mas, hoje, que na beira dêle, tudo dá - fazendões

de fazendas, almargem de vargens de bom render, as vazantes; culturas que vão de mata em mata, madeiras de grossura, até ainda virgens dessas lá há. O gerais corre em volta. Esses gerais são sem tamanho. Enfim, cada um o que quer aprova, o senhor sabe: pão ou pães, é questão de opiniões... O sertão está em toda parte" (GSV, 9).

Ao estudar a formação histórica do interior do Brasil, Capistrano de Abreu já observara essa diversidade: "Os primeiros colonos evitavam os caatingais; nos requerimentos de sesmaria alegam sempre que as terras não têm pastos suficientes, por causa das caatingas. Mais tarde, porém, acomodaram-se com elas: porque entre um tronco e outro há sempre comédia; entre uma caatinga e outra há sempre campos (...). Finalmente, estas matas virgens plebéias (...) revestem formas muito diferentes, que podem emparelhar quase com as florestas próceras do litoral ou nivelar-se com o campo rasteiro".⁽²³⁾

É a presença do gado que unifica o sertão. Na caatinga árida e pedregosa como nos campos, nos cerrados, nas virentes veredas; por entre as pequenas roças de milho, feijão, arroz ou cana, como por entre as ramas de melancia ou jerimum; junto às culturas de vazante como às plantações de algodão e amendoim; lá está o gado, nas planícies como nas serras, no descampado como na mata. As rêses pintalgam qualquer tom da paisagem sertaneja, desde a sépia da caatinga no tempo das sêcas até o verde vivo das roças novas no tempo das águas.

O boi é presença marcante no Grande Sertão: Veredas. É o mundo da pecuária extensiva que ali está representado, como substrato material de existência; por isso, raramente em primeiro plano, mas formando a continuidade do espaço e fechando seu horizonte, impregnando a linguagem e desde os incidentes narrativos até a imagética. O gado fi

(23) Capistrano de Abreu, Caminhos Antigos e Povocamento do Brasil, Livraria Brigueit, 1930, págs. 79/80

gura praticamente em tôdas as páginas: da primeira, em que Riobaldo fala do "bezerro erroso", às últimas, quando reencontra Zé Bebelo que acabara de "negociar um gado". Em suas andanças, os jagunços de Guimarães Rosa estão sempre cruzando seus caminhos com os caminhos do gado; encontram vaqueiros, boiadeiros e rêses. Os bois que encontram são indícios do que devem esperar das redondezas; se ariscos e bravios, não há gente por perto; se magros, apontam para a penúria do local, se bem nutridos são sinal de fartos recursos naturais.

A importância fundamental do gado no sertão se inscreve na frequência dos toponímicos do romance: Vereda-da-Vaca-Mansa-de-Santa-Rita, Lagoa-do-Boi, Curral de Vacas, Lagoa dos Marruás, Vau da Boiada, Vereda Saco dos Bois, Currais do Padre, Curral Caetano, Chapéu-do-Boi, Lugar-do-Touro, Barra-da-Vaca, Bambual-do-Boi, Curralinho onde Riobaldo passa sua adolescência, Cachoeira-dos-Bois, Fazenda Boi Prêto, Vargem-da-Cria, Vereda-da-Vaca-Preta, Ribeirão Gado Bravo. Riobaldo diz, de rios e ribeirões, que já molhou mão em muitos do Boi ou da Vaca. Até mesmo alguns jagunços levam no nome a imprimadura do gado: João Vaqueiro, Marruaz, Carro-de-Boi. A cantiga de Siruiz, referência rica de lembranças para Riobaldo, fala em "meu boi môcho bae tão". Os jagunços cantam a Moda-do-Boi, e quando Medeiro Vaz morre Riobaldo se lembra dos versos: "Meu boi prêto mo cangueiro, / árvore para te apresilhar?"

Os objetos do cotidiano, feitos de couro e chifre, trazem nêles o pêsso de rústico modo de vida. Longe de constituírem inventário folclórico, de praxe no mau romance indianista e regionalista, lembram antes página famosa de Capistrano de Abreu ao definir o estágio cultural da "época do couro"⁽²⁴⁾. Assim, rica de significado é a capanga

(24) Capistrano de Abreu, Capítulos de História Colonial, Livraria Briguiet, 1934, 3ª ed., pág. 143

"bordada e historienta" em que Diadorim guarda seus uten-
sílhos de cuidado pessoal e que posteriormente presenteia a
a Riobaldo. Assim também, e mais ainda, o couro comparece
na agonia de Medeiro Vaz: "Para agasalhar Medeiro Vaz, ti-
nham levantado um boi - o senhor sabe: um couro só, espeta-
do numa estaca, por resguardar a pessoa do rumo donde vem
o vento - o bafe-bafe. Acampávamos debaixo de grandes ár-
vores" (GSV, 76). E couros servem ao ritual respeitoso e
solidário da morte: "E deu à panca, troz-troz forte, como
de propósito: uma chuva de arrôbas de pêsso. Era quase so
noite. Reunidos em volta, ajoelhados, a gente segurava uns
couros abertos, para proteger a morte dêle. Medeiro Vaz -
o rei dos gerais -; como era que um daquele podia se a c a
bar?" (GSV, 76)

Riobaldo, repetindo que rio de seu amor é o Uru-
cua - "chapadão onde tanto boi berra" -, utiliza-se d o s
bovinos como têrmos de comparação em seu falar sentencioso:
"Todo boi, enquanto vivo, pasta" (GSV, 422). E: "De graça
berra é o boi, tirante a vaca" (GSV, 552).

Matéria que informa a percepção do narrador-per-
sonagem, bois e boiadas lhe servem para a construção de i-
magens que modelem seus chefes e companheiros, bem como as
relações entre êles. Os jagunços são vistos como rebanho
e só os chefes merecem imagens individuais. Assim, falan-
do dos ajustes dos bandos, diz que têm "semêlho, mal compa-
rando, com o govêrno de bando de bichos - caititú, boi, boia-
da, exemplo" (GSV, 160); "A jagunçama veio avançando, feito
um rodear de gado" (GSV, 245). E, após o julgamento de Zé
Bebelo, ao sinal dado por Joca Ramiro, todos se levantam,
"feito um boi só, ou um gado em círculos" (GSV, 266).

Riobaldo, agora chefe Urutu Branco, firme e m
sua intenção final de dar cabo do inimigo, põe-se nessa i-
magem: "Acabar com o Hermógenes! Assim eu figurava o Hermó-

genes: feito um boi que bate" (GSV, 508). Outro chefe, Ricardão, tinha "pêso de tanta corpulência, a coisa de ze bú guzerate" (GSV, 253). A pronta decisão de outro é a gsim gabada: "João Goanhá ia na vaca e no boi: não estava com por'oras" (GSV. 284).

Mais rica e impressiva que tôdas é a que refere a morte de Joca Ramiro: "Joca Ramiro podia morrer? Como podiam ter matado? Aquilo era como fôsse um touro prêto, sòzinho surdo nos êrmos da Guararavacã, urrando no meio da tempestade. Assim Joca Ramiro tinha morrido" (GSV, 281). Símile de grande morte, dá conta do mêdo primitivo ante fôrças naturais desencadeadas, ante a solidão e o desamparo, ante o inexplicável e o absurdo. Essa comparação volta para narrar a morte de Medeiro Vaz, que "morreu em pedra, como o touro sòzinho berra feio; conforme já comparei, uma vez: touro prêto todo urrando no meio da tempestade" (GSV, 293).

A imagética respeita a hierarquia traçada: para os jagunços, a boiada; para os chefes, bois individuais; só para os dois superchefes o touro: para Joca Ramiro, "grande homem príncipe" (GSV, 18), "imperador em três alturas" (GSV, 170), e para Medeiro Vaz, "o rei dos gerais" (GSV, 76, 62, 285), ou seja, para o chefe maior da banda de lá do Rio e para o chefe maior da banda de cá do Rio.

A presença esparsa e constante do gado solto é a marca do Grande Sertão. "Lugar sertão se divulga: é onde os pastos carecem de fechos" (GSV, 9). Ali predomina a criação à gandaia, forma rudimentar e primária de produção, com capital parco e escassa força de trabalho, que mais se aproxima da coleta de frutos naturais comercializáveis do que da produção para o mercado típica⁽²⁵⁾.

E assim é desde o início da ocupação do sertão até hoje⁽²⁶⁾.

As origens históricas esclarecem o quadro. Economicamente subalterna porque limitada pelo interesse maior da produção agro-industrial - açúcar, logo, e mais tarde também café -, a criação de gado foi empurrada para as regiões de solo pouco fértil, que só mesmo a isso se prestaria.

(25) Essa situação se encontra examinada e criticada num documento do tempo do Império -1865-, o qual, assumindo a perspectiva dos processos de comercialização, mostra alguns elementos da pecuária no Brasil já considerados vetustos e imperfeitos cem anos atrás. É o comprador que se locomove e vai até às longínquas fazendas comprando o gado que consegue encontrar, para depois lá conduzi-lo às feiras regionais, onde o gado é adquirido pelos invernistas. Após alguns meses de engorda nas invernadas, o gado é vendido aos boiadeiros que vão levá-lo até a Côrte e outros centros consumidores, para vendê-lo em pé aos marchantes, que o abatem e revendem a carne aos açougueiros. As perdas são grandes e o lucro insignificante para todos aqueles envolvidos no processo, inclusive os criadores; gera-se assim um círculo vicioso que tende à estagnação, já que impossibilita o reinvestimento e o aumento da produção. V. Ms. do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Lata nº 388, doc. nº 51, apud José Alípio Goulart, Brasil do Boi e do Couro, Edições GRD, Rio, 1965, vol. 1º, pág. 103. É em outras áreas, fora do sertão, que hoje se faz a criação intensiva e racionalizada como um empreendimento industrial, com gado estabulado, alimentação controlada para obtenção do máximo de carne e de leite, cruzamentos selecionados, etc.

(26) "Pouco mais que uma rudimentar indústria extrativa", é como a define Caio Prado Jr., Formação do Brasil Contemporâneo, Editora Brasiliense, S. Paulo, 1961, 6ª ed., pág. 183

"Do que não pode haver dúvida é que as caatingas pouco remuneraram a lavoura, como então, mais ainda que hoje, se praticava-simples latrocínio da natureza, sem compensação alguma oferecida por parte do homem. Urgia dar-lhes destino, mesmo porque a área dos caatingais era enorme, e descurá-la tanto montava a deixar sem proveito a maior parte do país. A criação do gado resolveu o problema" (27).

A ocupação do sertão pelo gado é um episódio da expansão do capital. A implantação do capitalismo no continente europeu iniciou-se pela acumulação proveniente do comércio internacional e pela expropriação do solo das mãos dos camponeses. Esta expropriação visava, de um lado, criar mão-de-obra desocupada para trabalhar na indústria, e de outro aproveitar esse solo na produção de matérias-primas passíveis de industrialização (pastos para carneiros, plantações de linho, etc.). A colonização atendeu duplamente ao comércio internacional e à necessidade crescente de mão-de-obra, que os países europeus iam buscar na Ásia, na África e nas Américas. Nestas, a mão-de-obra conseguida foi inferior às necessidades, embora sua obtenção fôsse um dos objetivos primordiais dos descobrimentos, do povoamento, das entradas e das bandeiras, a par com a busca mercantilista de metais preciosos; e, como fonte de produtos comerciais, o Brasil, especialmente, tinha pouco a oferecer, ao contrário de Ásia, África e colônias espanholas. Por isso, passou-se à fase do empreendimento capitalista na própria colônia, atendendo-se ao requisito de produzir exclusivamente artigos que não concorressem com os da metrópole. Essa foi a determinação da produção de gêneros tropicais na colônia, iniciando-se assim a plantação de cana e o fabrico do açúcar. Importa assinalar, todavia, que a nova fase não implicou no imediato encerramento das demais; tudo isso -

(27) Capistrano de Abreu, op. cit., pág. 78

coleta de produtos já em estado comerciável, apresamento de mão-de-obra, abertura de mercados para venda da produção industrial marginal e produção mercantil na própria colônia - coexistiu, cada qual em seu estágio peculiar de desenvolvimento⁽²⁸⁾.

A lógica do capital determinou que as melhores terras, as litorâneas e férteis, fôsem reservadas para a lavoura da cana; a produção do açúcar, baseada no braçoes cravo, ocupa a posição de empreendimento prioritário que determina a posição de todos os demais. Mas, para que a produção do açúcar fôsse possível, era preciso garantir a subsistência de tôdas as pessoas envolvidas no processo produtivo e em sua comercialização: e essa é a razão da criação de gado. Exatamente gado e não outra solução qualquer, porque o gado também podia fornecer, como de fato forneceu em escala nada desprezível, fôrça-de-trabalho para o engenho.

De um lado, portanto, havia necessidade de alimento e de fôrça-de-trabalho; de outro, havia terra soo brando, embora terra não econômicamente aproveitável para o empreendimento principal, que era o açúcar. Esses são os determinantes da expansão da pecuária no sertão. Afora isso, há outros fatores que, embora não essenciais, facilitaram essa expansão e a incrementaram enormemente. Um deles é a desnecessidade de transporte; num meio totalmente desprovido de facilidades, "o gado, essa mercadoria que se transporta"⁽²⁹⁾, é solução viável. Como diz um cronista colonial, "os gados não necessitam de quem os carregue; êles são os que sentem nas longas marchas todo o pêso do seu corpo e apenas se faz necessário que haja quem os en

(28) Reporto-me à análise clássica de Marx sôbre a acumulação primitiva, n' O Capital, Livro 1º, Tomo III, Editions Sociales, Paris, 1950.

(29) Irineu Joffily, "Notas sôbre a Paraíba", apud Capistrano de Abreu, Ensaios e Estudos, 1ª. série, Livraria Briguiet, 1932, pág. 225.

caminhe."(30) Outro fator, não menos importante, é a necessidade mínima de capital e de fôrça-de-trabalho para essa empresa; quanto à terra, bastava ser-se socialmente qualificado e requerê-la em sesmaria.

A pecuária foi uma espécie de filha-pobre da economia colonial: se o empresário tinha capital, teria boas terras para plantar cana e escravos para trabalhar na lavoura e nos engenhos; se não tinha, estava obrigado a se contentar com o solo sáfaro do sertão e com a empresa que se sem investimento de criar gado. Para tanto, "pouco se muda à superfície da terra; levantada uma casa coberta pela maior parte de palha, feitos uns currais e introduzidos os gados, estão povoadas três léguas de terra"(31). Aí está o escasso ônus do investimento inicial. Os braços para o trabalho eram necessários em pequena monta e, pelo que sugerem as indicações dos historiadores, emprestados de boa-vontade para uma faina que não era considerada das piores. Seja para o vaqueiro, que cuida do gado dentro da fazenda, seja para o boiadeiro, que se encarrega da condução das boiadas fora delas, o gado propiciou tarefas não tidas por vis na sociedade colonial(32): o fato é que a pecuária sertaneja sempre foi trabalho para homens livres.

As lides da pecuária extensiva, tal como foi e é praticada no sertão, desobrigam o trabalhador da labuta

(30) "Roteiro de Maranhão a Goiás pela Capitania do Piauí", apud Capistrano de Abreu, Caminhos Antigos e Povoamento do Brasil, Livraria Briguiet, 1930, pág. 100

(31) Id., ibid., pág. 100; a mesma citação se encontra em Caio Prado Jr., op. cit., pág. 186

(32) Acerca do "labéu tradicionalmente associado aos trabalhos vis a que obriga a escravidão", v. Sérgio Buarque de Holanda, Raízes do Brasil, Livraria José Olympio Editora, Rio, 1969, 5a. ed. revista, sobretudo o Cap. II - "Trabalho e Aventura"; cito a pág. 25

no cabo da enxada, de sol a sol, quotidianamente. De um lado, a perambulação que ela implica dá, no mínimo, um simulacro físico da liberdade; de outro, e não menos importante, é um ofício em que se anda a cavalo, e isto, por si só, é sinal de posição desde a Ibéria⁽³³⁾. "O pobre sòzinho, sem um cavalo, fica no seu, permanece, feito numa crôa ou ilha, em sua beira de vereda. Homem a pé, êsses Gerais comem" (GSV, 351). É assaz conhecido em nossa tradição o sinal de qualificação social que a posse do cavalo confere, implícita não só em sua propriedade, mas também, p or contigüidade, em seu mero uso.

Antonil, em texto que veio a lume pela primeira vez em 1711, já assinalava a preferência que os coloniais de tôdas as côres tinham pelas lides do gado, conquanto só se refira aos boiadeiros: "cada dia chegam boia das. Os que as trazem são brancos, mulatos, e pretos, e também índios, que com êste trabalho procuram ter algum lucro"⁽³⁴⁾. Menciono ainda Euclides da Cunha, que fala dos "grandes gerais, desmedidas arenas feitas à sociedade rude, libérrima e forte dos vaqueiros..."⁽³⁵⁾; e, referindo

(33) Numa petição do privilégio de "viver à lei da Nobreza", do princípio do século XVIII em Portugal, figura como argumento o seguinte: que "suposto no seu princípio tivessem ambos o ofício de Sapateiro, depois que se ausentaram para o Alentejo se trataram com gravidade e decência, andando a cavalo e tendo seus criados"; apud José Alípio Goulart, O Cavalo na Formação do Brasil, Editora Letras e Artes Ltda., Rio, 1964, pág. 24. No livro V das Ordenações Afonsinas, o cavalo merece destaque graças ao caráter dignificante de sua relação com o homem: "entre tôdas as alimárias que Deus fêz e criou para o homem, a melhor e a mais prezada é o cavalo, que foi criado e feito para a guarda e honra da pessoa e corpo do homem, e das suas coisas..." Id., ibid., pág. 24

(34) Antonil, Cultura e Opulência do Brasil por suas Drogas e Minas, Conselho Nacional de Geografia, 1963, pág. 96.

(35) Euclides da Cunha, op. cit., pág. 100

se agora ao vaqueiro gaúcho e não ao vaqueiro sertanejo , comenta que êle tem "o trabalho como uma diversão que lhe permite as disparadas, domando distâncias, nas pastagens planas..."(36), afirmação que deve sem dúvida ser tomada cum granu salis, por seu conteúdo idealizador de duro labor alheio.

Dois outros elementos característicos do trabalho na pecuária requerem registro: o fato de o objeto do trabalho ser o animal e não a máquina e seus produtos, e o caráter da remuneração. Esta dupla condição do objeto de trabalho, animal doméstico e êle próprio remuneração - um de cada quatro bezerros, modo de pagamento tão tradicional que já era citado pelo "Roteiro de Maranhão a Goiás"(37) e muito mais tarde é ainda encontrado por Euclides da Cunha(38) traz contida nela uma relação específica. De um lado, implica numa "proximidade física e afetiva que hoje mal podemos avaliar", baseada em "vínculos profundos entre homem e animal, originados nas fases em que êste foi domesticado"(39), e que se encontram, via de regra, nas sociedades primitivas ou rústicas. Nelas, a percepção dos seres naturais é parte integrante da vida, como fonte de informação, como fruir de companhia, como garantia de sobrevivência. Basta lembrar o papel importante que tem o ensino da observação e deleite da natureza e dos bichos feito por Diadorim a Riobaldo. De outro lado, cuidar de gado e receber em paga a quarta dos bezerros, encadeia o homem à possibilidade de passar de empregado a dono. É o que observa agudamente o autor do "Roteiro", dando afinal conta da atração maior que êsse trabalho exerce sôbre os homens : "os mulatos, os mestiços e os prêtos forros, tão avêssos a todo trabalho, entregam-se com gôsto a êste, na esperança de um dia virem a ser fazendeiros..."(40)

(36) Id., *ibid.*, pág. 117

(37) "Roteiro...", *id.*, *ibid.*, pág. 100

(38) Euclides da Cunha, *op. cit.*, pág. 124

(39) Antonio Candido, Os Parceiros do Rio Bonito, Livraria José Olympio Editora, Rio, pág. 205

(40) "Roteiro...", *id.*, *ibid.*, pág. 100

Capítulo 2º

A PLEBE RURAL

"Quem é pobre, pouco se apega, é um giro-o-giro no vago dos gerais, que nem os pássaros de rios e lagoas. O senhor vê: o Zé-Zim, o melhor meeiro meu aqui, risonho e habilidoso. Pergunto: - "Zé-Zim, por que é que você não cria galinhas-d'angola, como todo o mundo faz?" "-Quero criar nada não..." -me deu resposta: - "Eu gosto muito de mudar..." Está aí, está com uma mocinha cabocla em casa, dois filhos dela já tem. Belo um dia, êle tora. É assim. Ninguém discrepa. Eu, tantas, mesmo digo. Eu dou proteção."

(GSV, 41/2)

A massa da população do meio rural brasileiro congrega, ao longo de nossa história, todos aqueles que não são nem senhores nem escravos. No quadro histórico global, vemos, de um lado, a grande propriedade agrícola produzindo para o mercado externo, com seus dois elementos humanos essenciais, o proprietário-capitalista e o escravo, e mais aqueles a ela mediadamente ligados, como o comerciante, o funcionário, etc. De outro lado, avulta uma imensa massa humana excluída do processo produtivo principal, e que vive como pode, aplicada a atividades marginais e esporádicas. Essa massa, constituída por todos os que não têm meios de vida, representa a maioria da população livre do

país. Com o passar do tempo, ela cresceu cada vez mais, seja vegetativamente, seja pelo brusco encerramento de um ciclo econômico, que jogava mais gente nessas condições. Seu grande contingente, sua desocupação e disponibilidade foram preocupações constantes para os administradores da colônia e, posteriormente, para os dirigentes do Império e da República, fonte que era de turbulência e desordem, risco para a ordem pública⁽⁴¹⁾.

Em toda parte, e em todas as épocas, encontram-se referências a essa plebe desafortunada. Em seu estudo sobre a cultura caipira, Antonio Candido fala do "verdadeiro flagelo" criado pela ociosidade que seguiu à sedentarização no Centro-sul: "Aí, se as camadas superiores puderam afazendar-se graças à cana-de-açúcar e ao braço negro, as demais contribuíram com uma quota apreciável de desocupados, de aventureiros deixados sem enquadramento pela desbandeirização (se fôr permitido o termo), e que contribuíram para a massa de agregados, posseiros e desbravadores, que se estabilizariam em grande parte no nível de sitiante, mas que formariam também os valentões, autônomos ou a sôldo. O recrutamento, as expedições oficiais ou oficiosas ao sertão remoto, as guerras do Sul na segunda metade do século XVIII e comêço do século XIX parecem ter canalizado as formas mais desordenadas dessa perigosa viagem, objeto de instruções reiteradas dos capitães-generais"⁽⁴²⁾.

No meio rural, êsses desocupados tornam-se geralmente agregados e moradores, isto é, dependentes do fazendeiro. Isso é o que se passa nas grandes monoculturas baseadas no braço escravo e se passa igualmente nas grandes fazendas da pecuária extensiva, que ocupam braços livres. "Socialmente, há duas classes no sertão: os proprie

(41) V.o exame detido dessa camada da população que faz Caio Prado Jr., op. cit., pág. 279 ss.

(42) Antonio Candido, op. cit., pág. 64

tários e os moradores ou agregados. Estes constituem talvez 80% da população do interior." (43)

A liberdade absoluta dêesses homens, que deriva da falta de tudo - de propriedade, tradição, raízes, qualificação profissional, instrumentos de trabalho, direitos e deveres -, tem como corolário a dependência também absoluta. O único meio de sobreviver é colocar-se sob a "proteção" de um poderoso. É o que mostra a fala de Riobaldo, agora fazendeiro, e que dela dependeu quando era um pobre menino sem pai: "Eu dou proteção. (...) Essa não faltou também à minha mãe, quando eu era menino, no sertãozinho de minha terra (...). Gente melhor do lugar eram todos dessa família Guedes, Jidião Guedes; quando saíram de lá, nos trouxeram junto, minha mãe e eu. Ficamos existindo em território baixio da Sirga, da outra banda, ali onde o de-Janeiro vai no São Francisco, o senhor sabe." (GSV, 42).

Esta plebe rural numerosa, que foi genéticamente determinada por sua exclusão do processo econômico, encontra sua possibilidade material de sobrevivência na peculiaridade do latifúndio. Seja nas fazendas voltadas para a produção mercantil, seja nas fazendas de gado, há terra sobrando. Em ambos os casos, isso se deve às técnicas rudimentares de exploração: no caso da agricultura, é preciso muito solo para que, uma vez esgotada uma plantação, seja possível utilizar outro trato de chão, enquanto aquele se recupera do desgaste; no caso do gado, criado solto em pastos naturais, só uma grande extensão pode fornecer-lhe o alimento necessário (44). Essa terra em excesso não é, todavia, livre; ela pertence sempre a um proprietário, que tem o direito de permitir que alguém nela more e pratique uma pequena lavoura de subsistência. Este é o tipo

(43) Cavalcânti Proença, Ribeira do S. Francisco, Biblioteca Militar, Vol. LXXVI, Gráfica Laemmert Ltda., Rio, 1943, pág. 184

(44) Dez hectares por cabeça, segundo Celso Furtado, Dialética do Desenvolvimento, Editora Fundo de Cultura, Rio, 1964, pág. 164

puro do morador; mas, de uma ou de outra maneira, o morar "de favor" em terra alheia traz implícito o compromisso pessoal com o proprietário da terra, haja ou não contrato de trabalho e seja qual for a variante assumida pela condição comum - agregado, morador, parceiro, meeiro, camaráda, vaqueiro, fábrica, etc.

A condição comum é caracterizada pela existência física e social baseada em mínimos vitais e sociais: "um grupo ou camada vive segundo mínimos vitais e sociais quando se pode, verossimilmente, supor que com menos recursos de subsistência a vida orgânica não seria possível, e com menor organização das relações não seria viável a vida social: teríamos fome no primeiro caso, anomia no segundo" (45). Tais mínimos se expressam em trabalho rudimentar e esporádico, alimentação insuficiente, frouxa trama da organização social, produção cultural quase inexistente. Decorre daí a típica mobilidade do homem pobre do meio rural: os laços que o prendem ao lugar são facilmente rompíveis.

A natureza da unidade produtiva prioritária no Brasil, - a fazenda -, simultaneamente empresa e lar, produção e vida doméstica, relações categóricas capital/trabalho e relações pessoais de indivíduo para indivíduo - em si mesma contraditória, fixou um quinhão também contraditório para o homem pobre. Dispensável ao processo produtivo, encontra sua subsistência em atividades residuais, para o exercício das quais depende da autorização do dono da terra. O direito de moradia, contrato verbal de pessoa para pessoa, expressando uma ordem de relações, implica na reciprocidade de serviços por parte do morador. Mas a outra ordem de relações, regida pelo interesse, leva frequentemente o fazendeiro a expulsar o morador quando precisa das terras anteriormente cedidas. Sua lealdade, portanto,

(45) Antonio Candido, op. cit., pág. 13

é alternadamente solicitada e violada. Uma vez expulso, resta-lhe pôr o pé na estrada e procurar outro senhor⁽⁴⁶⁾.

Na ordem de interesses, seu lugar é precário já que não é essencial ao processo produtivo, tanto na órbita da monocultura, onde não é nem senhor nem escravo, portanto nem proprietário nem força de trabalho significativa, como na pecuária extensiva, onde a faina pede poucos braços e mesmo êsses facilmente substituíveis. A área em que se move é a área das relações pessoais e contingentes, seja com seus companheiros de destino, seja com os poderosos dos quais depende: "jagunço não é muito de conversa continuada nem de amizades estreitas: a bem êles se misturam e desmituram, de acaso, mas cada um é feito um por si" (GSV, 29).

Destituído de formas organizatórias e institucionais que regulamentem suas relações com os demais homens, os conflitos, por mínimos que sejam, só podem ser resolvidos mediante a violência. "Em seu mundo vazio de coisas e falta de regulamentação, a capacidade de preservar a própria pessoa contra qualquer violação aparece como a única maneira de ser: conservar intocada a independência e ter a coragem necessária para defendê-la, são condições de que o caipira não pode abrir mão, sob pena de perder-se. A valentia constitui-se, pois, como o valor maior de suas vidas"⁽⁴⁷⁾.

É isto que o percuciente Riobaldo está expressando, quando diz: "Em jagunço com jagunço, o poder sêco da pessoa é que vale" (GSV, 79).

(46) Para uma análise aprofundada da condição de homem pobre no meio rural, v. Maria Sylvia Carvalho Franco, Os Homens Livres na Velha Civilização do Café, tese de doutoramento apresentada à FFCLUSP, S. Paulo, 1964

(47) Id. *ibid.*, pág. 114

Capítulo 3º

O INÚTIL UTILIZADO

"Jagunço é isso. Jagunço não se escabrêia com perda nem derrota - quase que tudo para êle é o igual. Nunca vi. Para êle a vida já está assentada: comer, beber, apreciar mulher, brigar, e o fim final."

(GSV, 55)

Livre, e por isso mesmo dependente. Sem ternada de seu, e por isso mesmo servidor pessoal de quem tem. Inconsciente de seu destino, e por isso mesmo tendo seu destino totalmente determinado por outrem. Sem causas a defender, e por isso mesmo usado para defender causas dos outros. Avulso e móvel, e por isso mesmo chefiado autoritariamente e fixado em sua posição de instrumento. Pôsto em disponibilidade pela organização econômica, que não necessita de sua fôrça de trabalho, e por isso mesmo encontrando quem dêle disponha, para outras tarefas que não as da produção. Tal é a condição dessa imensa massa de sujeitos disponíveis em suas "existências avulsas"⁽⁴⁸⁾, que estavam aí para serem usados, e que o foram, ao longo de tôda a história brasileira.

Assinale-se, sobretudo, que esta prestação de serviços pode ir até o crime, que nada mais é que uma das muitas obrigações devidas ao protetor: "para os misteres violentos, que estavam implícitos na concessão de moradia, não foram mobilizados indivíduos marginais, mas homens que pareciam viver dentro da normalidade e procuravam garantir um teto para si e para os seus, o que estava na dependên-

(48) Maria Sylvia Franco Moreira, op. cit., pág. 359

cia de também defenderem os interesses alheios" (49).

Esse grande setor da população brasileira, o "povo-massa" ou "plebe rural" de Oliveira Vianna, nunca conseguiu constituir organizações representativas de seus próprios interesses. As peculiaridades do povoamento - feito em unidades econômicas constituídas em propriedades rurais - resultaram na formação de pequenos núcleos, isolados uns dos outros, onde a autoridade suprema era o senhor. Os que não pertenciam à família nem eram escravos, eram todos agregados, e tinham por função inicial a defesa da propriedade e da família do proprietário - defesa contra os índios, contra quilombolas, contra piratas no litoral, mas também defesa de limites, que eram todos mal demarcados, defesa de boas aguadas para o gado, etc. Assim, os objetivos defensivos pouco se distinguem dos ofensivos, pois questões de limites e aguadas entre vizinhos levam a guerras prolongadas, depredações em fazendas alheias, represálias, etc. Foi dessa maneira que se gerou o que Oliveira Vianna chama, à falta de melhor rótulo, de "clã feudal", ou seja, o senhor e sua força armada para a defesa e expansão da propriedade; o "clã feudal", somado aos elementos não-combativos, formava a totalidade do "clã rural", ou seja, a unidade-fazenda. O fazendeiro-chefe de clã fazia alianças, em geral baseadas no parentesco, com outros fazendeiros-chefes de clã. Daí resultavam aglomerados maiores, em que vários fazendeiros aparentados se uniam para a defesa e o ataque contra outra ou outras alianças de outros fazendeiros aparentados: êste é o "clã parental".

Seja na unidade primária, seja no aglomerado, quem manda é o senhor; quando aliados, a organização resulta horizontal, em que cada senhor entra com seus braços armados. Sendo uma aliança entre senhores, os braços armados não se organizam uns com os outros; a relação dê

(49) Id., *ibid.*, pág. 360

les é apenas com seu senhor.

É isso que Riobaldo, principiante na jagunçagem, custa a entender. Vê que há vários chefes, e muitos homens mandados. "Atinei mal, no comêço, com quem era que mandava em nós todos. O Hermógenes. Mas, perto duns cinquenta - nesse meio o Acauã, Simião, Luís Pajeú, Jesualdo, e o Fafafa - obedeciam a João Goanhá, eram dêle. E tinha um grupo de brabos do Ricardão. Onde era que estava o Ricardão? Reunindo mais braços-de-armas, beira da Bahia. Se esperava também a vinda de Sô Candelário, com os seus. Se esperava o chefe grande, acima de todos - Joca Ramiro - falado aquela hora em Palmas. Mas eu achava aquilo dando confuso. Titão Passos, cabo-de-turma com poucos homens à mão, era não obstante muito respeitado" (GSV, 160). Aí está, dada, a organização autoritária e de poder pessoal do bando. Cada chefe-fazendeiro e homem de posses - entra com um contingente de homens " dêle", no que Riobaldo vê um arranjo semelhante a "govêrno de bando de bichos" (GSV, 160). A qualificação dos chefes é referida ocasionalmente. Assim, Joca Ramiro, o mais importante de todos, "era rico, dono de muitas posses em terras, e se arranchava passando bem em casas de grandes fazendeiros e políticos, dêles recebia dinheiro de munição e paga: seô Sul de Oliveira, coronel Caetano Cordeiro, doutor Mirabô de Melo" (GSV, 169). Hermógenes, embora "desmerecido de situação política", no dizer de Diadorim (GSV, 171), é a quem se refere quando diz que "já em tantos terrenos da Bahia, um dos dois Judas possuía sua maior fazenda, com os muitos gados, lavouras" - (GSV, 36). Ricardão, era "rico, dono de fazendas, sòmente vivia pensando em lucros, querendo dinheiro e ajuntando" (GSV, 171). Dos demais, não se sabe a riqueza, mas outras indicações mostram que são pares dos anteriores. Assim, João Goanhá, figura menor, é chamado de "compadre" por Joca Ramiro (GSV, 256) - que só chama de compadre a seus i

guais e reserva para os inferiores o apelativo "meus filhos" e "meus cabras valentes" (GSV, 257)-, e, embora "ignorante analfabeto" (GSV, 65), "por valentão e verdadeiro, nem carecia de estadear orgulho. Pessoa muito leal e briosa" (GSV, 65). Titão Passos, além de possuidor de uma série de traços morais característicos dos homens bons (GSV, 141, 142, 143, 262, 265), "era como um filho de Joca Ramiro" (GSV, 255) e tem seus ancestrais citados por Diadorim: "...Ele é bisneto de Pedro Cardoso, trasneto de Maria da Cruz!", como uma confirmação de sua paridade. De Sô Candelário, de cujas origens e posses nada se sabe, registra-se contudo que é "fiel, e que põe mais de trezentas armas" (GSV, 269), o que já evidencia a qualificação; êste chefe "só comparece é em fêcho de forte decisão" (GSV, 230).

Eles não são jagunços quaisquer; êles sabem o que estão defendendo; a maioria dos comandados não sabe e nem se preocupa em saber. A exceção é Riobaldo, que fica aborrecido por não partilhar das decisões, não sendo um par dos senhores: o que o faz dizer a Diadorim, filho de Joca Ramiro: "Você sabe, hem, sabe. Os grandes segredos..." (GSV, 230).

Cada fazendeiro com seus chefiados, em guerra privada: a unidade econômica mínima é também a unidade mínima do poder político no Brasil rural. Célula econômica com sua própria fôrça armada, vai desembocar necessariamente na disputa do poder político. Na passagem da colônia para país independente, com a criação formal de um quadro institucional, para o exercício eleitoral-representativo do poder político, estas células entraram intactas nêsse quadro. Não houve alteração do sistema de poder efetivo, houve apenas um ajustamento dêle aos quadros formais então criados. Cada célula significa um dado número de votos; da aliança entre os senhores locais é que resulta, inflexivelmente, a eleição do candidato escolhido em

combinação com os partidos, de quem êles são a expressão local. Vale a pena transcrever uma das observações lúcidas e saborosas de Oliveira Vianna sôbre êsse processo. "Êstes grandes partidos, estaduais ou nacionais (...), verificamos que todos êles se reduzem a estas unidades primárias. Micro-organizações de tipo exclusivamente personalista, nelas vemos agrupada e arregimentada tôda a população rural, tendo sempre à frente um grande proprietário rural (...). Havendo, presentemente, cerca de 1.600 municípios no Brasil, devermos ter cêrca de 1.600 "clãs eleitorais" espalhados por todo o país, ou mais exatamente, cerca de 3.000 e tantos, contando com os da "oposição". Que estes existiram e existem em cada município, um no mínimo - hoje como ontem, na República como na Monarquia" (50).

O grupo armado, portanto, continua exercendo a mesma função, a de garantir pela fôrça o poder pessoal, com uma ampliação agora: a intimidação do eleitorado e a baderna em dia de eleição. Os tumultos eleitorais de que dão conta os historiadores, atravessam todo o Império e a República, alternando-se apenas com períodos de calmaria relativa quando a fraude e a corrupção (aças falsas, diplomas falsos, etc.) respondem melhor que a violência direta a uma nova restrição ou abertura no direito ao sufrágio. De fato, a história da lei eleitoral no Brasil é uma história de avanços e recuos, de aberturas e de restrições; como a Constituição, em pouco tempo tornou-se colcha de retalhos: a instabilidade e o princípio de alteração constante é a sua norma.

A grande descentralização judiciário-administrativa operada subseqüentemente à Independência, somando-se à instituição do sufrágio universal para os maiores de 21 anos (Lei de 21 de outubro de 1821), foi propícia à mani

(50) Oliveira Vianna, op., cit., 1ª vol., pág. 220

festação sem peias do poder local. Em reação, e através de decênios violentos e sangrentos, houve a tentativa de fazer predominar a tendência oposta. Inicialmente, a pequena centralização passou alguns dos poderes municipais para as províncias; depois, a grande centralização unificou o aparelho judicial e administrativo nas mãos do governo central. A chamada consolidação do Segundo Reinado marca a conciliação entre as facções da classe dominante em disputa do poder político - conseguida mediante o revezamento dos dois partidos no poder -, e se inicia uma fase relativamente pacífica, preocupada apenas em impor "a tranquilidade e a obediência aos sertões" (51) e a sufocar algumas "revoluções liberais". Ainda assim, mesmo nessa fase de quase cinquenta anos de paz interna, são de regra as "matanças nas épocas eleitorais" (52).

Ao nível do município, o mecanismo de poder político-eleitoral era o seguinte: em cada município havia um agrupamento de senhores que encarnavam a "situação" e outro agrupamento de senhores que constituía a oposição. Nada os distinguia, nem origem de classe nem ideologia: apenas eram aliados de partidos com nomes diferentes. Esse é o quadro que atravessa toda a história eleitoral do Império e da República Velha, pelo menos. Profundamente estático como estrutura, apresenta-se como dotado de um dinamismo episódico extraordinário, já que se resolve em turbulência, assassínios, golpes de força, etc.: "... ao contrário do que se afirma, o Brasil é um país de grande e permanente estabilidade política e institucional. As lutas pelo Poder, entre grupos da minoria, não trazem nenhuma modificação estrutural. A instabilidade caracteriza a conjuntura governamental e a estabilidade a estrutura sócio-econômica" (53).

(51) Raymundo Faoro, Os Donos do Poder, Editora Globo, Porto Alegre, 1958, pág. 173

(52) José Honório Rodrigues, op. cit., pág. 59

(53) Id., ibid., pág. 127

O agrupamento municipal de oposição podia sempre recorrer à força para tornar-se "situação", dado que o livre jôgo das instituições democráticas resultava invariavelmente na perpetuação do partido no poder. De fato, uma vez de posse da máquina eleitoral e do aparelho administrativo-judiciário, estava excluída a possibilidade de virem os adversários a ganhar uma eleição. No Império, o Poder Moderador intervinha nesse processo, impedindo a perpetuação pelo revezamento dos partidos no poder; a cada revezamento, seguia-se a derrubada, isto é, substituíam-se os homens que ocupavam os postos do aparelho por outros. Na República, extinto o Poder Moderador, houve um enrijecimento no sentido da perpetuação; e só a força podia inverter essa tendência. Sendo os prefeitos (Intendentes) nomeados pelo governador do Estado (Presidente de Província), e não eleitos, bastava juntar uma força maior no município e depô-lo. Em geral, o prefeito era o próprio chefe político situacionista no âmbito do município ou um seu propôsto. A deposição era, normalmente, acatada pelo governador, que nomeava novo prefeito - o novo chefe político vitorioso à força ou um seu propôsto. Via de regra, o governador prudente acatava de antemão o direito da força, só nomeando prefeitos que dispusessem do maior contingente de homens armados no município (54). Era uma maneira de garantir a ordem, através do refôrço formal da opressão, e era também a maneira de garantir resultados favoráveis nas eleições, fôssem elas legislativas ou executivas.

Esse processo, originário no município, podia-se encontrar a meio-caminho com deliberações que vinham de cima. Quando um grupo já estava no poder há demasiado

(54) "...o Governador Acióli... só nomeava prefeitos dos Municípios o chefe que dispusesse não de mais eleitores, mas sim de maior número de cangaceiros..."; Otacílio Anselmo, Padre Cícero - Mito e Realidade, Editora Civilização Brasileira, Rio, 1968, pag. 262

tempo, gerando insatisfações no grupo em oposição, o governo federal intervinha como aliado das oposições locais para dar a estas o poder. As intervenções ou "salvações", tão frequentes na República, cumpriram de certa forma o papel do Poder Moderador no Império, levando ao poder as facções da minoria dominante em oposição. (55)

(55) V. o ensaio de Maria do Carmo Campello de Sousa, "O processo político-partidário na República Velha", na coletânea de vários autores, Brasil em Perspectiva, Difusão Européia do Livro, S. Paulo, 1968.

"Tudo política, e potentes chefias!" (GSV,170):
essa, a matéria vertente que constitui a vida de Riobaldo,
o jagunço. Membro de um grupo armado a serviço de senho-
res, partilha a condição jagunça, potencial de força mani-
pulada por outrem para o exercício do poder. Passível de
ser utilizada para o trabalho como para a destruição, para
manter a ordem como para ameaçá-la, para impor a lei como
para transgredi-la, para vingar ofensas como para praticá-
las, as razões que decidem de sua atuação num ou noutro sen-
tido independem de sua escôlha. O senhor é quem opta, o
jagunço executa. Tudo o que se passa fora da imediatez das
tarefas quotidianas, o traçado dos interêsses, as linhas-
mestras da história, está também fora do alcance de sua
consciência. Às indagações de Riobaldo, Jõe Bexiguento
responde com seu "Uai?! Nós vive..."; porque: "Duro homem
jagunço, como êle no cerne era, a idéia dêle era curta, não
variava" (GSV, 210).

2a. parte - O PONTEADOR DE OPOSTOS

"Baixei, mas fui ponteando opostos. Que isso foi o que sempre me invocou, o senhor sabe: eu careço de que o bom seja bom e o rúim ruím, que dum lado esteja o prêto e d o outro o branco, que o feio fique bem apartado do bonito e a alegria longe da tristeza ! Quero os todos pastos demarcados... Como é que posso com êste mundo ? A vida é ingrata no macio de si; mas transtroz a esperança mesmo do meio do fel do desespêro. Ao que, êste mundo é muito misturado."

(GSV, 210)

Capítulo 4º

AS LINHAS DO DESTINO: FORMAÇÃO DO LETRADO

"O senhor saiba: em tôda a minha vida pensei por mim, fôrro, sou nascido diferente. Eu sou é eu mesmo. Divêrjo de todo m u n do..."

(GSV, 16)

1. O destino duplo de Riobaldo

De sua infância, quase nada Riobaldo guarda na memória: apenas uma vaga lembrança da mãe. O que fica enraizado nêle, dessa primeira parte de sua vida, é o encontro com o Menino, aos quatorze anos.

Morta a mãe, Riobaldo é levado para a fazenda de seu "padrinho" Selorico Mendes. Ali entra em contacto, através do padrinho, com a mitologia do cangaço. Selorico Mendes tem por admiração maior a vida violenta: "Altas artes de jagunços - isso êle amava constante - histórias." (GSV, 107).

É por via de seu padrinho que se prepara o destino duplo de Riobaldo, para as armas e para as letras. Do padrinho vem o adestramento nas duas ordens instrumentais. "Queria que eu aprendesse a atirar bem, a manejar porrête e faca. Me deu logo um punhal, me deu uma garrucha e uma granadeira. Mais tarde, me deu até um facão enterçado, que tinha mandado forjar para próprio, quase do tamanho de espada e em formato de fôlha de gravatá." (GSV, 108). É também o padrinho quem tem a idéia de dar-lhe instrução escolar. E o curioso é que esta idéia surge como decorrência do interêsse do padrinho pela jagunçagem, interêsse que

quer transmitir a Riobaldo ao mesmo tempo que lhe mostra comprovação documental: como Riobaldo não sabia ler, não pode inteirar-se da prova que o padrinho lhe apresenta de suas antigas relações com um famoso chefe de jagunços. "-Neco? Ah! Mandou mais que Renovato, ou o Lióbas, estrepoliu mais do que João Brandão e os Filgueiras..." E meu padrinho me mostrou um papel, com escrita de Neco - era recibo de seis ancorotes com pólvora e uma remessa de iodureto - a assinatura rezava assim: Manoel Tavares de Sá.

Mas eu não sabia ler. Então meu padrinho teve uma decisão: me enviou para o Curralinho, para ter escola (...)" (GSV, 108-9).

A linha do destino se define em seus nexos tortuosos: o interêsse do padrinho pela jagunçagem leva-o a tirar Riobaldo de sua condição de iletrado para a de letrado. De fato, a linha é tortuosa, pois para que é que um jagunço precisa saber ler? Riobaldo, que até a morte da mãe era um membro da plebe rural, pobre, sem pai, vivendo agregado e recebendo proteção de um senhor, agora começa a receber um adestramento característico de outra classe.

A educação formal de Riobaldo revela nêle uma vocação para os estudos, e mais particularmente para a didática. Riobaldo sai-se muito bem na escola e menos bem na vida prática, nas tarefas extra-escolares, quase compondo a figura do intelectual típico, o "letrado distraído". Isso leva seu hospedeiro Nhô Marôto a lhe dizer: "Baldo, você carecia mesmo de estudar e tirar carta-de-doutor, porque para cuidar do trivial você jeito não tem. Você não é habilidoso." (GSV, 109). Interrogado a respeito, seu professor, Mestre Lucas, confirma: "É certo. Mas o mais certo de tudo é que um professor de mão-cheia você dava..." (GSV, 109). Riobaldo torna-se, então, assistente de Mestre Lucas na escola.

A linha do destino inflete outra vez: é por ser

um letrado que Riobaldo entra para o cangaço. Quando Riobaldo foge da casa de seu pai, Mestre Lucas arranja-lhe em prêgo como professor, numa fazenda distante. Lá chegando, é assim que Riobaldo se apresenta ao fazendeiro: "Sou o moço professor..." (GSV, 122-3). Esse fazendeiro é Zé Bebelo, que para o resto da vida chama Riobaldo pelo título de Professor. Preceptor pessoal de Zé Bebelo, em pouco tempo sua função se esgota, já que o aluno depressa aprende tudo o que o mestre tem para ensinar. Mas continua a serviço de Zé Bebelo, em outra função letrada, agora como secretário: "E êle me apresentava com a honra de: Professor Riobaldo, secretário sendo." (GSV, 126).

Riobaldo participa do início da campanha guerreira de Zé Bebelo, mas como espectador; não vê a primeira batalha, mas presencia a segunda, e em seguida foge, numa tentativa de não se ajagunçar:

"Em certo ponto do caminho, eu resolvi melhor minha vida.

Fugi. De repente, eu vi que não podia mais, me governou um desgosto. Não sei se era porque eu reprovava aquilo: de se ir, com tanta maioria e largueza, matando e prendendo gente, na constante brutalidade." (GSV, 130).

Riobaldo resolve melhor, apenas para ser melhor apanhado pelo destino. Pois é fugindo que encontra, após tantos anos, o Menino, agora adulto: e aí não tem mais escapatória. Vai predominar o jagunço, as letras abandonadas; daí em diante vai se desenrolar sua carreira de jagunço.

Se um texto foi ponto de partida para a educação formal de Riobaldo, a qual por sua vez foi responsável por sua entrada no mundo dos jagunços, outro texto vai ser decisivo para sua promoção de jagunço a chefe. Isto se passa muito mais tarde, já no último trecho de sua carreira. Devido a sua condição privilegiada de letrado, êle é o único homem do bando a saber o conteúdo das cartas que Zé Bebelo envia às autoridades, quando cercado; e Riobaldo sus

peita um conluio entre Zé Bebelo e as autoridades, para entregar os jagunços. É das oscilações de seu pensamento e sentimentos com relação a uma possível traição de Zé Bebelo que nasce a consciência de suas próprias qualidades de liderança e das possibilidades que tem de derrubar o chefe e ocupar seu lugar (o que de fato fará logo depois, mas só após o pacto com o Diabo). "Ali - sem a vontade, mas por mais do que todos saber - eu estava sendo o segundo. Andando que Zé Bebelo falecesse ou tratejasse, eu tinha de tomar assumida a chefia, e mandar e comandar? Outro fôsse - eu não; Jesus e guia! É baixo, os homens não iam me obedecer; nem de me entender êles não eram capazes. Capaz de me entender e de me obedecer, nos casos, só mesmo Zé Bebelo. A jus - pensei - Zé Bebelo, somente, era que podia ser o meu segundo." (GSV, 337).

Fica sempre, em Riobaldo, a nostalgia das letras. Em suas andanças de jagunço, encontra vagar e interesse para ler um livro. "Mas o dono do sítio, que não sabia ler nem escrever, assim mesmo possuía um livro, capeado em couro, que se chamava o "Senclér das Ilhas" e que pedí para deletrear nos meus descansos.. Foi o primeiro desses que encontrei, de romance, porque antes eu só tinha conhecido livros de estudo. Nêle achei outras verdades, muito extraordinárias." (GSV, 358).

Riobaldo exhibe seus títulos de letrado logo no início da narração, para qualificar-se perante seu ouvinte. "Não é que eu esteja analfabeto. Soletrei, anos e meio, meante cartilha, memória e palmatória. Tive Mestre, Mestre Lucas, no Curralinho, decorei gramática, as operações, regra-de-três, até geografia e estudo pátrio. Em fôlhas grandes de papel, com capricho tracei bonitos mapas. Ah, não é por falar: mas, desde o comêço, me achavam sofismado de la dino. E que eu merecia de ir para cursar latim, em Aula

Régia - que também diziam. Tempo saudoso! Inda hoje, apre-
ceio um bom livro, despaçado. Na fazenda O Limãozinho, de
um meu amigo Vito Soziano, se assina dêsse almanaque gros-
so, de logogrifos e charadas e outras divididas matérias,
todo ano vem. Em tanto, ponho primazia é na leitura pro-
veitosa, vida de santo, virtudes e exemplos - missionário
esperto engabelando os índios, ou São Francisco de Assis,
Santo Antônio, São Geraldo... Eu gosto muito de moral."
(GSV, 16).

É cõnscio da bifurcação de seu destino entre as
armas e as letras: "Eu podia ser: padre sacerdote, se não
chefe dos jagunços; para outras coisas não fui parido."
(GSV, 17). Com extraordinária acuidade, Riobaldo locali-
za o destino letrado possível para um habitante do sertão,
que é o do padre e não aquêles em que pensaria uma mente
urbana - escritor, cientista, poeta, etc. Ao mesmo tempo,
esgota os dois caminhos possíveis e as duas metas históri-
cas que têm sido as saídas da plebe rural brasileira: a
religião e a violência, ou melhor, o misticismo e o canga-
ço.

Outro acontecimento decisivo de seu destino é
o primeiro encontro com um bando de jagunços, na fazenda
de seu padrinho, logo após ter concluído seus estudos em
Currallinho. Dêsse encontro, em que Riobaldo sente pela
primeira vez o fascínio da vida no cangaço e também pela
primeira vez vê de perto aquêles sêres mitológicos das fa-
bulações de seu pai, nasce a descoberta da poesia - ou se-
ja, da possibilidade de expressar-se em literaridade. A
toada cantada por um dos membros do bando, Siruiz, embora
ouvida de passagem, revela a Riobaldo que é possível criar,
com palavras. "O que me agradava era recordar aquela can-
tiga, estúrdia, que reinou para mim no meio da madrugada,
ah, sim. Simples digo ao senhor: aquilo molhou minha idéia.
Aire, me adoçou tanto, que dei para inventar, de espírito,

versos naquela qualidade. (...) Pois foi que eu escrevi os outros versos, que eu achava, dos verdadeiros assuntos, meus e meus, todos sentidos por mim, de minha saudade e tristezas." (GSV, 116-7). Muito mais tarde, durante as peripécias de sua vida e mesmo em sua velhice retirada, a lembrança da canção de Siruiz, ouvida naquela ocasião, carrega nela uma tentativa de recapturar emoções e sentimentos vividos no passado, difusos numa aura de expectativa adolescente: "O que eu guardo no giro da memória é aquela madrugada dobrada inteira: os cavaleiros no sombrio amontoados, feito bichos e árvores, o refinim do orvalho, a estrela-d'alva, os grilinhos do campo, o pisar dos cavalos e a canção de Siruiz. Algum significado isso tem?" (GSV, 117).

Em outras ocasiões, Riobaldo eventualmente pratica a poesia, sempre seguindo o modelo da canção de Siruiz. Aquêles primeiros versos de sua autoria, êle mesmo os esqueceu; mas, mais tarde, faz outros - e cita-os na narração - com o propósito de dar continuação à canção de Siruiz. "Aí sendo que eu completei outros versos, para a juntar com os antigos, porque num homem que eu nem conheci - aquêle Siruiz - eu estava pensando. Versos ditos que foram êstes, conforme na memória ainda guardo (...)" (GSV, 300). Muito depois, Riobaldo, já chefe de bando, compõe ainda mais outros versos, que o bando todo canta. Às voltas com seus problemas e preocupações, já pactário, recorre naturalmente à criação literária para expressar-se: "Mas eu tinha conseguido encher em mim causas enormes. Dispor do rôr daquilo eu não conciliava, conforme perseguia, custoso, vermelho meu. Sòmente quis, nem podia dizer aos outros o que queria, sòmente então uns versos dei, que se puxaram, os meus, seguintes" (GSV, 436).

Embora sempre na forma popular e simplória da redondilha maior, com suas quadras de rima em ão, os poemas de Riobaldo são essencialmente carregados de ambigü-

dade. Muito mais densos e complexos que a canção de S iruiz que lhe serviu de modêlo, patenteiam maior talento literário que o do autor da canção original.

2. A vida passada a limpo

A tarefa presente de Riobaldo, narrador e personagem, é transformar seu passado em texto. Enquanto o passado era presente se fazendo, perdido no caos do coti-diano, Riobaldo não teve tempo para refletir o suficiente - embora fôsse um indagador - e compreender. "De primeiro, eu fazia e mexia, e pensar não pensava. Não possuía o s prazos. Vivi puxando difícil de difícil, peixe vivo no mo quem: quem mói no asp'ro, não fantasêia. Mas, agora, feita a folga que me vem, e sem pequenos desassossêgos, estou de range rêde. E me inventei neste gôsto, de especular idéia." (GSV, 11).

O narrador, ao mesmo tempo que expõe seus títulos, jacta-se também de sua boa cabeça, outro componente da condição de letrado. "Eu quase nada não sei. Mas des confio de muita coisa. O senhor concedendo, eu digo: para pensar longe, sou cão mestre - o senhor solte em min ha frente uma idéia ligeira, e eu rastreio essa por fundo de todos os matos, amém!" (GSV, 16). Mais um instrumento do letrado, a memória, é por êle igualmente ostentado: "Assim é que digo: eu, que o senhor já viu que tenho retentiva que não falta, recordo tudo da minha meninice." (GSV, 42); e ainda: "Mire veja: sabe por que é que eu não purgo re-morso? Acho que o que não deixa é a minha boa memória. A luzinha dos santos-arrependidos se acende é no escuro. Mas, eu, lembro de tudo." (GSV, 138). Repete essa afirmação, mesmo precisando dizer que sua insistência não releva da imodéstia: "Aos dez e dézes, digo, afirmo que me lembro de

todos. Esses passam e transpassam na minha recordação, vou destacando a contagem. Nem é por me gabar de retentiva ca bedora, nome por nome, mas para alimpar o seguimento de tu do o mais que vou narrar ao senhor, nesta minha conversa nossa de relato." (GSV, 424).

Justifica-se perante o interlocutor por ter pensado menos quando era jovem e por pensar demais, agora que é velho. "Também, eu desse de pensar em vago em tanto, per dia minha mão-de-homem para o manejo quente, no meio de todos. Mas, hoje, que raciocinei, e penso a elto, não nem por isso não dou por baixa minha competência, num fôgo-e-ferro!" (GSV, 24). Na juventude, não era dono de seu destino nem compreendia seu viver disponível: "Por que era que eu estava procedendo à-tôa assim? Senhor, sei? O senhor vá pondo seu perceber. A gente vive repetido, o repetido, e, escor regável, num mim minuto, já está empurrado noutro galho." (GSV, 62). Mas, hoje, valoriza o exercício da inteligência. "Por tudo, réis-coado, fico pensando. Gosto. Melhor, para a idéia se bem abrir, é viajando em trem-de-ferro. Pude, vivia para cima e para baixo, dentro dêle." (GSV, 22).

Aprecia o interlocutor inteligente e preparado, que está à altura daquilo que êle conta. "Se vê que o senhor sabe muito, em idéia firme, além de ter carta de doutor. (...) Em têrmos, gostava que morasse aqui, ou perto, era uma ajuda. Aqui não se tem convívio que instruir." (GSV, 26). Chama seu interlocutor de "assisado e instruído" (GSV, 12), louva "sua instrução do senhor" (GSV, 58) e sua "suma doutoração" (GSV, 15). Alguns de seus repetidos elogios à capacitação do interlocutor têm muito de manha rústica, que exagera para pôr no seu devido lugar, para reduzir a proporções mais razoáveis. Por isso, se us louvores se entremeiam de reivindicações quanto à posse e intransmissibilidade da experiência; a experiência é dêle,

não do interlocutor. Sobre o terrível episódio da travessia frustrada do Liso do Sussuarão, diz: "Do sol e tudo, o senhor pode completar, imaginado; o que não pode, para o senhor, é ter sido, vivido." (GSV, 50). Sobre os dias passados nas Veredas Mortas, a preparar-se para o pacto com o Diabo, diz: "E o senhor não esteve lá. O senhor não escutou, em cada anoitecer, a lúgubrem do canto da mãe-da-lua. O senhor não pode estabelecer em sua idéia a minha tristeza quinhoã." (GSV, 379). Ao contar a história do trato entre Davidão e Faustino, história cujo desenlace desconhece, fala de "um rapaz de cidade grande, muito inteligente" que, descontente com a interrupção, criou um desfecho imaginário. Comenta: "Apreciei demais essa continuação inventada. A quanta coisa limpa verdadeira uma pessoa de alta instrução não concebe! (...) Disse isso ao rapaz pescador, a quem sincero louvei." (GSV, 82).

Essas observações tôdas relacionam-se com a transformação da vida - caótica, desnorteante, desconexa - em texto compreensível. Para a transformação de sua experiência em texto, Riobaldo solicita a colaboração de seu interlocutor, também êle um letrado. Riobaldo espera que o equipamento do saber venha em seu auxílio nessa tarefa, dando-lhe confiança e segurança: "... as idéias instruídas do senhor me fornecem paz." (GSV, 39). Põe em jôgo - juntamente com a sonsice cabôcla que "esconde o leite" - o recurso de louvar o preparo do outro, para obter ajuda. "Sou só um sertanejo, nessas altas idéias navego mal. Sou muito pobre coitado. Inveja minha pura é de uns conforme o senhor, com tôda leitura e suma doutoração." (GSV, 15). Por que é que Riobaldo quer transformar sua vida em texto? Para poder compreendê-la, porque "a vida não é entendível" (GSV, 134).

O auxílio do interlocutor é seguidamente solici

tado. Às vezes, êle tem o papel de um alter-ego, de um desconhecido neutro e não envolvido nas coisas, a quem se pode dizer os maiores segredos. "Não devia de estar lembrando isto, contando assim o sombrio das coisas. Lenga-lenga! Não devia de. O senhor é de fora, meu amigo mas meu estranho. Mas, talvez por isto mesmo. Falar com o estranho assim que bem ouve é logo longe se vai embora, é um segundo proveito: faz do jeito que eu falasse mais mesmo comigo." (GSV, 39). O interlocutor, parceiro equipado para a construção de um texto decifrável, que se decifra à medida que se constrói, é companheiro na tarefa: "Eu sei que isto que eu estou dizendo é dificultoso, muito entrançado. Mas o senhor vai avante. Invejo é a instrução que o senhor tem. Eu queria decifrar as coisas que são importantes. E estou contando não é uma vida de sertanejo, seja se fôr jagunço, mas a matéria vertente. Queria entender do medo e da coragem, e da gã que empurra a gente para fazer tantos atos, dar corpo ao suceder." (GSV, 96). Riobaldo acentua que está narrando com propósito: "Mas conto. Conto para mim, conto para o senhor. Ao quando bem não me entender, me espere." (GSV, 138). E o propósito é o entendimento da experiência através do texto construído como cometimento de ambos: "Ao que? Não me dê, dê. Mais hoje, mais amanhã, quer ver que o senhor põe uma resposta. Assim, o senhor já me compraz. Agora, pelo jeito de ficar calado alto, eu vejo que o senhor me divulga." (GSV, 106).

O concurso de outra cabeça, de outra experiência de vida, e sobretudo de uma experiência de letrado maior, é aquilo com que conta Riobaldo para a elaboração de um texto finalmente significativa: "Conto ao senhor é o que eu sei e o senhor não sabe; mas principal quero contar é o que eu não sei se sei, e que pode ser que o senhor sai

ba." (GSV, 217). Significante, isto é, que ganhe significação para êle mesmo, para que êle se compreenda, para que êle adquira confiança em seus próprios juízos e principalmente em seus juízos sôbre si mesmo. É praticamente um julgamento o que êle pretende, talvez mesmo uma absolvição. Já em importante ocasião no passado, às voltas com suas dúvidas e sua consciência da responsabilidade, às vésperas da batalha final do Tamanduá-tão, êle tentara desvencilhar-se pedindo conselho e decisão aos outros. "De mim, então, entendia? Desjuízo, que me veio. Eu ia formar, em roda, ali mesmo, com o Alaripe e o Quipes, relatar a êles dois todo tintim de minha vida, cada desarte de pensamento e sentimento meu, cada caso mais ignorável: ventos e tardes. Eu narrava tudo, êles tinham de prestar atenção em me ouvir. Daí, ah, de rifle na mão, eu mandava, eu impunha: êles tinham de baixar meu julgamento... Fôsse bom, fôsse ruim, meu julgamento era. Assim, Desde depois, eu me estava: rogava para a minha vida um remir - da outra banda de um outro sossêgo..." (GSV, 537). Mas, rápido, mudara de idéia: "Ali eu era era o Chefe, estava para reger e sentenciar: eu era quem passava julgamentos!" (GSV, 537). Embora não seja talvez essa sua intenção primeira ao iniciar a narração, passa a ser, quando ela já vai bem adiantada; e passa a ser, declaradamente: "Não tenciono relatar ao senhor minha vida em dobrados passos; servia para que? Quero é armar o ponto dum fato, para depois lhe pedir um conselho." (GSV, 205-6). E, quando está encerrando a narração, menciona novamente essa subordinação ao interlocutor: "No que narrei, o senhor talvez até ache mais do que eu, a minha verdade." (GSV, 564).

O narrar - o fazer um texto com o concurso do interlocutor letrado - é objeto de reflexões freqüentes por parte de Riobaldo. Tem-se por bom narrador, capaz de avaliar a exata importância de cada passo que relata. Em

seu critério, uma boa narração deve dar conta do pêso di verso que cada passagem da vida tem; assim, o que importa narrar com pormenor e detidamente é aquilo que foi relevan te como experiência. Pouco importa a extensão no tempo ou a multiplicação das peripécias; nem mesmo a linearidade de seqüência deve ser respeitada. Em suma: o que determina o texto é a vida, mas o que explica a vida é o texto." "Con- tar seguido, alinhavado, só mesmo sendo as coisas de rasa importância. De cada vivimento que eu real tive, de ale gria forte ou pesar, cada vez daquela hoje vejo que eu e ra como se fôsse diferente pessoa. Sucedido desgovernado. Assim eu acho, assim é que eu conto. O senhor é bondoso de me ouvir. Tem horas antigas que ficaram muito mais per to da gente do que outras, de recente data. O senhor mesmo sabe." (GSV, 95).

Outra coisa é a dificuldade de avaliar o passa do e a facilidade de mentir, involuntariamente embora, no sopesar de cada incidente. "Ah, mas falo falso. O senhor sente? Desmente? Eu desminto. Contar é muito, muito difi cultoso. Não pelos anos que se já passaram. Mas pela as túcia que têm certas coisas passadas - de fazer balancê , de se remexerem dos lugares. O que eu falei foi exato? Foi. Mas teria sido? Agora, acho que nem não. São tantas horas de pessoas, tantas coisas em tantos tempos, tudo miú do recruzado." (GSV, 175). Compare-se o leit-motiv da narração - "Viver é muito perigoso" - com êste "Contar é muito, muito dificultoso": frases de sintaxe paralela, êsse para lelismo ilumina-as mutuamente. O existir e o narrar dão - se ambos como emprêsas árduas, que a cada instante podem assumir as formas do falso, desencaminhando a prática do sujeito.

Ainda, o narrar legítimo, que é o que apanha a penas o essencial dos acontecimentos, que quer dar coerên cia à vida, demanda esforço custoso. "O senhor sabe?: não

acerto no contar, porque estou remexendo o vivido longe alto, com pouco carôço, querento esquentar, demear, de feito, meu coração, naquelas lembranças. Ou quero enviar a idéia, achar o rumozinho forte das coisas, caminho do que houve e do que não houve. Às vêzes não é fácil. Fé que não é." (GSV, 167-8). Mas o narrador se dedica com tenacidade a êsse esfôrço e faz o possível para atingir seu objetivo. "Porque não narrei nada à-tôa: só apontação principal, ao que crer posso. Não esperdiço palavras. Macaco meu veste roupa. O senhor pense, o senhor ache. O senhor ponha enrêdo." (GSV, 292). Outras vêzes, procura sugerir com palavras aquilo que está para além das palavras, reconhecendo suas dificuldades. "Os ruins dias, o castigo do tempo todo ficado, em que falhamos na Coruja, conto malmente. A qualquer narração dessas depõe em falso, porque o extenso sofrido se escapole da memória." (GSV, 379).

Riobaldo mostra com insistência a faceirice do bom narrador, que, não contente com bem narrar, também teoriza a respeito: "Sôbre assim, aí corria no meio dos nosos um conchavo de animação, fato que ao senhor retardei: devido que mesmo um contador habilidoso não ajeita de relatar as peripécias tôdas de uma vez." (GSV, 393). Ou: "As partes, que se deram ou não se deram, ali na Barbaranha, eu aplico, não por vêzo meu de dar delongas e empalhar o tempo maior do senhor como meu ouvinte. Mas só porque o compadre meu Quelemém deduziu que os fatos daquela éra faziam significado de muita importância em minha vida verdadeira (...). Aí, narro, o senhor me releve e suponha." (GSV, 434). Ou ainda: "Digo franco: feio o acontecido, feio o narrado. Sei. Por via disso mesmo resumo; não gloso. No fim, o senhor me completa." (GSV, 485).

E sua destreza maior, que é negacear a respeito do sexo de Diadorim, nomeando-o sempre como homem a o mesmo tempo que semeia incontáveis pistas de sua feminilidi

dade⁽⁵⁶⁾: a revelação para o interlocutor, e para o leitor igualmente, só eclode no final da narração, quando o narrador assim o deseja, para isso chamando a atenção de seu ouvinte:

"Diadorim - nú de tudo. E ela disse:

-"A Deus dada. Pobrezinha..."

E disse. Eu conheci! Como em todo o tempo antes eu não contei ao senhor - e mercê peço: - mas para o senhor divulgar comigo, a par, justo o travo de tanto se grêdo, sabendo somente no átimo em que eu só soube... Que Diadorim era o corpo de uma mulher, môça perfeita." (GSV, 563).

São várias também as referências de passagem à narração que se está processando. Ora aparecem na forma de um comentário que resume, a modo de escusas, uma série de observações filosóficas de Riobaldo, marginália ao anedótico: "Se estou falando às flautas, o senhor me corte. Meu modo é êste." (GSV, 59); "O senhor me releve tanto dizer" (GSV, 63); ou ainda: "Com o senhor me ouvindo, eu deponho. Conto." (GSV, 146); e ainda: "Desculpa me dê o senhor, sei que estou falando demais, dos lados. Resvalo." (GSV, 138). Ora tais referências assumem o papel de transição para outro episódio: "Ou conto mal? Reconto." (GSV, 60). Por vêzes, o narrador dá-lhes a função de permitir um ligeiro retrocesso: "Ah, eh e não, alto-lá comigo, que assim falseio, o mesmo é. Pois ia me esquecendo: o V u pes!" (GSV, 68). Também, para se justificar e atribuir a dificuldade à matéria, diz: "Sei que estou contando errado, pelos altos. Desemendo. Mas não é por disfarçar, não

(56) Como tão bem as rastreou Cavalcânti Proença em seu trabalho pioneiro, Trilhas no Grande Sertão, Edição do Ministério de Educação e Cultura, Coleção Cadernos de Cultura, Rio, 1958, págs 25 a 29.

penhe. De grave, na lei do comum, disse ao senhor quase tudo. Não crio receio. O senhor é homem de pensar o dos outros como sendo o seu, não é criatura de pôr denúncia." (GSV, 94). Outras vêzes, utiliza-se dessas reflexões para chamar a atenção do interlocutor: "Eu conto, O senhor vá ouvindo. Outras artes vieram depois." (GSV, 141); ou: "O senhor não é bom entendedor? Conto." (GSV, 148). Tampouco se furta a assinalar que não narra levemente; assim, após ter contado alguns casos seus com mulheres, observa: "Mas o senhor releve eu estar glosando assim a sêco essas coisas de se calar no preceito devido. Agora: o tudo que eu conto, é porque acho que é sério preciso." (GSV, 165).

E é assim, por essas vias tôdas, que o narrar vai-se também tornando um dos objetos que compõem a matéria da narração.

3. O fetiche do texto

Como bom letrado, ainda que letrado frustrado, Riobaldo erige o texto em espaço privilegiado, lugar da verdade, da clareza, da coerência, de tudo aquilo a que a razão aspira enquanto se debate na desordem do existir.

Não é gratuitamente que faz esta afirmação: "Em desde aquêles tempo, eu já achava que a vida da gente vai em êrros, como um relato sem pés nem cabeça (...)." (GSV, 232). A vida, portanto, é como se fôsse um mau texto: um bom texto deve ter pés e cabeça.

O maior louvor que pode fazer a seu ouvinte é atribuir-lhe a qualidade de ser "fiel como papel", qualidade de pessoa e de caráter, e não elogio a seu preparo intelectual: "Ao dôido, doideiras digo. Mas o senhor é homem sobrevindo, sensato, fiel como papel, o senhor me ouve, pensa e repensa, e rediz, então me ajuda." (GSV, 96).

Que o viver é caótico, confuso, desordenado, o narrador menciona constantemente. Para impor uma ordem a ação, não à vida, porque esta já passou, mas ao que dela restou na memória, é preciso refletir sôbre ela e torná-la texto. "A vida não dá demora em nada" (GSV, 226), é o que diz Riobaldo. "Mesmo o que estou contando, depois é que eu pude reunir relembrado e verdadeiramente entendi ido." (GSV, 133).

O texto é aferidor da vida, e não o contrário. De seu encontro definitivo com Diadorim, muitos anos após o encontro com o Menino, diz o narrador: "Para que referir tudo no narrar, por menos e menor? Aquêles encontros nos se deu sem o razoável comum, sobrefalseado, como do que só em jornal e livro é que se lê." (GSV, 133). É do texto que promanam até mesmo diretrizes para a ação; pois foi melhor que dois inimigos seus tivessem logo morrido em batalha, já que, se vivessem estariam aprontando traições e tocaias. "Nas estórias, nos livros, não é dêsse jeito? A ver, em surpresas constantes, e peripécias, para se contar, é capaz que ficasse muito e mais engraçado. Mas, qual, quando é a gente que está vivendo, no costumeiro real, ês ses floreados não servem: o melhor mesmo, completo, é o inimigo traiçoeiro terminar logo, bem alvejado, antes que alguma tramóia perfaça!" (GSV, 154). Ao contar a arrancada do bando de Zé Bebelo, cêrca de mil combatentes, coisa impressionante de se ver, diz: "o senhor mesmo nunca viu coisa assim, só em romance descrito." (GSV, 126).

É também o texto que serve de argumento para salvar a vida de Zé Bebelo, no julgamento. Naturalmente, é Riobaldo quem primeiro se lembra de lançar mão dêsse argumento, dentre tantos que estão sendo postos em jôgo." - "... A guerra foi grande, durou tempo que durou, encheu êste sertão. Nela todo o mundo vai falar, pelo Norte dos Nortes, em

Minas e na Bahia tôda, constantes anos, até em outras partes... Vão fazer cantigas, relatando as tantas façanhas..." (GSV, 260). O argumento é logo retomado e desenvolvido por Sô Candelário, igualmente advogando em favor de Zé Bebelo: "-... Seja a fama de glória... Todo o mundo vai falar nisso, por muitos anos, louvando a honra da gente, por muitas partes e lugares. Hão de botar verso em feira, assunto de sair até divulgado em jornal de cidade..." (GSV, 261).

Mais para o final da narração, quando o texto pregresso já está de grande extensão, Riobaldo passa a aludir francamente ao fato de ambos - narrador e interlocutor - estarem fazendo um registro escrito e a medir a importância do que está relatando em função do número de páginas que devem ser escritas. O número de páginas passa a ser critério da importância do passo narrado, mediante aviso feito de antemão pelo narrador ao interlocutor. Já antes, por ocasião do relato do julgamento de Zé Bebelo, Riobaldo medira por palavras a relevância do que contara: "O julgamento? Digo: aquilo para mim foi coisa séria de importante. Por isso mesmo é que fiz questão de relatar tudo ao senhor, com tanta despesa de tempo e miúcias de palavras." (GSV, 269). E ao referir-se ao lugar chamado Guararavacã do Guaicuí, onde seu destino foi mais uma vez amarrado, diz: "(...) o senhor tome nota dêste nome.(...) Guararavacã - o senhor veja, o senhor escreva." (GSV, 274). Na parte final da narração, Riobaldo chama a atenção do interlocutor para o que vai dizer, aconselhando-o a que gaste muitas páginas no registro. Assim, diz a certa altura: "A vida é um vago variado. O senhor escreva no caderno: sete páginas..." (GSV, 471). A última batalha, na qual Diadorim morre, vale êste conselho: "Campos do Tamanduá-tão - o senhor aí escreva: vinte páginas... Nos campos do Tamanduá-tão. Foi grande batalha." (GSV, 514). Também, à

altura, até ilustração êle já pretende para o texto: "A bem, como é que vou dar, letral, os lados do lugar, definir para o senhor? Só se a uso de papel, com grande debuxo. O senhor forme uma cruz, traceje, Que tenha os quatro braços, e a ponta de cada braço: cada uma é uma..." (GSV, 515); assim é o mapa verbal do Tamanduá-tão. Ao contar o arremate da batalha, quando Riobaldo trespassa, ao ver sem poder intervir o duelo à faca entre Diadorim e Hermógenes, novamente é tomado pelo sentimento da impenetrabilidade da vida e de sua natureza distinta da do texto. "Vida vencida de um, caminhos todos para trás, é história que instrui vida do senhor, algum? O senhor enche uma caderneta...(GSV, 560).

O fetiche do texto se mostra em sua maior niti dez quando o narrador se detém na descrição de Diadorim morto: "Não escrevo, não falo! - para assim não ser: não foi, não é, não fica sendo!" (GSV, 563). Então o texto assume o nível do real e empurra o real para fora, de modo tal que passa a ser real aquilo que o texto instaura. Mas o narrador fala, e o interlocutor escreve, e assim fica sendo.

E é numa seqüência verbal que se encontra apurado, concentrado, resumido, o cerne mesmo da experiência de Riobaldo-jagunço."(...) o diabo, na rua, no meio do redemunhu...Acho o mais terrível da minha vida, ditado nessas palavras, que o senhor nunca deve de renovar." (GSV, 233). Êle mesmo já tinha construído para si êsse pequeno texto-súmula, que escapara de seus lábios logo no início da narração seguido pela recusa de explicá-lo (GSV, 12) e que só vai encontrar significado pleno no desfêcho da história.

Capítulo 5º

AS LINHAS DO DESTINO: FORMAÇÃO DO JAGUNÇO

"A verdade que diga, eu achava que não tinha nascido para a quilo, de ser sempre jagunço não gostava."

(GSV, 65)

1. O aprendizado

A carreira de Riobaldo, jagunço a contragosto, é resultado de dois acontecimentos decisivos: ainda na adolescência, o encontro com o Menino; alguns anos mais tarde, o primeiro contacto com um bando de jagunços, na fazenda de seu pai.

Retido em sua memória como um ponto de partida, Riobaldo assim inicia o relato do encontro com o Menino: "Foi um fato que se deu, um dia, se abriu. O primeiro." (GSV, 97). A marca desse episódio é a experiência da coragem. Riobaldo se envergonha por ser medroso e recebe uma lição prática do Menino em assunto de coragem, tanto ante as fôrças da natureza - a travessia sem medo do rio S. Francisco -, como ante seus semelhantes - o Menino enfrenta e fere a faca o mulato que vem provocá-los. E o Menino diz a Riobaldo: "Carece de ter coragem. Carece de ter muita coragem..." (GSV, 104).

Riobaldo admira o Menino: o destemor, as boas roupas, as mãos finas, a autoridade natural; comanda Riobaldo, comanda o canoeirinho. É sobretudo dono de si mesmo, sem vacilação e sem desfalecimento.

A nota ambígua já se insinua nessa cena primeira, nas sugestões obscenas do mulato sobre a relação e entre os dois garotos. Também ante elas, o Menino não perde a tranquilidade, enquanto Riobaldo tenta se explicar.

A experiência da coragem, que é o fundamental no episódio, gera em Riobaldo um sentimento de submissão e dependência para com o Menino. Vê-se como é, membro da plebe rural, pobre e sem pai, mal vestido, tirando esmola para pagar promessa, agregado dos outros. O Menino não é agregado de ninguém, é de família proprietária e filho do "homem mais valente deste mundo", em suas próprias palavras (GSV, 102).

Depois desse incidente é que Riobaldo, morta a mãe, vai morar com seu padrinho Selorico Mendes; como ele mesmo diz: "Ela morreu, como a minha vida mudou para uma segunda parte" (GSV, 106). Do passado até então, o que resta é o inventário da patética parafernália do pobre do meio rural: "(...) lá larguei a outros o pote, a bacia, as esteiras, panela, chocolateira, uma caçarola bicuda e um alguidar; somente peguei minha rede, uma imagem de santo de pau, um caneco-de-asa pintado de flores, uma fivela grande com ornados, um cobertor de baeta e minha muda de roupa. Puseram para mim tudo em trouxa, como coube na metade dum saco." (GSV, 106-7).

Dessa maneira, Riobaldo deixa repentinamente de ser plebeu para "viver na lordeza" (GSV, 117) e educar-se. É enquanto vive a "segunda parte" de sua vida, de volta à fazenda de seu padrinho após os anos de estudo, que Riobaldo passa pelo segundo acontecimento decisivo: "Depois pouco que voltei do Currealinho, definitivo, grande fato se deu, que ao senhor não esconde." (GSV, 111). Nutrido pelo padrinho na mitologia do cangaço e por ele armado, é uma revelação para Riobaldo o primeiro encontro com um bando.

O bando que vem à fazenda tem por chefes alguns amigos de Selorico Mendes; o que buscam é um lugar para se acoitarem com seus muitos homens, durante o dia, pois só viajavam à noite. Por que estavam ali naquelas paragens, ao que v_inham, para onde iam e para fazer o que? Não se sabe; apenas o imediato para aquêle dia e o pedido de um rastreador que os conduzisse rapidamente até a Serra das Trinta Voltas. O que se sabe: "Alarico Totõe sendo um fazendeiro do Grão-Mogol, conhecido de meu padrinho. Ele, com seu i_rmão Aluiz Totõe, pessoas finas, gente de bem. Tinham encomendado o auxílio amigo dos jagunços, por uma questão política, logo entendi." (GSV, 111).

É aí que vêm ao encontro de Riobaldo dois dos homens do destino: Joca Ramiro e Hermógenes. O primeiro está ali como chefe dos demais, e o outro, com Ricardão, é um dos seus dois segundos. Por Joca Ramiro, Riobaldo é todo admiração; quanto ao Hermógenes, sente repulsa imediata. Detém-se na descrição dêle, com minúcia desagradável. E diz, hoje: "Reproduzo isto, e fico pensando: será que a vida socorre à gente certos avisos?" (GSV, 112). Separa bem o horror que então sentiu por êsse homem do horror que sentiria mais tarde.

A excitação que o jovem sente ante a presença dos jagunços, o fascínio da aventura, o apêlo de um outro tipo de vida que êle supõe mais atraente que o seu, tudo isso impregna o clima dêsse primeiro contacto. Quando êles se vão, "Achei mesmo que tudo tinha perdido a graça, o de se ver." (GSV, 115).

A fuga de Riobaldo, causada pela descoberta de que Selorico Mendes é seu pai, vai levá-lo, por ínvios caminhos, até os braços de Zé Bebelo. Pensando que ia para tarefa de paz e de letrado, vai acabar caindo no cangaço. Mas quando foge de casa, já é destro em armas, o que deve

a seu pai; e é o bom atirador que será pela vida afora.

Terminada sua missão pedagógica junto a Zé Bebelo, e rapidamente, graças aos dotes excepcionais do discípulo, Riobaldo vai ficando por ali: é um disponível, sem perspectivas, sem querer, sem autodeterminação. É sempre a vontade dos outros que decide de seu destino. Por que não ficar? E vai ficando, fazendo camaradagem com a jagunçada, convivendo com Zé Bebelo e sendo lentamente absorvido por aquêle estilo de vida, que é o da vida em bando. E quando o bando finalmente sai, para iniciar a campanha que objetiva acabar com o cangaço, Riobaldo vai junto ainda não como jagunço a mais, porém como secretário-amanuense. "Com êles eu estava vindo, então, o senhor vê. Vinha, para conhecer êsse destino-meu-deus." (GSV, 127).

Assim, Riobaldo estava vindo, dispensado de pensar e de decidir. "Digo que fui, digo que gostei. À passeio ta forte, pronta comida, bons repousos, companheiragem. O teor da gente se distraía bem. Eu avistava as novas estradas, diversidade de terras. Se amanhecia num lugar, se ia à noite noutra, tudo o que podia ser ranço ou discórdia consigo restava para trás." (GSV, 127). À primeira batalha não assiste, por ordem de Zé Bebelo que o queria para outra função, a de fazer discurso na vila após a vitória; da segunda participa, mas aparentemente apenas como espectador. Nêste trecho da iniciação guerreira, Riobaldo é perturbado por dois sentimentos que entram em choque com seu novo estilo de vida: um, a piedade que sente pelos inimigos aprisionados; outro, o suspeitar-se a si mesmo de traição, ao contar a Zé Bebelo pormenores da organização do bando de Joca Ramiro. Pois, nada mais nada menos, essa guerra de extermínio que Zé Bebelo, aliado ao govêrno, está movendo contra o cangaço, uma guerra civilizatória, portanto, dirige-se inicialmente contra Joca Ramiro: das duas batalhas

já travadas, uma foi contra o bando do Hermógenes e a outra contra o bando de Ricardão, ambos os segundos de Joca Ramiro. Então, é uma guerra de morte contra Joca Ramiro, o homem que, até aí, Riobaldo mais admira.

Sem grandes explicações, Riobaldo deserta. "Fugi. De repente, eu vi que não que não podia mais, me govei nou um desgosto. Não sei se era porque eu reprovava aquilo de se ir, com tanta maioria e largueza, matando e prendendo gente, na constante brutalidade. Debelei que descuidassem de mim, restei escondido retardado. Vim-me. Isso que, pelo ajustado, eu não carecia de fazer assim. Podia chegar perto de Zé Bebelo, desdizer: -"Desanimei, declaro de retornar para o Curralim..." Não podia? Mas, na hora mesma em que eu a decisão tomei, logo me deu um enfaro de Zé Bebelo, em trosgas, a conversação. Nem eu não estava para ter confiança nenhuma em ninguém. A bem: me fugi, e mais não pensei exato. Só isso. O senhor sabe, se desprocede: a ação escorregada e aflita, mas sem substância narrável." (GSV, 130).

Riobaldo, tinha chegado a tomar uma decisão, tinha definido sua autonomia; eis como o descreve: "Em certo ponto do caminho, eu resolvi melhor minha vida." (GSV, 130). Mas, ainda assim, a seu modo ambíguo e titubeante: "Meu rumo mesmo era o do mais incerto. Viajei, vim, acho que eu não tinha vontade de chegar em nenhuma parte." (GSV, 130). Riobaldo tenta, portanto, arrancar-se àquêle tipo de vida; mas é fugindo a êle que vai encontrar-se novamente com o Menino, agora homem, e, por essa via, amarrar-se definitivamente à jagunçagem. A disponibilidade redonda em dependência, a gratuidade em fatalidade.

Encontrando-se com o Menino-Môço, segue para fazer parte do bando de Joca Ramiro. "De seguir assim, sem a dura decisão, feito cachorro magro que espera viajantes en

ponto de rancho, o senhor quem sabe vá achar que eu seja homem sem caráter. Eu mesmo pensei." (GSV, 135-6). Essa, a grande diferença entre o jagunço e o jagunço Riobaldo. Riobaldo é só meio-jagunço; sua carreira tôda será perturbada pela consciência da disponibilidade, pelo indagar e indagar-se, e pelo duvidar. "Conheci que estava chôcho, dado no mundo, vazio de um meu dever honesto. Tudo, naquele tempo, e de cada banda que eu fôsse, eram pessoas matando e morrendo, vivendo numa fúria firma, numa certeza, e eu não pertencia a razão nenhuma, não guardava fé e nem fazia parte." (GSV, 136). Logo que se une ao bando de Joca Ramiro, permanece em repouso num lugar bonito, fruindo da companhia do Menino-Môço; então, opina que antes de todos seguirem marcha, devem mandar um só para levantar informações como espia. O conselho é bem recebido e até louvado, deixando Riobaldo envaldecido. Isso, porém, é suficiente para que êle logo conceba dúvidas a respeito de suas motivações: "Mas logo me reduzi, atinando que minha opinião era só pelo desejo encoberto de que a gente pudesse ficar mais tempo ali, naquele lugar que me concedia tantos regalos. Assim um rão de remorso: tantos perigos ameaçando, e a vida tão séria em cima, e eu mexendo e virando por via de pequenos prazeres. Sempre fui assim, descabido, desamarraado." (GSV, 141).

A troca de partido não se faz sem problemas para Riobaldo. Inicialmente começa logo a perguntar se Joca Ramiro é um homem bom. E justamente a Titão Passos, o chefe, que "achava o Norte natural" (GSV, 142). Tudo o que consegue de Titão Passos é o espanto, como resposta a questão despropositada. Do prêto de Rezende, outra resposta insuficiente: "Bom? Um messias!..." (GSV, 142). De Reinaldo, o Menino-Môço: "Não sabe que quem é mesmo inteirado valente, no coração, êsse também não pode deixar de ser bom?!"

(GSV, 143). Mas Riobaldo continua insatisfeito e, muitos e muitos anos depois, já retirado do cangaço, ainda pergunta ao compadre Quelemém se isso é verdade.

Mas o mais grave de tudo é novamente o sentimento de traição que dêle se apossa. Assim como se sentira traidor ao contar a Zé Bebelo coisas do bando de Joca Ramiro, agora sente o mesmo outra vez, ao ser amigavelmente interrogado por Titão Passos sobre os costumes guerreiros de Zé Bebelo. Fica na maior angústia, em palpos de aranha, sem saber onde está seu dever de lealdade. "Eu devia? Não devia? Vi vago o adiante da noite, com sombras mais apresentadas." (GSV, 144). É árdua a aprendizagem de jagunço para Riobaldo, letrado e filho de fazendeiro: a "segunda parte" de sua vida interfere a cada passo, impedindo-o de dissolver-se automaticamente na massa, sem vontade e sem consciência, sem submeter a julgamento cada ação sua. "Eu, quem é que eu era? De que lado eu era? Zé Bebelo ou Joca Ramiro? Titão Passos... o Reinaldo... De ninguém eu era. Eu era de mim. Eu, Riobaldo. Eu não queria querer contar." (GSV, 144).

Ao fim, consegue fazer uma transação consigo mesmo: não contaria nada, mas seria prestativo para tudo no novo bando e, nesta nova condição, sofreria juntamente com todos o que de mal adviesse do fato de não ter contado. "No caso, em vista de que agora eu estava também sendo um ramiro, fazia parte." (GSV, 145). Esse, o grande problema de Riobaldo: fazer parte ou não fazer parte. Mas, assim que resolveu de si para si a questão, já Titão Passos o desassossega de novo, avisando-o que se acautele, porque o inimigo pode estar procurando-o para matá-lo devido a sua deserção, o que lança Riobaldo nas profundezas do medo.

Para vencer o medo, Riobaldo tem a intuição de entregar-se à ascese. Decide que, por um dia, vai mortifi

car sua carne e seu espírito, não fumando, não dormindo, não descansando e evitando a companhia do Reinaldo. Dessa maneira, êle consegue afirmar a sua vontade acima de suas fraquezas, e tomar as rédeas de si mesmo. E, ao fim, recebe ainda prêmio maior, inesperado: Reinaldo lhe revela seu verdadeiro nome, que é o de Diadorim, pedindo-lhe que só o chame por êste nome quando ambos estiverem a sós. A ascese, portanto, leva à obtenção de graças acumuladas, mais ainda do que êle pretendia. "Aquê^{le} dia fôra meu, me pertencia." (GSV, 149). Confirmação de amizade e aliança secreta, foi o que ganhou a mais.

2. Diadorim, minha neblina

Quando era homem de Zé Bebelo, Riobaldo se sentia traidor de Joca Ramiro, que tinha sido sua admiração primeira. Quando é homem de Joca Ramiro, sente-se traidor de Zé Bebelo, a quem respeita e por quem foi distinguido. São duas pessoas, dois adversários em luta, à frente de dois lados: Riobaldo já foi de um, agora é de outro. E é sendo dêste outro que Riobaldo vai cair em nova ambivalência.

O tom ambíguo nas relações de Riobaldo com Diadorim, quando êste ainda era o Menino, no encontro que foi o fato primeiro no destino de Riobaldo, já fôra presentido pelo mulato que fêz propostas obscenas a ambos. Mas, episódio perdido no passado, não teve quaisquer sequelas, nesse pormenor, na vida subsequente de Riobaldo.

Tudo se inicia outra vez quando êle reencontra o Menino, ambos já adultos. A vaga dos sentimentos se eleva, forte, e arrebatava Riobaldo:

"Ah, mas, ah! - enquanto que me ouviam, mais um homem, tropeiro também, vinha entrando, na soleira da porta. Aguentei aquê^{le} nos meus olhos, e recebi um estremecer,

em susto desfechado. Mas era susto de coração alto, parecia a maior alegria.

Soflagrante, conheci. O moço, tão variado e vistoso, era, pois sabe o senhor quem, mas quem, mesmo? Era o Menino! O Menino, senhor sim, aquêles do pôrto do de-Janeiro, daquilo que lhe contei, o que atravessou o rio comigo, numa bamba canoa, tôda a vida. E êle se chegou, eu do banco me levantei. Os olhos verdes, semelhantes grandes, o lembrável das compridas pestanas, a bôca melhor bonita, o nariz fino, afiladinho. Arvoamento dêesses, a gente estatela e não entende; que dirá o senhor, eu contando só assim? Eu queria ir para êle, para abraço, mas minhas coragens não deram. Porque êle faltou com o passo, num rejeito, de acanhamento. Mas me reconheceu, visual. Os olhos nossos donos de nós dois. Sei que deve de ter sido um estabelecimento forte, porque as outras pessoas o novo notaram - isso no estado de tudo percebi. O Menino me deu a mão: e o que mão a mão diz é o curto; às vêzes pode ser o mais adivinhado e conteúdo; isto também. E êle como sorriu. Digo ao senhor: até hoje para mim está sorrindo. Digo. Ele se chamava o Reinaldo." (GSV, 132-3).

Nesta cena, que lembra outras de outros livros que contam grandes encontros definitivos, o destino de Ribaldo é decidido. Na sua existência disponível, sem saber o que quer, e sem saber quem é - membro da plebe rural ao mesmo tempo que filho de fazendeiro, letrado ao mesmo tempo que jagunço -, encontrou finalmente sua determinação: o laço pessoal que o liga ao Menino-Môço é que vai comandar daí por diante seu destino. "E desde que êle apareceu, môço e igual, no portal da porta, eu não podia mais, por meu próprio querer, ir me separar da companhia dêle, por lei nenhuma; podia? O que entendi em mim: direito como se, no reencontrando aquela hora aquêles Menino-Môço, eu tive

se acertado de encontrar, para o todo sempre, as regências de uma alguma a minha família." (GSV, 134).

O laço que o prende para sempre a Diadorim tem duplo conteúdo. É um laço de amor ao mesmo tempo que de morte: amor mútuo e mútuo contrato de matar os inimigos. É um laço concebido e desenvolvido sob o signo de Deus e do Diabo: revela ao mesmo tempo tudo aquilo que o homem tem de bom e tudo aquilo que tem de mau. É um laço ao mesmo tempo de camaradagem máscula e de equívoco desejo, de plenitude e de conflito, de fruição de paz e de guerra feroz. É um laço que traz, contida dentro de si, sua própria destruição.

Agora que é o narrador, Riobaldo tem consciência que é dessa forte relação entre ambos que resultou a morte de Diadorim. Pois, se não tivesse permanecido leal a Joca Ramiro e jurado vingá-lo em voto de fidelidade exigido por Diadorim, não teria mantido o propósito de exterminar o Hermógenes; e o extermínio do Hermógenes é, no mesmo ato, o extermínio de Diadorim. É assim que, ao narrar o encontro com o Menino-Môço, logo comenta: "Mas quando foi que minha culpa começou?" (GSV, 134). Subjacente ao longo de todo o romance, está o sentimento que perturba Riobaldo, o de ter sido o instrumento da morte de Diadorim.

Da relação com Diadorim logo surge, em Riobaldo, um novo conceito de amizade. Consegue definir para si mesmo, bem claro, o que é o laço de amizade consensual no sertão - nome que encobre uma aliança de dominação - e compreende que o que o liga a Diadorim é muito mais, embora possa eventualmente englobar aquele, mas transcendendo o. Ao participar a Diadorim suas suspeitas sobre a potencial deslealdade de Hermógenes para com Joca Ramiro, não recebe confirmação delas; Diadorim discorda e diz que o Hermógenes era "fiel - punia e terçava". (GSV, 171); que Riobaldo "não entendia de amizades, no sistema de jagunços.

Amigo era o braço, e o aço!" (GSV, 171). Riobaldo reage ante esta definição armada da amizade. "Amigo? Aí foi isso que eu entendi? Ah, não; amigo, para mim, é diferente. Não é um ajuste de um dar serviço ao outro, e receber, e saírem por êste mundo, barganhando ajudas, ainda que sendo com o fazer a injustiça aos demais." (GSV, 171). Essa definição lúcida da amizade convencional auxilia Riobaldo a definir uma espécie mais alta de amizade que, embora igualmente um laço de pessoa a pessoa, sai para fora do mundo da jagunçagem política e releva, provavelmente, de seu componente letrado, em busca de um universo ético mais satisfatório. "Amigo, para mim, é só isto: é a pessoa com quem a gente gosta de conversar, do igual o igual, desarmado. O de que um tira prazer de estar próximo. Só isto, quase; e os todos sacrifícios." (GSV, 171-2).

Ao longo de toda a sua atormentada relação com Diadorim, Riobaldo enfrenta esta contradição: êle, um homem de mulheres, ama um homem, e sabe que ama um homem. Logo no início, assim que Diadorim lhe conta em segredo seu nome verdadeiro, êle se certifica: "A amizade dêle, êle me dava. E amizade dada é amor." (GSV, 150). E, querendo esclarecer o interlocutor, sem contudo revelar ainda o encoberto, mostra que Diadorim possuía a virtude mais prezada do homem do sertão - a valentia -, justamente aquela que se faz critério de virilidade. "Diadorim - dirá o senhor: então, eu não notei viciice no modo dêle me falar, me olhar, me querer-bem? Não, que não - fio e digo. Há-de-o, outras coisas... O senhor duvida? Ara, mitilhas, o senhor é pessoa feliz, vou me rir... Era que êle gostava de mim com a alma; me entende? O Reinaldo. Diadorim, digo. Eh, êle sabia ser homem terrível. Suspa! O senhor viu onça: boca de lado e lado, raivável, pelos filhos? Viu rusgo de touro no alto campo, brabejando; cobra jararacussú emendando sete botes estalados; bando doido de queixadas se pas

santes, dando febre no mato? E o senhor não viu o Reinaldo guerrear!..." (GSV, 151). Mas, contando em seguida um incidente para provar a coragem de Diadorim, quando enfrenta a faca um dos dois que insinuaram que êle era "delicado" (não por acaso, de nome Fanchó-Bode), prova ao mesmo tempo que era ao menos pressentível para quem não o conhecia a sua verdadeira natureza sexual. "Mas Diadorim, sendo tão galante môço, as feições finas caprichadas. Um ou dois, dos homens, não achavam nêle jeito de macheza, ainda mais que pensavam que êle era novato." (GSV, 152). Mas é antes pelo hábito que os outros jagunços não estranham uma amizade tão estreita: "Se acostumavam de ver a gente parmente. Que nem mais maldavam." (GSV, 29). Quando no acampamento do Hermógenes, entre tanta gente desconhecida e bruta, Riobaldo se precavém: "Mas, mesmo, achei que ali convinhável não era se ficar muito tempo juntos, apartados dos outros. Cismeí que maldavam, desconfiassem de ser feio pegadio." (GSV, 161).

Para Riobaldo, a questão não tarda a se colocar como problema. "Meu corpo gostava de Diadorim. Estendi a mão, para suas formas; mas, quando ia, bôbamente, êle me olhou - os olhos dêle não me deixaram. Diadorim, sério, testalto. Tive um gêlo. Só os olhos negavam. Vi - êle mesmo não percebeu nada. Mas, nem eu; eu tinha percebido? Eu estava me sabendo? Meu corpo gostava do corpo dêle, na sala do teatro." (GSV, 173). Mesmo quando acabou de conhecer Otacília, e na madrugada mesma do dia em que com ela noivou, a perturbadora emoção que sente por Diadorim se manifesta. "Diadorim permanecia lá, jogado de dormir. De perto, senti a respiração dêle, remissa e delicada. Eu a í gostava dêle. Não fôsse um, como eu, disse a Deus que êsse ente eu abraçava e beijava." (GSV, 187).

Para Riobaldo, a revelação da raiz real de seus

sentimentos sobrevém repentinamente. "O que sei, tinha sido o que foi: no durar daqueles mêses, de estropelias e guerras, no meio de tantos jagunços, e quase sem esparecimento nenhum, o sentir tinha estado sempre em mim, mas amortecido, rebuçado. Eu tinha gostado em dormência de Diadorim, sem mais perceber, no fôfo dum costume. Mas, agora, manava em hora, o claro que rompia, rebentava. Era e era." (GSV, 276). É no lugar chamado Guararavacã do Guaicuí, onde de uma parte do bando pára por dois mêses, após o julgamento de Zé Bebelo e o fim da guerra - em tempo de espera, portanto -, que vão acontecer duas grandes coisas: esta revelação e a chegada da notícia da morte de Joca Ramiro. É por isso que Riobaldo diz: "A Guararavacã do Guaicuí: o senhor tome nota dêste nome. (...) Mas foi nêsse lugar, no tempo dito, que meus destinos foram fechados. Será que tem um ponto certo, dêle a gente não podendo mais voltar para trás? Travessia de minha vida. Guararavacã - o senhor veja, o senhor escreva." (GSV, 274).

É nesse lugar, no descanso e no lazer, que Riobaldo se apercebe de súbito até onde poderia ir. "Aquêle lugar, o ar. Primeiro, fiquei sabendo que gostava de Diadorim - de amor mesmo amor, mal encoberto em amizade. Me a mim, foi de repente, que aquilo se esclareceu: falei comigo. Não tive assombro, não achei ruim, não me reprovei - na hora." (GSV, 274). Tudo surgiu de ter pronunciado o nome de Diadorim. "O nome de Diadorim, que eu tinha falado, permaneceu em mim. Me abracei com êle. Mel se sente é todo lambente - "Diadorim, meu amor..." Como era que eu podia dizer aquilo? Explico ao senhor: como se drede fôse se para eu não ter vergonha maior, o pensamento que eu mim escorreu figurava diferente, um Diadorim assim meio singular, por fantasma, apartado completo do viver comum, desmisturado de todos, de tôdas as outras pessoas - como quan

do a chuva entre-onde-os-campos." (GSV, 275). A revelação vai se fazendo cada vez mais completa: "Mas, com minha mente, eu abraçava com meu corpo aquê^{le} Diadorim - que não era de verdade. Não era? A ver que a gente não pode explicar essas coisas. Eu devia de ter principiado a pensar nêle do jeito de que decerto cobra pensa: quando mais-olha para um passarinho pegar. Mas - de dentro de mim: uma serepente. Aquilo me transformava, me fazia crescer dum modo, que doía e prazia. Aquela hora, eu pudesse morrer, não me importava." (GSV, 275-6). À medida que a narração acompanha a ampliação da descoberta, igualmente as figuras fálicas impregnam a linguagem; o mel todo lambente, a chuva-entre-onde-os-campos, e afinal a serepente, dão conta da carne dos sentimentos numa verdadeira mimese fisiológica, a par com a carga - positiva - de dulçor e renovação vital, e a carga negativa de algo repelente e venenoso.

E o horror da situação se apossa de Riobaldo. "Se é o que é" - eu pensei - "eu estou meio perdido..." Acertei minha idéia: eu não podia, por lei de rei, admitir o extrato daquilo. Ia, por paz de honra e tenência, sacar esquecimento daquilo de mim. Se não, pudesse não, ah, mas então eu devia de quebrar o morro: acabar comigo! - com uma bala no lado de minha cabeça, eu num átimo punha barra em tudo. Ou eu fugia - virava longe no mundo, pisava nos espaços, fazia tôdas as estradas." (GSV, 276). Mobiliza seus recursos para enfrentar o que encontrou em si mesmo, ainda que sem grandes resultados. "Tanto também, fiz d e conta estivesse olhando Diadorim, encarando, para duro, calado comigo, me dizer: "Nego que gosto de você, no mal . Gosto, mas só como amigo!..." Assaz mesmo me disse. De por diante, acostumei a me dizer isso, sempre vêzes, quando perto de Diadorim eu estava. E eu mesmo acreditei. Ah, meu senhor! - como se o obedecer do amor não fôsse sempre

ao contrário..." (GSV, 276-7).

Essa crise na vida de Riobaldo é interrompida pela chegada da notícia da morte de Joca Ramiro, o que exige uma reformulação de tudo. Primeiro, é o apêlo do chefe de Riobaldo, Titão Passos, clamando por vingança imediata: "Mas quem é que está pronto em armas, para rachar Ricardão e Hermógenes, e ajudar a gente na vingança agora, nas de safrontas?" (GSV, 281). A êle se acrescenta o apêlo de Diadorim: "De tudo nesta vida a gente esquece, Riobaldo. Você acha então que vão logo olvidar a honra dêle?" (GSV, 283), apêlo êste feito em pranto sem consôlo: o seguimento da vida de Riobaldo já está decidido. Tanto que, encarregado de avisar a outro grupo que acampava próximo, chega lá e já diz: "Trago notícia de grande morte! - sem de sapear eu declarei. Êles todos tiraram os chapêus, para me escutar. Então, eu gritei: - "Viva a fama do nosso Chefe Joca Ramiro..." E, pela tristeza que estabeleceu minha voz, muito me entenderam. Ao que quase todos choraram. -"Mas, agora, temos de vingar a morte do falecido! - e u ainda pronunciei." (GSV, 283). Riobaldo já coloca na primeira pessoa do plural o dever da missão, incluindo-se no sujeito coletivo agente, portanto: gesto natural para êle como jagunço e definidor de seu destino como pessoa.

No ir-e-vir da perseguição ao bando do Hermógenes e na esquivança aos soldados do govêrno - que ali estavam para dar caça aos bandos privados, mandados pelo govêrno para dar apôio a Zé Bebelo; mas que, por descompasso, continuavam perseguindo os ex-chefiados de Joca Ramiro que agora só queriam liquidar o Hermógenes, pois já tinham vencido, julgado, libertado e exilado Zé Bebelo - ou seja, num cotidiano absurdo e confuso, num viver apressado, de vez em quando a proximidade de Diadorim atormenta Riobaldo. "Eu tinha súbitas outras minhas vontades, de pas

sar devagar a mão na pele branca do corpo de Diadorim, que era um escondido." (GSV, 297).

É só após o pacto com o Diabo que Riobaldo se acalma um pouco mais, no que diz respeito a Diadorim; ao menos, passa a sofrer menos angústias e menos dúvidas a seu próprio respeito. São amortecidos, igualmente, os impulsos carnavais que várias vezes sentira em direção dêle. Fica como que um amor mais calmo, embora sempre presente. Apenas na véspera da morte de Diadorim é que Riobaldo, por uma vez, relaxa o contrôlo e se manifesta, liberado pela iminência do combate. "Ao que, alforriado me achei. Deixei meu corpo querer Diadorim; minha alma? Eu tinha recordação do cheiro dêle. Mesmo no escuro, assim, eu tinha aquêle fino das feições, que eu não podia divulgar, mas lembrava, referido, na fantasia da idéia. Diadorim - mesmo o bravo guerreiro - êle era para tanto carinho: minha repentina vontade era beijar aquêle perfume no pescoço: a lá, aonde se acabava e remansava a dureza do queixo, do rosto..." (GSV, 542). Tem consciência do impasse da situação de ambos: "Êle fôsse uma mulher, e à-alta e desprezadora que sendo, eu me encorajava: no dizer paixão e no fazer - pegava, diminuía: ela no meio de meus braços! Mas, dois guerreiros, como é, como iam poder se gostar, mesmo em singela conversação - por detrás de tantos brios e armas? Mais em antes se matar, em luta, um o outro. E tudo impossível." (GSV, 542-3). E é exatamente a constatação da impossibilidade que faz Riobaldo baixar sua guarda: "Três-tantos impossível, que eu descuidei, e falei: -...Meu bem, estivesse dia claro, e eu pudesse espiar a côr de seus olhos..." (GSV, 543). Isto é deixa para uma resposta ofendida de Diadorim, à qual se segue um disfarçar-se de Riobaldo, fingindo que era brincadeira.

Riobaldo está sempre estabelecendo um contra

ponto entre seus dois amores, Diadorim e Otacília, o guerreiro e a noiva, a vida de aventuras e fortes emoções ou a vida pacata e estabelecida, uma para o jagunço e a outra para o fazendeiro. A lembrança de Otacília, com quem só esteve pelo curto espaço de dois dias, apresenta-se sempre como algo idealizado, como se fôsse um quadro fixo: "Mas, Otacília, era como se para mim ela estivesse no camarim do Santíssimo." (GSV, 294). Essa imagem tem para êle a força simbólica de estar ali em lugar de todo um estilo de vida muito diferente do seu; além de pacífico no sentido literal, também sem dilaceramentos e dúvidas. Tanto sabe disso que logo declara a Otacília, filha única de rico fazendeiro, sua condição de filho de fazendeiro "dono de três possosas fazendas" (GSV, 184). E sai de lá fantasiando sobre o nôvo amor e a nova vida entrevista, com prazer sincero misturado com certa esperteza engraçada, como quem diz que sim, que os sentimentos são puros e autênticos, mas se vantagens os acompanham mal não faz. "Por breve - pensei - era que eu me despedia daquela abençoada fazenda Santa Catarina, excelentes produções. Não que eu acendesse em mim ambição de têres e havêres; queria era só mesma Otacília, minha vontade de amor. Mas, com um significado de paz, de amizade de todos, de sossegadas boas regras, eu pensava: nas rezas, nas roupagens, nas festa, na mesa grande com comedorias e doces; e, no meio do solene, o sôr Amadeu, pai dela, que apartasse - destinado para nós dois - um buritizal em dote, conforme o uso dos antigos." (GSV, 188).

Mas não fica lá. Vai-se embora com Diadorim e o resto do bando. "Sentimento prêso. Otacília. Por que eu não podia ficar lá, desta vez? Por que era que eu precisava de ir por adiante, com Diadorim e os companheiros, atrás de sorte e morte, nestes Gerais meus? Destino prêso.

Diadorim e eu viemos, vim; de rota abatida." (GSV, 188).

Se Diadorim se opõe a Otacília, por um lado, por outro também é o oposto de tôdas as mulheres. Tôdas as mulheres, aquelas com quem Riobaldo tem relações eventuais e efêmeras, mas prazerosas e incomplexas, estão representadas simbòlicamente na memória de Riobaldo pela figura de Nhorinhá, que vai e volta em suas recordações como amada apesar de prostituta. O que faz Riobaldo dizer: "Ah, a flôr do amor tem muitos nomes." (GSV, 181). E assim como o antagonismo de Diadorim é de imediato suscitado por Otacília, também o é com relação a tôdas as outras mulheres. O sentimento que parte de Diadorim em direção de Riobaldo é exigente e não deixa lugar para outros projetos: é o destino prêso.

3. Riobaldo, jagunço em dúvidas

Filho de fazendeiro e futuro fazendeiro cumprindo destino de plebeu, letrado vivendo vida de iletrado, homem de mulheres amando um homem, mente exercitada perdendo-se no calor da ação, Riobaldo não consegue firmar a noção da própria identidade e tomba na dúvida.

Cativo de Diadorim, a quem acompanha, faz parte pela primeira vez de um acampamento de jagunços, não mais como o Professor mas como um jagunço. Sente estranheza e repulsa imediatas. "Cabralhada. Tiba. De boa entrada, ao que me gasturei, no vendo. Aquêles eram mais de cento e meio, sofreúdos, que todos curtidos no jagunçar, rafaméia, mera gente." (GSV, 155). Custa a se habituar com tudo aquilo; ainda assim, nunca chega a se habituar de todo: "Azombado, que primeiro até fiquei, mas daí quis a suntução, achei, a meu cômodo. Assim, isto é, me acostumei

com meio-só meu coração naquele arranchamento." (GSV, 155-6). Por outro lado, provando-lhe que êle não é um jagunço legítimo, também vem em direção dêle a estranheza dos outros. "Ao às-tantas me aceitaram; mas meio atalhados. Se o que fôssem mesmo de constância assim, por tempêro de propensão; ou, então, por me arrediarem, porquanto me achando dêles diverso? Sòmente isto nos princípios. Sendo que eu soube que eu era mesmo de outras extrações." (GSV, 156-7). Devido ao conjunto de fatores que encaminharam sua vida até ali, Riobaldo é e se sente "diferente".

A ambigüidade da condição jagunça, por êle percebida, vem sobrepor-se a ambigüidade de sua própria formação. Daí advêm as razões do sentir-se diferente e advêm igualmente as razões do sentir-se igual. "Então, eu era diferente de todos ali?" (GSV, 164), interroga-se êle; e responde: "Era." (GSV, 164). No parágrafo seguinte interroga-se novamente: "E eu era igual àqueles homens? Era." (GSV, 164); pois, não se deixou levar para ser jagunço e não vai continuar a sê-lo?

Mas Riobaldo não quer ser um assassino e um estuprador, embora isso seja parte integrante do ofício de jagunço, e êle mesmo venha a cair nisso. E observa que, para manter a "moral" da tropa quando ela não está combatendo, os próprios chefes mandam seus homens fazerem a rruaças. "Só por isso, para o pessoal não se abrandar nem esmorecer, até Sô Candelário, que se prezava de bondoso, mandava, mesmo em tempo de paz, que seus homens saíssem fôssem, para estrepelias, práticas da vida. Ser ruim, sempre, às vêzes é custoso, carece de perversos exercícios, de experiência." (GSV, 162).

Riobaldo faz aqui uma distinção, como fará outras vezes, entre matar e assassinar; o primeiro é justificado, a segundo não. Quando fizera parte do bando de Zé

Bebelo, já se alegrara porque êste não permitia o trucidamento dos adversários aprisionados, mas os encaminhava para uma cadeia pública.

Sente piedade pelos que são torturados e assassinados, ao mesmo tempo que teme passar por medroso aos olhos dos companheiros devido a seus sentimentos. "Eu tinha receio de que me achassem de coração mole, soubessem que eu não era feito para aquela influência, que tinha pena de tãda cria de Jesus. -"E Deus, Diadorim?" - uma hora eu perguntei." (GSV, 162-3). Mas Diadorim responde com a fórmula mais convencional e insatisfatória: "Ele me olhou, com silênciozinho todo natural, daí disse, em resposta: - "Joca Ramiro deu cinco contos de réis para o padre vigário de Espinosa..." (GSV, 163).

O Hermógenes está lá, no acampamento, como representante máximo da malvadeza. Quanto capturam um inimigo, é Hermógenes quem dêle se encarrega, afiando primeiro a faca com vagar, esticando seu prazer, para horror de Riobaldo. Vem-lhe à memória Zé Bebelo e compara um ao outro. E novamente o sentimento da traição se apossa dêle, ao desejar que Zé Bebelo vença mesmo e cumpra seu propósito de acabar com os jagunços. "E eu estava ali, cumprindo meu ajuste, por fora, com todo rigor; mas estava tudo traindo, traidor, no cabo do meu coração." (GSV, 163). Perdido no torvelinho dêsses sentimentos contraditórios, Riobaldo teme enlouquecer. Sua cabeça tampouco consegue dar conta do fato de que um homem mau como Hermógenes seja amigo e aliado de Joca Ramiro, aquêle mesmo a quem todos louvam e de quem êle andara indagando se era bom, obtendo respostas encomiásticas. Diadorim argumenta com êle: "Você acha que a gente corta carne é com quicé, ou é com colher-de-pau?" (GSV, 164). Como naturalmente os argumentos de Diadorim não relevam da ética mas do fato, ou seja, dos padrões cog

tumeiros da moralidade, Riobaldo continua perturbado. "Assim uma coisa eu estava escondendo, mesmo de Diadorim: que eu já parava fundo no falso, dormia com a traição." (GSV, 164).

De tôdas as coisas do "costume de jagunço", que, nessa primeira participação, enchem Riobaldo de perplexidade, na descoberta dos limites da prática humana, muito mais recuados do que êle supusera - sem que por isso os agentes deixem de ser homens dotados de virtudes que êle mesmo preza enquanto sertanejo, tais como a valentia e a camaradagem -, a mais terrível é a da afiação dos dentes. A crueza da cena pede citação extensa. "Pois não era que, num canto, estavam uns, permanecidos todos se ocupando num manejo caprichoso, e isto que êles executavam: que estavam desbastando os dentes dêles mesmos, aperfeiçoando os dentes em pontas! Se me entende? Senhor ver, essa atarefiação, o tratear, dava alôjo e aprêso, dava até aflição em aflito, abobante. (...) Assim um uso correntio, apontar os dentes de diante, a poder de gume de ferramenta, por amor de remedar o aguçoso de dentes de peixe feroz do rio de São Francisco - piranha redoleira, a cabeça-de-burro. Nem o senhor não pense que para êsse gasto tinham instrumentos próprios, alguma liminha, ou ferro lixador. Não: aí era à faca. O Jesualdo mesmo se fazia, fazia aquilo sentado num calcanhar. Aviava de encalar o corte da faca nas beiras do dente, rela releixo, e batia no cabo da faca, com uma pedra, medidas pancadas. Sem espêlho, sem ver; ao tanto, que era uma faca de cabo niquelado. Ah, no abre-bôca, comum que babando, às vêzes sangue babava. Ao mais gemêsse, repuxando a cara, pelo que verdadeiro muito doía. Aguentava. Assim esquentasse demais; para refrescar, então êle bochechava a breve, com um caneco de água com pinga. Os outros dois, também." (GSV, 157).

Temeroso daquela gente tão bruta, faz exibição de seus dotes de bom atirador, por precaução; e começa a sentir vontade de dar um tiro na testa de Hermógenes, motivado pelo medo que êle lhe provoca.

Não é gratuitamente, portanto, que de repente Riobaldo se lembra da canção de Siruiz. Onde estava aquela aura de fascínio e aventura carregada pelo primeiro bando de jagunços que êle vira, ainda adolescente, e que ficou condensada na canção de Siruiz? Era isto, então, a realidade terrível da jagunçagem, inteiramente diversa da memória guardada no passado, numa noite de maio com friagem de madrugada e o som de uma canção? E era o mesmo bando! Pergunta então por Siruiz, e até êle já morreu; pior de tudo, foi morto pelo bando de Zé Bebelo, quando Riobaldo dêle fazia parte: "Como se assim êle tivesse falado: "Siruiz? Mas não foram vocês mesmos que mataram?..." (GSV, 168). Em vez da canção de Siruiz, ensinam-lhe uma que para êle é nova, "cantiga de se viajar e cantar, guerrear e cantar, nosso bando, tôda a vida:

"Olerereêe, bai-

ana...

Eu ia e

não vou mais:

Eu fa-

ço que vou lá dentro, oh baiana,

e volto

do meio

p'ra trás..." (GSV, 168-9).

De fato, muito tempo depois, quando já é o chefe Urutu Branco, esta canção continua a ser o hino guerreiro do bando: estranho hino guerreiro, que nada tem de hino nem de guerreiro. É antes uma canção sumamente ambígua, que faz a descrição espacial do movimento contraditório e indeciso do sujeito; e, por isso, bastante represen

tativa tanto da condição jagunça como das oscilações de Riobaldo (57).

A oportunidade do primeiro combate, minuciosamente relatado, de que Riobaldo é participante, é propícia ao acirramento de suas dúvidas - antes, durante e depois d'ele - até o paroxismo. A aproximação progressiva de Zé Bebelo e do confronto com ele vão remexendo as oscilações de Riobaldo. "Todo o tempo eu vinha sabendo que no fim era esse, mas mesmo assim foi feito surpresa. Eu não podia imaginar que ia entrar em fogo contra os bebelos. De certo modo, eu prezava Zé Bebelo como amigo. Respeitava a finura d'ele - Zé Bebelo: sempre entendidamente. É uma coisa me esmoreceu a tórto. Medo, não, mas perdi a vontade de ter coragem." (GSV, 189). Trata de comunicar a Diadorim o que sabe das manhas guerreiras de Zé Bebelo, para imediatamente sentir-se mais uma vez traidor. "Eu estava sabendo que eu já disser aquilo era traição. Era? Hoje eu sei que não, que eu tinha de zelar por vida e pela dos companheiros. Mas era, traição, isto também sim: era, por que eu pensava que era. Agora, depois mais de que tudo que houve, não foi?" (GSV, 189-90). Declaração ambígua entre todas, mostrando que, da perspectiva da personagem, vivendo o narrado, era e não era traição; e que hoje, da pers

(56) A lendária canção do bando de Lampeão, a Mulher Rendeira, tampouco é um hino bélico:

"Olê mulher rendeira
Olê mulher rendá
Tu me ensina a fazer renda
Que eu te ensino a namorar."

É uma velha canção popular, da qual se conserva o refrão acima; as alusões a façanhas guerreiras ocorrem nos versos que vão sendo acrescentados ao refrão. A cantiga do bando de Joca Ramiro aproxima-se desta, primeiro pelo mero fato de ter o bando uma cantiga; depois, por não ter um refrão de caráter bélico, pelo exclamativo inicial (Olê) e por referir-se à mulher (rendeira ou baiana).

pectiva do narrador, narrando o vivido - possuindo muitas outras informações, tendo passado por muitas outras peripécias e tendo muito ganho em sabedoria, portanto julgando com base em mais amplos elementos - ainda, e embora de outra maneira, foi e não foi traição.

Para surpresa de Riobaldo, o chefe, que é o Hermógenes, convoca-o para que êle fique a seu lado no combate, pedindo-lhe ainda que escolha dois outros bons homens para completar o grupo de quatro. Riobaldo fica impando de vaidade, por ter sido distinguido pelo chefe, e hoje narra isso com escusas; mas, mesmo naquêles momentos, a repulsa que sente pelo Hermógenes persiste: "Eu gostei. Mesmo com a aversão, que digo, que foi, que forte era, como um escrúpulo. A gente - o que vida é -: é para se envergonhar..." (GSV, 192).

Em todo caso, o ter sido escolhido pelo Hermógenes tem como consequência a suspensão do sentimento de traição; embora provisoriamente, a ambigüidade foi resolvida. "Mas aí, eu fiquei inteiriço. Com a dureza de querer, que espremi de minha sustância vexada, fui sendo outro - eu mesmo senti: eu Riobaldo, jagunço, homem de matar e morrer com a minha valentia. Riobaldo, homem, eu, sem pai, sem mãe, sem apêgo nenhum, sem pertencências." (GSV, 192). Riobaldo agora é um jagunço. Superadas momentaneamente suas hesitações, assume a condição jagunça e em sua disponibilidade utilizada e na afirmação da valentia como valor máximo. Esse trecho, tão curto, é magistral no apanhar fino e lacônico daquilo que é essencial na condição jagunça.

Riobaldo, tornado um só - e só jagunço - pela distinção do chefe, está vivendo nesse momento uma antecipaço do pacto com o Diabo; não por acaso, Hermógenes é pactário; e menos por acaso ainda, às vèzes Hermógenes é o próprio Diabo, nêle encarnado. A suspensão das dúvidas

e a resolução da ambigüidade é o que ocorre no momento e é o que ocorrerá mais tarde através do pacto com o Diabo. Riobaldo sabe que não afrouxou seu horror ao Hermógenes, misto de medo e ódio: "Eu estava fechado, fechado na idéia, fechado no couro. A pessoa daquele monstro Hermógenes não encostava amizade em mim. E nem êle, naquela hora, não era. Era um nome, sem índole nem gana, só uma obrigação de chefia." (GSV, 192). Analisando mais minuciosamente aquêle momento tão revelador, acaba por definir que acima de Hermógenes está Joca Ramiro, embora êle não estivesse presente. "E, por cima de mim e dêle, estava Joca Ramiro. Pensei em Joca Ramiro. Eu era feito um soldado, obedecia a uma r egra alta, não obedecia àquêle Hermógenes. Dentro de mim falei: - "Eu, Riobaldo, eu!" Joca Ramiro é que era - a obrigação de chefia." (GSV, 192). Pensar no nome do chefe supremo completa sua transformação: "A arga que em mim roncou era um despropósito, uma pancada de mar. Nem precisava mais de ter ódio nem receio nenhum." (GSV, 192).

Escolhidos por Riobaldo o Garanço e o Montesclarense, os quatro se dirigem para escolher e ocupar posição para o combate. Riobaldo continua firme: "Era assim: eu ia indo, cumprindo ordens; acontecia o seguinte, o que viesse vinha; tudo não é sina? Nanja não queria me alembrear, de nenhum, nenhuma." (GSV, 194). O longo relato da noite de vigília, que compreende a descrição pormenorizada da natureza em seus hábitos noturnos e a disposição pessoal de Riobaldo, estende-se por várias páginas. Às vêzes, a dúvida ameaça se apossar novamente de Riobaldo - afinal, êle estava ali para matar gente pela primeira vez, e gente que êle não achava má -, mas êle consegue controlá-la, "Aquelas mortes, que eram para daí a pouco, já estavam na cabeça do Hermógenes. Eu não tinha nada com aquilo, próprio, eu não estava só obedecendo? Pois, não era? Ao que, o meu primeiro fogo tocaleiro. Danado desuso disso é o antes - tanto

antes, o rôr." (GSV, 197). A velha questão da responsabilidade atormenta Riobaldo; êle recebeu ordens e deve cumprilas; por isso, se exime da responsabilidade e da culpa? "O senhor acha que é natural? Osgas, que a gente tem de enxotar da idéia: eu parava ali para matar os outros - e não era pecado? Não era, não era, eu resumi: - Osgas... Cochilei, tenho; por descuido de querer. Dormi, mesmo? Eu não era o chefe. Joca Ramiro queria aquilo? E o Hermógenes, mandante perto, em sua capatazia. Dito por uns: no céu, coisa como uma careta preta? É êrro. Não, nada, ôi. Nada. Eu ia matar gente humana." (GSV, 197). Atribui a responsabilidade, ou tenta atribuí-la, ao Hermógenes: "Eu tinha de obedecer a êle, fazer o que mandasse. Mandava matar. Meu querer não correspondia ali, por conta nenhuma. Eu nem conhecia aquêles inimigos, tinha raiva nenhuma dêles. P e s soal de Zé Bebelo, povo reunido na beira do Jequitáí, por ganhar seu dinheirinho fiel, feito tropa de sôlido. Quantos não iam morrer por minha mão?" (GSV, 197).

Da certeza de Riobaldo, jagunço agora "inteiriço", vai novamente minando a incerteza. Vai aprofundando a indagação, prosseguindo no investigar do porquê das coisas. "Por que é que eu tinha de obedecer ao Hermógenes? Ainda estava em tempo: se eu quisesse, sacanhava meu revólver, gastava nêle um breve tiro, bem certo, e corria, la deira abaixo, às voltas, caçava de me sumir nesse vai-te-mundo." (GSV, 198). Vêm-lhe à mente fantasias de abandonar tudo e fugir com Diadorim, para bem longe, rumo a uma vida pacata. E consegue formular, de indagação em indagação, que a responsabilidade cabe à necessidade cega; êle está alí, aprestado para matar seus semelhantes ou morrer; os adversários também estão ali, aprestados para matá-lo e aos companheiros dêle ou morrer; isto é um fato trágico: todos estão jogando a vida e a alma numa parada sem causa;

a responsabilidade cabe não a cada indivíduo ou a um dado indivíduo, mas a um "estado de lei": "Não era nem o Hermógenes, era um estado de lei, nem dêle não era, eu cumpria, todos cumpriam." (GSV, 198).

O clarear do dia traz a iminência do combate, que acaba por entorpecer a consciência de Riobaldo. O primeiro tiro é dêle, por ordem do Hermógenes e juntamente com êle; tiro certeiro, que faz a primeira baixa e inicia a luta; Riobaldo chega a apreciar a companhia do Hermógenes. No calor do combate, apanha-se pensando que o Hermógenes era igual a êle, perde o medo e o ódio, registra que o Hermógenes não atirava tão bem quanto êle. Novamente, quando o combate vai mais furioso, surge a idéia de atirar no Hermógenes, em argumento tortuoso e entrecortado, pelo qual se convence de que não podia mesmo matá-lo e termina por dizer que o Hermógenes "era feito fôsse eu mesmo." (GSV, 203). E quando o Hermógenes lhe oferece comida, aceita e come; êle, que, no início da tocaia, ao receber da mesma mão um pedaço de fumo ensopado de cachaça para com êle esfregar-se e espantar os mosquitos, a si mesmo dissera que se fôsse comida não aceitaria. O desenvolvimento do combate, portanto, gera em Riobaldo uma identificação com o homem de quem êle mais tem horror; estão ambos ali fazendo a mesma coisa, isto é, igualados na terrível tarefa de matar gente com eficácia.

Tem tempo ainda, e percepção, para admirar as qualidades guerreiras do Hermógenes, sua intuição no adivinhar os movimentos e intenções do inimigo, a capacidade de liderança que se mostra nas ordens e nas atenções que tem para com seus comandados. Simultaneamente, sente-se mandado e determinado, sem possibilidade de poder decidir por si mesmo o que deve fazer.

O narrador se detém longamente na descrição des

se combate de estréia e para isso chama a atenção do interlocutor: "Narrei miúdo, dêsse dia, dessa noite, que dela nunca posso achar o esquecimento. O jagunço Riobaldo. Fui eu? Fui e não fui! - porque não sou, não quero ser. Deus esteja!" (GSV, 206). E é nesse passo que, pela primeira vez, menciona explicitamente que deseja alguma coisa do interlocutor, embora não diga ainda ao que se refere: "Quero é armar o ponto dum fato, para depois lhe pedir um conselho. Por daí, então, careço de que o senhor escute bem essas passagens: da vida de Riobaldo, o jagunço." (GSV, 206-7).

Mas o o episódio não termina aí; ao contrário, a narração compreende ao todo uma noite, o dia seguinte e sua noite. A vigília da tocaia tem sua contrapartida na involuntária vigília subsequente. Os dois homens que Riobaldo escolheu para formar o grupo, o Garanço e o Montesclarensense, foram mortos; e, afora isso, êle mesmo matou muitos; não sabe se sente pena ou culpa. O fato é que, à noite, não consegue dormir e Jõe Bexiguento vem conversar com êle, e lhe diz que também não consegue dormir após uma luta, que fica com uma espécie de "coceira na mente" (GSV, 209). Segue-se uma longa conversa entre ambos, na qual Riobaldo externa algumas das agitadas interrogações que o estão convulsionando, a respeito de matar, pecado, culpa, se Deus perdoa os crimes dos jagunços, etc. Na sua confusão, Riobaldo interroga Jõe Bexiguento com veemência e recebe respostas tranqüilas; respostas de alguém que não é como êle um indagador, mas apenas um jagunço. Diz o narrador: "Então - eu pensei - por que era que eu também não podia ser assim, como o Jõe?" (GSV, 210). Não se preocupava sequer com Deus e com o Diabo; mas, já que o assunto foi puxado, conta a Riobaldo um longo e misterioso caso, o caso de Maria Mute ma. E assim termina a noite, essa noite tão marcante do batismo de fogo de Riobaldo, o jagunço.

Por várias ocasiões, em sua vida, Riobaldo teve vontade de abandonar a vida de jagunço. Quando fazia parte do bando de Zé Bebelo, embora não como membro militante, abandonou mesmo o bando e fugiu. Fugiu, para encontrar no meio da fuga a Diadorim e ficar amarrado a êle e à vida de jagunçagem. No meio da noite do primeiro combate, Riobaldo pensa nisso de nôvo; e, sempre tendo sua sugestão rejeitada por Diadorim, Riobaldo a repete de tempos em tempos, como uma possibilidade de furtar-se à fatalidade; a reação de Diadorim é sempre de desprêzo, e faz Riobaldo envergonhar-se por ter pensado nisso. O fato é que vai cumprir seu destino até o fim - sucessivamente Professor, Cerzidor, Tatarana, pactário, Chefe Urutu Branco, fim fatal para Diadorim e para o jagunço Riobaldo.

Essas fantasias recorrentes de abandonar o cangaço, a par com sua efetivação sempre protelada e jamais realizada, o narrador resume-as numa frase: "Mas eu sempre fui um fugidor. Ao que fugi até da precisão de fuga." (GSV, 176). E, no único momento em que Diadorim abrande um pouco e tenta comunicar-lhe que não tem mais tão firme propósito em vingar o pai (GSV, 501-2), é tarde: Riobaldo já fêz o pacto com o Diabo e sequer consegue compreender o que Diadorim está se esforçando por dizer.

Capítulo 6º

O CERTO NO INCERTO : O PACTÁRIO

"Eu era dois, diversos? O não entendo hoje, naquele - tempo eu não sabia."

(GSV, 460)

1. Os dois crimes de Maria Mutema

Nos meados do romance Grande Sertão: Veredas, quando já vai bem adiantada a narração, é contado o caso de Maria Mutema. Num romance tão cerrado, com uma unificação tão forte, mantida sem desfalecimento por mão de mestre num monólogo recitado para um interlocutor-ouvinte, surge como peça estranha êste conto, perdido no meio do romance e ocupando cinco páginas. Ademais, embora seja o narrador quem o conte, êle está reproduzindo o que ouviu de Jõe Bexiguento na longa conversa que travaram por ocasião da vigília - subsequente ao batismo de fogo de Riobaldo. Todavia, apesar de sua extensão - única, dentro do romance - e minúcia, justifica-se por sua ligação com outros causos portentosos que, embora curtos, ocorrem em massa logo no início da narração e esparsos no restante, a modo de ilustração - objetivada dos grandes problemas metafísicos que Riobaldo está tentando elucidar (58). É o que se passa, por exemplo, com os casos de Pedro Pindó (GSV, 14-5) e de Aleixo (GSV, 13-4). No primeiro, pais muito bons têm um filho

(58) Lembro que casos dêsse tipo ocorrem frequentemente - na Bíblia, nos textos búdicos e nos textos confucianos. Apenas para registro: o que há de comum entre o falar caipira ou sertanejo e tais textos tao ilustres, deve ser 1- a oralidade originária, entranhada na posterior escritura, e 2- o caráter primitivo e pré-conceitual da objetivação, em personagens humanos, animais, divinos, inanimados, de princípios morais.

mau; castigam-no, para corrigir sua maldade; e acabam sen tindo prazer em castigá-lo. No segundo, é o indivíduo ma u, porém que ama muito aos quatro filhos, e que mata gra- tuitamente um velhinho esmoler; seus filhos, então têm sarampo e ficam cegos; após o que o pai se arrepende e se torna um homem bom. Ambos surgem logo no início da narra- ção, quando Riobaldo abre a discussão sôbre a existência do Diabo, se êle existe "sôlto, por aí, cidadão" (GSV,12) ou se, não tendo corpo e individualidade específica, age por outros meios.

Os dois casos são apresentados como portentos, como exemplos do fluir da vida, em que nada fica parado ou de tido, onde tudo muda incessantemente. Nas palavras de Riobaldo: "Mire veja: o mais importante e bonito, do mun do, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas - mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam. Verdade maior. É o que a vida me en sinou. Isso que me alegra, montão. É outra coisa: o diabo, é às brutas; mas Deus é traíçoeiro!" (GSV, 24).

Essas historietas mostram como o contrário sempre - surge de seu contrário; todavia, como são um apanhado ge ral de eventos, elas têm, arbitrariamente, um ponto de partida e um ponto final; fecham-se, portanto. Mas o co mentário de Riobaldo reabre-as, colocando dúvidas que mos tram novas possibilidades de desenvolvimento: o menino ma u, embora mau, quando está sendo castigado sofre igual a um menino bonzinho; e que culpa tinham as crianças cega das da maldade anterior do pai?

O caso de Maria Mutema é, nessa linha, o mais exten so, o mais completo e sobretudo o mais importante para o romance. Maria Mutema é uma mulher que vivia numa vila sertaneja e cujo marido amanhece um dia morto, na cama, - sem doença prévia ou ferimento aparente. Enterrado o ma- rido, Maria Mutema vai vivendo séria e digna em sua condi

ção de viúva, sempre de prêto e de pouco falar; só que deu em ir à igreja, confessando-se cada três dias. O Padre Ponte, homem bonachão e gordo, mostrava relutância - em ouvi-la em confissão, e foi emagrecendo e minguando - até que morreu. Nunca mais Maria Mutema foi à igreja. Até que aparecem na vila uns padres estrangeiros, que vêm em missão de reavivamento religioso, pregando e apelando para o arrependimento geral. Na última noite, Maria Mutema aparece na porta da igreja e é interpelada pelo padre, do púlpito; primeiro, êle interrompe o Salve-Rainha que está rezando; depois, diz a Maria Mutema que quer ouvi-la em confissão na porta do cemitério, onde estão enterrados dois defuntos. Então, Maria Mutema confessa tudo, ali mesmo, publicamente, aos gritos. Matara seu marido sem motivo, gratuitamente, introduzindo-lhe chumbo derretido no ouvido enquanto êle dormia; depois, confessou o crime ao Padre Ponte, dizendo-lhe que o fizera por amor ao padre, o que era mentira. E quanto mais o padre sofria e definhava, mais ela insistia na mentira. E não sabia porque, sabia apenas que sentia prazer nisso; levava também o padre à morte e agora pedia o perdão de Deus, confessando tudo publicamente. Maria Mutema vai prêsa, e na cadeia continua de joelhos, rezando e clamando seus pecados; desenterrado o esqueleto do marido, o crime é confirmado. E a história termina assim: "Mesmo, pela arrependida humildade que ela principiou, em tão pronunciado sofrer, alguns diziam que Maria Mutema estava ficando santa." (GSV, 215).

Esta parábola, que fala do mal puro, o mal em-si sem motivação, mostra como Maria Mutema tinha "um prazer de cão" em atormentar o Padre Ponte, a quem vinha confessar-se mentirosamente, quando "confirmava o falso, mais declarava - edificar o mal." (GSV, 214). E ao marido assassina, "sem motivo nenhum, sem malfeito dêle nenhum, - causa nenhuma -; por que, nem sabia." (GSV, 214). Enquan

to seus crimes não são miraculosamente descobertos, Maria Mutema continua a mesma; tudo está parado e detido. Mas, após o arrependimento, a vida voltou a fluir outra vez, a redenção é entrevista através da modificação pessoal de Maria Mutema, que pôs para fora seus pecados e assim está se transformando, talvez até ficando santa.

Os dois crimes de Maria Mutema são, formalmente, um só. O crime é executado mediante a introdução de algo no cérebro pelo conduto auditivo, algo que se solidifica ou se consolida, e mata. Também em ambos os casos o crime é um pacto entre duas pessoas - um agente e um receptor passivo - e com o mesmo efeito: a morte para o receptor, a danação para o agente. E a falta de motivo indica a intervenção do mal, que estava dentro do agente e que foi levado para dentro do receptor, sem que por isso o agente dêle se livrasse. O chumbo derretido, portanto em estado móvel, transforma-se numa bola sólida; a mentira pecaminosa, que o padre não põe em dúvida, é recebida como uma certeza. No caso, do marido, a bola de chumbo figura a certeza; no caso do padre, a certeza se dá diretamente.

Ao mesmo tempo, Maria Mutema livra-se do mal pela mesma via: falando, isto é, introduzindo nos ouvidos das pessoas sua pública confissão. Mas com uma diferença essencial agora: não é mais pacto porque não envolve apenas duas pessoas, a multidão está implicada; e, segundo o texto, o povo a perdoou, não ficou passivo, portanto, - possibilitando assim o dissolvimento da certeza, admitindo que Maria Mutema pode deixar de ser má, que ela está deixando de ser má, que ela está ficando santa. O povo não fixou Maria Mutema em sua maldade para sempre; ao contrário, abriu-lhe a possibilidade de mudar.

O assassinio do marido, que se passou no nível do concreto, é comprovável, e é denunciado pelo rumor que

produz o metal dentro da caveira: "No meio-tempo, desenterraram da cova os ossos do marido: se conta que a gente sacolejava a caveira, e a bola de chumbo sacudia lá dentro, até tⁱⁿia!" (GSV, 215). Já o assassinio do padre se passa em nível abstrato, mas nem por isso deixa de ser o mesmo processo, estando presentes no texto até mesmo o ouvido e o metal: "(...) o Padre Ponte visível tirasse desgosto de prestar a ela pai-ouvido naquele sacramento, que entre dois só dois se passa e tem de ser por ferro de tanto segrêdo resguardado." (GSV, 212).

Temos, portanto, o mesmo crime e a mesma imagem, - diversos apenas quanto ao nível de concreção ou de abstração. Chumbo ou palavra, entrando pelo ouvido e se aninhando no mais íntimo de um homem, seu cérebro ou sua mente, matam. É o pacto como garantia de certeza, o certo dentro do incerto, a certeza que mata e dana: morte real e morte abstrata. O pacto, como o crime, é algo que atenta contra a natureza do existir, na sua fluidez, na sua permanente transformação. É a tentativa de ter uma certeza dentro da incerteza do viver. Nas belas palavras de Riobaldo: "A vida é ingrata no macio de si; mas transt^{ra}za a esperança mesmo do meio do fel do desespêro." (GSV, 210). Uma coisa sai da outra, e dessa outra sai outra, e assim sucessivamente. Tentar parar êsse movimento, só por meio do pacto; e a sua imagem é justamente a de uma coisa dentro da outra, porém cristalizada, endurecida, resíduo do mal, sem abertura para a transformação, como a bola de chumbo dentro da caveira.

2. A matriz imagética

A dupla imagem - concreta e abstrata - que se encontra no caso de Maria Mutema, é a matriz imagética mais importante do romance. A imagem da coisa dentro da

outra, visualmente tão impressionante e tão rica do significado global do romance - bem como dos fragmentos de significado que o compõem -, reitera-se em suas páginas, - em diversas variantes.

Tôdas essas variantes gravitam em tórno do fulcro central que lhes deu origem; o que varia é a natureza - do material que põem em jôgo, o espaço abrangido, o grau de abstração, etc. A coisa dentro da outra tanto pode tomar a forma de um bicho repulsivo como de um mau sentimento; ou então, a coisa pode estar contida por algo tão grande quanto a própria Terra ou tão pequeno como o olho de um homem; o ouvido e o som podem ser traços relevantes ou podem desaparecer inteiramente. Ainda, a coisa que está dentro da outra pode se dar à percepção apenas por um sinal externo, ou, ao contrário, é a menção dela que faz pressupor os efeitos que causa.

Apenas para dar um exemplo, descrevo a ocorrência da imagem por duas vêzes numa mesma cena, e em duas variantes, diferentes uma da outra. Quando o bando está acampado sob o comando de Medeiro Vaz, quando, portanto, Riobaldo já está consciente do amor total que tem por Diadorim, este surge com uma cabaça nas mãos para falar com Riobaldo. "Mas balançou a cabaça: tinha um trem dentro, um ferro, o que me deu desgosto; taco de ferro, sem serventia, só para produzir gastura na gente." (GSV, 60). O incidente não tem explicação; registra-se mesmo que Diadorim estranhou a reação de Riobaldo. Mas, tentando-se destrinçar a embaralhada cronologia da primeira parte da narração - é só da pág. 296 em diante - que a cronologia passa a ser linear -, verifica-se que Riobaldo já ouvira a essa altura o caso de Maria Mutema, que é a razão da gastura inexplicada que sente ao ouvir o barulho: taco de ferro na cabaça, bola de chumbo na caveira. Essas duas imagens têm um paralelismo total, na forma e natureza do contido (pedaço de metal), na for

ma esferóide do continente, no movimento que faz um bater contra o outro, no rumor que as endereça ao sentido da audição.

Por outro lado, como êsse incidente é narrado bem antes do caso de Maria Mutema, está sendo preparado o efeito "sensível" que vai eclodir no caso de Maria Mutema, para o leitor e para o interlocutor.

Ainda na mesma cena, e em continuação, Riobaldo e Diadorim dirigem-se para um olho-d'água, para beber do belo poço azul, meio escondido por uma palmeira de fôlhas pensas. Riobaldo tem um mau pensamento: "Sofis-me: se Diadorim segurasse em mim com os olhos, me declarasse as tôdas palavras?" (GSV, 60). Debruça-se sôbre a linda água, para apanhá-la com um copo, quando ambos dão um pulo para trás: "Mas, qual, se viu um bicho - rã brusca, feiosa: botando bôlhas, que à lisa cacheavam." (GSV, 61). Não é mais o metal dentro do esferóide, produzindo rumor ao ser sacudido, mas o bicho nojento que estava escondido dentro da água bonita e que faz perder a vontade de bebê-la. Mudou a natureza do continente e a natureza do contido; persiste o fundamental, que é a imagem da coisa dentro da outra; persiste ainda: a impressão de gatura, a sugestão de rumor e a forma do continente, esta projetada num plano, passando de esferóide a circular: "O poço abria redondo, quase, ou ovalado." (GSV, 60).

Tôda classificação é necessariamente arbitrária. Todavia, é possível perceber que as imagens da coisa dentro da outra constituem um conjunto, geradas que são pela mesma matriz; é possível perceber também que elas são agrupáveis em subconjuntos, pois, guardando - embora tôdas elas a chancela da matriz, certos traços as distinguem por grupos. Tentarei, então, isolar êstes subconjuntos do conjunto das imagens da coisa dentro da outra, utilizando um critério mais ou menos empírico, mas por isso mesmo mais compreensivo e que su

põe no leitor do romance um estado de receptividade aberto para as sugestões sensíveis que emanam do texto.

Um dos subconjuntos se caracteriza pela presença de um bicho vil na posição do contido, tal como aquela mencionada acima, e que reaparece quase igual em outra passagem. Na metade da narração, Riobaldo faz um resumo de tudo o que relatou anteriormente, dizendo que não precisa contar mais nada (GSV, 292-6); é daí em diante que se inicia a narração em linha reta. No meio das reminiscências soltas e em sùmulas, aparece o seguinte: "De dentro das águas mais clareadas, aí tem um sapo roncador." (GSV, 294). Enquanto a outra imagem, a da rã no ôlha-d'água, é apenas descritiva, esta, por sua generalização, se transforma em metáfora; neste caso, o próprio narrador está falando metafóricamente. A imagem aparece outra vez na noite da tocaia, quando Riobaldo, ao lado do Hermógenes, vai travar sua primeira batalha. Algumas dúvidas que lhe vêm à mente perturbam sua concentração guerreira, o que o faz dizer: "Osgas, que a gente tem de enxotar da idéia: eu parava ali para matar os outros - e não era pecado?" (GSV, 197). Osga dentro da idéia: a palavra osga mantém seu duplo significado, o literal de pequeno sáurio, e o figurado, que é o de aversão entranhada; digo que mantém também o literal, devido à presença do verbo enxotar, que é o que se usa comumente para denotar o gesto de livrar-se de bichos incômodos. Cabe no mesmo subconjunto a imagem, já mencionada em outra parte deste trabalho com diversa conotação, que Riobaldo utiliza quando descobre que ama Diadorim de amor carnal: "Mas - de dentro de mim: uma serepente." (GSV, 276).

Até aqui, o traço constante que caracteriza este subconjunto é a presença de um animal vil e inferior - rã, sapo, osga, cobra -, réptil ou batráquio, que se dão à nossa percepção como as formas mais rudimentares e mais

degradadas dos seres vivos. Mas a êste subconjunto pertence também uma imagem em que o contido é um ser inanimado - a pedra -, dotado da feição fantástica de segregar peçonha, e que metamorfoseia o ser inanimado em animal nojento e perigoso. Diz Riobaldo: "Tem até tortas raças de pedras, horrorosas, venenosas - que estragam mortal a água, se estão jazendo em fundo de poço." (GSV, 13), ao fazer para o interlocutor o inventário das coisas ruins que existem. Imagem, aliás, que se desdobra - ainda, comportando sua própria explicação: "o diabo dentro delas dorme: são o demo." (GSV, 13); a água é envenenada pelas pedras, que se tornaram venenosas pela internação do Diabo.

Êste subconjunto é ainda mais aparentado do Hermógenes que os demais. Êstes bichos rastejantes e repelentes, estas pedras peçonhentas, preparam e cercam o nível de realidade em que existe o Hermógenes. É verdade que êle é comparado a animais emblemáticos de alguma dignidade, como o cavalo e o cachorro, embora nunca ao nobre - touro reservado para fixar a figura dos chefes. Todavia, a comparação não é pura: "êle grosso misturado - dum cavalo e duma jibóia... Ou um cachorro grande." (GSV, 197). Êle é ainda comparado a outros mamíferos, embora limitada e diminuída a comparação pela palavra que se segue, seja o "rapôso meco" da página 222, seja o "tigre, e assassim" da página 18. Não apenas êle é chamado "de caramujo de sombra" (GSV, 202) e "carangonço" (GSV, 163), ou seja, escorpião, que anda "caranguejando" - nomes que se apresentam de imediato como parentes, não só pela sugestão material como ainda pelo som -, mas é definido, numa bela imagem da coisa dentro da outra, como algo que partilha da natureza misteriosa e repulsiva de tôda essa área dos seres: "Êle era sujeito vindo saindo de brejos, pedras e cachoeiras, homem todo cruzado." (GSV, 249).

Outro subconjunto, menos interessante talvez porque mais convencional, é a que apresenta a coisa dentro da - outra com ênfase maior na superposição. A coisa contida é sugerida como estando em baixo, denunciando-se aos sen tidos por algo que de lá se escapa, em movimento para ci ma. Mais diretamente representativa dos mundos íferos - aquilo que está por baixo, inferno ou inconsciente -, é percebida pelo ouvido ou pela vista. Assim, ao contar - como, na Guararavacã de Guaicuí, teve a revelação comple ta de seu amor por Diadorim, e como resolveu dizer a sí mesmo que negava isso, Riobaldo diz: "O senhor vê, nos Gerais longe: nuns lugares, encostando o ouvido no chão, se escuta barulho de fortes águas, que vão rolando debaixo da terra." (GSV, 277). Esta imagem, comentário figurado do sentir reprimido pelo consciente, reforça mais a sugestão do som. Outras, insistem de preferência na su gestão visual, como a do fogo-fátuo, que é relatada por Riobaldo para mostrar a credence fácil do povo. "Assim, olhe: tem um marimbú - um brejo matador, no Riacho Ciz - lá se afundou uma boiada quase inteira, que apodreceu; em noites, depois, deu para se ver, deitado a fora, se deslambendo em vento, do cafôfo, e perseguindo tudo, um milhão de lavareda azul, de jãdelãfo, fogo~fá. Gente - que não sabia, avistaram, e endoideceram de correr fuga." (GSV, 72). Historieta embora, registra algo que sai e que é o sinal visível de que algo está lá dentro, matéria orgânica em decomposição que produz o fogo-fátuo. Mas outra historieta menciona apenas o que entrou, e por que entrou, sem que apareça na imagem aquilo que sai e que, presumivelmente, deverá sair, por paralelismo com a historieta anterior. Riobaldo narra como seu bando con seguiu liquidar os soldados que o perseguiam, atraindo - os para os tremêdais unsuspeitados, onde afundaram e pe

receram; e acrescenta: "Ei! Porque, debaixo da crôsta sêca, rebole ocultado um semi-fundo, de brejão engulidor.. .(GSV, 66).

Outras vêzes, o sinal dos mundos íferos é não só visível como bastante concreto: "Lá tem um lajeiro - lar go: onde grandes pedras do fundo do chão vêm à flôr." (GSV, 93); nesta imagem, é mais forte a impressão visual e a sugestão de movimento, de algo que surge do fundo e vem à flôr. Semelhante nesse movimento, com sugestão vi sual mas ênfase maior na sugestão auditiva, é esta outra: "Em um lugar, na encosta, brôta do chão um vapor de enxô fre, com estúrdio barulhão, o gado foge de lá, por pa vor." (GSV, 28). Mas também se encontra a gravação visu al, estática e nítida, do compartimento inferior onde o mal grassa: "E ágora me lembro: no Ribeirão Entre-Ribei ros, o senhor vá ver a fazenda velha, onde tinha um cômo do quase do tamanho da casa, por debaixo dela, socavado no antro do chão - lá judiaram com escravos e pessoas, a té aos pouquinhos matar..." (GSV, 72). A suma abstrata dêste subconjunto de imagens é feita pelo narrador nas últimas páginas do texto: "Tudo sai é mesmo de escuros - buracos, tirante o que vem do Céu." (GSV, 560).

Há ainda o subconjunto do internado em ser humano. Alguma coisa, literal ou simbólica, entrou dentro de uma pessoa ou está dentro de uma pessoa, agindo sôbre ela e causando um efeito; êste, também, às vêzes literal e às vêzes simbólico. Clara e impressiva em seus traços visu ais é a imagem da bala dentro da cabeça do jagunço Felis berto, da qual periódicamente emanavam fluidos que o tor navam verde: "(...) e Felisberto - o que, por ter uma ba la de cobre introduzida na cabeça, vez em quando todo verdeava verdejante (...)" (GSV, 496). Bala que não po dia ser extraída por estar localizada no cérebro e que

um dia mataria seu portador: "Aquêlê fato daquela bala - entrada depositada no dentro de um - e que não se podia tirar de nenhum jeito, nem não matava de uma vez, mas - não perdoava na data - me enticava." (GSV, 297). Esta, das mais literais, ilumina por aproximação outra mais - obscura e sutil, mas que obedece ao mesmo esquema. O ja gunço é outro, é o Treciziano, em quem o Diabo encarna e que tenta matar Riobaldo: "Diziam que êle criava dôr-de-cabeça, e padecia de erupções e dertos." (GSV, 481), - sinais exteriores e sensíveis da possessão demoníaca. - Também Riobaldo têm dôr-de-cabeça (GSV, 554) quando sente a proximidade do Diabo na batalha final do Tamanduatão.

O internado pode ser também uma emoção ou sentimento. Riobaldo, após a experiência difícil da primeira to caia, magoado por Diadorim, que viajou e não dá notícia, perturbado pela proximidade do Hermógenes, que lhe inspi ra medo e ódio ao mesmo tempo, dá-se conta de que está - com raiva de todos, um por um e sem motivo especial. " E foi então que eu acertei com a verdade fiel: que aquela raiva estava em mim, produzida, era minha sem outro dono, como coisa solta e cega." (GSV, 224). A materialização do sentimento, transformado em coisa e desligado daquela que o contém, lembra imediatamente a matriz verbal da qual provém a imagem. O mesmo ocorre numa imagem que se poderia chamar de prévia, porque a imagem é anterior ao efeito, embora o efeito esteja sugerido nos materiais - que compõem a imagem. É assim que Riobaldo define o amor, quando está falando do complexo e ambíguo sentimento que o une a Diadorim: "O amor? Pássaro que põe ovos de ferro." (GSV, 59). Refere-se ainda a êsse mesmo sen timento por Diadorim com outra imagem do mesmo tipo: "As prisões que estão refinçadas no vago, na gente." (GSV,

299); ou então, em nível abstrato, esta outra: "(...) e concebia por êle a vexável afeição que me estragava (...)" (GSV, 79).

Aquilo que se internou pelo homem adentro, pode ser o próprio Diabo; êsse é o caso do Hermógenes, e Riobaldo pormenoriza os aspectos da proteção que Êle dá: "Do tamanho dum bago de aÍ-vim, dentro do ouvido do Hermógenes, por tudo ouvir. Redondinho no lume dos olhos do Hermógenes, para espiar o primeiro das coisas." (GSV, 286). Mas também é o processo geral que o Diabo utiliza para realizar sua missão, instrumentalizando as pessoas: "(...) o diabo vige dentro do homem, os crespos do homem - ou é o homem arruinado, o homem dos avessos." (GSV, 12)⁽⁵⁹⁾. Da mesma maneira, a maldade pura e gratuita, que caracteriza desde pequeno o menino Valtêi, filho de Pedro Pindó, faz Riobaldo assim defini-lo: "(...) gostoso de ruim de dentro do fundo das espécies de sua natureza." (GSV, 14). Quando não é o próprio Diabo que se interna, pode ser um emissário seu, que utiliza a palavra para fazer o mal penetrar no âmago do outro. É por isso que Riobaldo teme dar atenção ao que lhe diz o Hermógenes: "Meus ouvidos - expulsavam para fora a fala dêle." (GSV, 179); novamente uma imagem prévia, que pressupõe os efeitos. Mas o Antenor, homem do Hermógenes, falando mal de Jeca Ramiro, conseguiu atingir Riobaldo: "Aquêle Antenor já tinha depositado em mim o anúvio de uma má idéia: disidêia (...) - (GSV, 170); é o mal que penetra pelo ouvido, que se interna pela pessoa adentro e começa a causar efeitos.

(59) Antonio Candido já em 1957 chamou a atenção para a importância desta concepção, em seu trabalho abridor de caminhos "O homem dos avessos", republicado em Tese e Antítese, Companhia Editora Nacional, - São Paulo, 1964, págs. 119-140.

O internado pode ser também o espaço onde o mal cam-
peia; de tanto se viver nesse espaço, aceitando as regras
do jogo, e de um jogo terrível que leva à morte e à dana
ção, o sujeito como que transporta o espaço exterior para
dentro de si: "Compadre meu Quelemém diz: que eu sou mui
to do sertão? Sertão: é dentro da gente." (GSV, 293).

Esses subconjuntos de imagens que venho de analisar -
o do bicho vil, o dos mundos inferos e o do internado em
ser humano -, têm todos sua matriz no caso de Maria Mute-
ma, na dupla imagem do crime "concreto" e do crime "abs-
trato", e impregnam todos os níveis de elaboração literá-
ria do romance. Aparecem em historietas avulsas ao enrê-
do, aparecem sob a forma de idéias gerais como o ditado e
o adágio, aparecem na história-de-vida de personagens se-
cundários, aparecem nos incidentes que compõem a trama do
enrêdo, seja em discurso direto seja em falar figurado.

Ligam-se, por outro lado, ao próprio núcleo central -
do enrêdo e à figura do narrador-personagem. O fio do en-
rêdo é o tormento do narrador por ter vendido a alma ao
Diabo; êsse fio atravessa o romance todo e se estende da
primeira página até a última; o que o narrador está nar-
rando é, em suma, os antecedentes que o levaram ao ponto
de fazer um pacto com o diabo e as conseqüências que dis-
so advieram para êle e para os outros. Quanto à figura -
do narrador-personagem, seus instrumentos são os mesmos
de Maria Mutema: o instrumento da personagem-jagunço é a
bala, o instrumento do narrador-letrado é a palavra.

E assim como Maria Mutema se libera de seus crimes fa-
lando, repartindo entre todos o pêso do segredo, abando-
nando sua condição de Mutema (60) e começando a tornar-se

(60) Partindo da forma e da idéia da palavra fonema, que
vem do grego com o significado de "som de voz" atra-
vés do latim até o português, segundo Antenor Nas-
centes, Guimarães Rosa cria simetricamente um antô-
nimo, derivado do radical mut, do latim mutus, -a,
-um (= mudo).

santa, também o narrador usa a palavra nêste imenso monólogo que finge a forma de um diálogo para examinar suas culpas e chegar a entrever, talvez, ao menos a esperança. A palavra pode matar mas também pode redimir; pode ser um meio de minar a certeza e criar novamente a incerteza, refazendo ao contrário o processo anterior. A esperança está em quebrar a coisa que está dentro da outra, admitindo-se que dentro da coisa internada pode haver uma abertura; nas palavras de Riobaldo: "Mas liberdade - aposto - ainda é só alegria de um pobre caminhozinho, no dentro do ferro de grandes prisões." (GSV, 290).

3. O Diabo na rua, no meio do redemoinho

As imagens da coisa dentro da outra funcionam como um padrão que se repete analógicamente em todos os níveis da natureza, que nossa experiência e tradição cultural estão habituadas a separar: nos homens, nos animais, nos elementos naturais, nos seres inanimados. Lógicamente, o padrão reiterado em todos os níveis da natureza revela a analogia imanente a todos êles e se traduz em panteísmo. Literariamente, o padrão é um operador que veicula, mostrando e sugerindo "sensivelmente", essa analogia e êsse panteísmo.

Se por um lado tudo é Deus, por outro lado nenhum domínio é defeso ao Diabo. Assim como a alma dos homens, todo o reino da criação pode ser penetrado pelo demônio e ser sujeitado a êle, tornando-se seu instrumento. "Bem, o diabo regula seu estado prêto, nas criaturas, nas mulheres, nos homens. Até: nas crianças - eu digo. Pois não é ditado: "menino - trem do diabo"? E nos usos, nas plantas, nas águas, na terra, no vento... Estrumes. ... O diabo na rua,

no meio do redemunho..." (GSV, 12). Como se não bastasse a demonstração que o texto faz dêsse princípio, aí está, logo nas primeiras páginas, seu límpido enunciado.

O diabo na rua no meio do redemoinho, epígrafe do livro, ritornelo que surge e ressurge a intervalos no seio do texto, texto-súmula que o narrador compôs para si mesmo como um extrato (tanto no sentido de "tirado de" como de "concentrado") de t^oda a sua experiência de vida, é a imagem-mór que fixa essa concepção, por um lado, e por outro t^odas as imagens da coisa dentro da outra. O Diabo, algo concretizado e corporificado no meio de algo móvel e envolvente como o redemoinho, é a imagem-mór do certo no incerto. "Do vento. Do vento que vinha, rodopiado. Rede moinho: o senhor sabe - a briga de ventos. O quando um esbarra com outro, e se enrolam, o doido espetáculo. A poeira subia, a dar que dava escuro, no alto, o ponto às voltas, folharada, e ramarêdo quebrado, no estalar de pios assovios, se torcendo turvó, esgarabulhando. Senti meu cavalo como meu corpo. Aquilo passou, embora, o ró-ró. A gente dava graças a Deus." (GSV, 233). Essa é a primeira descrição que aparece no texto da visão do redemoinho, seguida pela devida explicação do fenômeno de que se trata, ou seja, um dos receptáculos do Diabo: "O demônio se vertia ali, dentro viajava." (GSV, 233).

Essa é a imagem que ocorre ao narrador quando, no final, relata o duelo entre Diadorim e Hermógenes, em que Diadorim mata Hermógenes e é morto, enquanto Riobaldo a tudo assiste, do alto da janela de um sobrado, sem poder intervir porque está sob possessão demoníaca. A descrição do duelo a faca no meio da rua, por seu uso insistente de vocábulos que dão conta de movimento confuso e rodopiante (pé-de-vento, baralharam, rodou, roldão, rodejando,

remando), cria a impressão, confirma-a e se afina com a tríplice repetição, em meia página ou dois parágrafos, do estribilho: ... o diabo na rua, no meio do redemunho...

Na concepção do narrador, o diabo vige dentro do homem, mas também vige dentro de todos os seres da natureza - até mesmo os inanimados, como o vento e a pedra. Tudo se passa como se o cosmos fôsse Deus, princípio positivo, mas admitindo a existência de um princípio negativo que leva o nome de Diabo. Da permanente disputa entre ambos nasce a frase: "Viver é muito perigoso" - mote de que o livro inteiro é glosa. Deus é tudo que existe, menos o Diabo: e êste disputa a primazia daquêle. O Diabo ganha pequenas paradas, rápidas e logo concluídas dentro do grande fluir de tudo que existe e que é Deus; mas nessas pequenas paradas pode se danar um homem. O Diabo implica na certeza dessas pequenas paradas que se ganha ou se tenta ganhar, dentro da incerteza geral que é o fluir, onde tudo se transforma, onde uma coisa sai de outra, e desta outra vai sair outra, e assim sucessivamente. Tentar parar êsse fluir através de uma certeza é a tarefa do Diabo. "Deus é paciência. O contrário, é o diabo." (GSV, 18).

A essência da vida é o movimento e a mudança. Êsse, o sentido dela: o de um processo dinâmico, sem pressa, - constante na sua inconstância. Êsse sentido impregna as próprias figuras do falar de Riobaldo, quando à vida se refere: "(...) os êrros e volteios da vida em sua lerd^za de sarrafaçar. A vida disfarça? Por exemplo." (GSV, 82). Querer ter alguma certeza no seio do movimento e da mudança, é atentar contra a desordem natural das coisas, que é a sua ordem recôndita. Como diz Riobaldo: "No real da vida, as coisas acabam com menos formato, -

nem acabam. Melhor assim. Pelajar por exato, dá êrro contra a gente. Não se queira. Viver é muito perigoso.. ." (GSV, 82).

Deixar-se levar pelo movimento e aceitar a mudança é a maneira de viver com plenitude. Querer subjugar o mundo e fazê-lo curvar-se às suas ordens pode redundar em danação. Assim agiu Riobaldo, vendendo sua alma e perdendo Diadorim. Diadorim, que se apresentava como homem e a respeito de quem Riobaldo tinha a certeza de que era um homem; afinal, dentro da certeza do ser um homem, não se escondia uma mulher? Riobaldo conseguiu o que queria, que era acabar com o Hermógenes; mas, de que isso lhe a dianta agora e que diferença, para melhor, fêz na sua vi da ? A certeza mata e espolia. É o que o faz dizer, sô bre o "mau amor oculto" que tem por Diadorim: "Acertasse eu com o que depois sabendo fiquei, para de lá de tantos assombros... (...) Digo: o real não está na saída nem na chegada: êle se dispõe para a gente é no meio da travessia." (GSV, 62-3). A idéia de um presente que flui, em contraste com um passado e um futuro ilusórios e que im pedem o fruir do fluir, reitera-se na associação a Di adoring: "Ah, tem uma repetição, que sempre outras vêzes em minha vida acontece. Eu atravesso as coisas - e no meio da travessia não vejo: - só estava era entretido na idéia dos lugares de saída e de chegada. Assaz o senhor sabe: a gente quer passar um rio a nado, e passa; mas vai dar na outra banda é num ponto muito mais em baixo, bem diverso do em que primeiro se pensou. Viver nem não é muito perigoso ?" (GSV, 35).

Não é por coincidência que a presença do rio (e a imagem da travessia) é tão importante nêste romance. Ma téria, ser mítico, símbolo do fluir permanente, o rio nê le figura sempre, desde as veredas do título, passando

pelos rios maiores - com um dos quais, o Urucuia, Riobaldo se identifica - até o pai de todos, o rio São Francisco, na ambivalência de suas duas bandas (61). Ligada à mesma constelação de significados, embora matéria de outras origens e menos importante como presença, aparece a idéia da roda-da-vida. Diz Riobaldo: "o real roda e põe diante." (GSV, 133). A roda-da-vida, encarnação do movimento e da mudança de tudo o que existe, ao fim e ao cabo reporta-se a Deus: "Deus que roda tudo!" (GSV, 40).

4. Certeza, certezas

Diadorim também tinha a sua certeza; disso lhe advém a frustração e a morte. Sua certeza é o ódio ao Hermógenes, assassino de seu pai, e o dever de executar a vingança, matando por sua vez o assassino. Nisso, Diadorim não titubeia. Esse é o internado de Diadorim: "Diadorim, não, ele não largava o fogo de gelo daquela idéia (...)" (GSV, 32).

Certeza tão entranhada que até desvirtua a manifestação dos sentimentos, confundindo quem o testemunha: "E ele suspirava de ódio, como se fôsse por amor (...)" ... (GSV, 30).

A certeza do ódio é a causa da morte de Diadorim, e morte dupla: obriga-o a desperdiçar a vida e o amor de Riobaldo, proibindo-o de assumir seu ser de mulher, e leva-o diretamente para a destruição de si mesmo. Como tão bem o diz Riobaldo, nas palavras a modo de epitáfio que profere sobre Diadorim: "De Maria Deodorina da Fé Bettancourt Marins - que nasceu para o dever de guerrear e nunca ter medo, e mais para muito amar, sem gozo de amor..." (GSV, 568).

(61) cf. Antônio Candido, op. cit., págs. 124-5.

Já Riobaldo é um homem sem certezas. Diz de si mesmo que diverge de todo mundo, que não guardava fé nem fazia parte. Prêsa de múltiplas dúvidas, recorre ao pacto com o Diabo para ser capaz de adquirir também uma certeza, que tôdas as pessoas ao seu redor têm.

De fato, após o pacto consegue caminhar em linha reta para o objetivo. Toma a chefia, que antes recusara por saber que não possuía os requisitos para ela. Quando Medeiro Vaz morre e o bando fica acéfalo, Diadorim indica Riobaldo para a chefia; mas este discorda e propõe Marcelino Pampa, que aceita; todavia, pouco depois chega Zé Bebelo e passa a comandar o bando. Depois, - através dos descaminhos pelos quais Zé Bebelo guia o bando, sem nunca deparar com os inimigos, Riobaldo começa a duvidar de que Zé Bebelo seja capaz de bem conduzi-los. Embora achejusto o motivo da vingança, não tem - nisso tanto empenho quanto Diadorim: êle secunda e apóia Diadorim, mas a emprêsa não é dêle. Só por meio do pacto com o Diabo adquire a certeza de que é necessário acabar com o Hermógenes; e torna-se um só, ou seja, só chefe de jagunços. Para enfrentar um pactário é preciso um outro pactário: o Diabo está com o Hermógenes mas também está com Riobaldo. Na hora do combate final, o Diabo está na rua no meio do redemoinho, mas também está ao lado de Riobaldo e dentro dêle. Ao cabo, Riobaldo consegue cumprir sua missão de acabar com o Hermógenes. Mas o diabo cumpre o prometido com as tramóias - que a tradição lhe atribui, ou seja, da maneira mais dolorosa e mais inesperada para aquêle que lhe vendeu a alma: Riobaldo acaba com o Hermógenes, mas no mesmo ato Diadorim morre. Afinal, foi Riobaldo o instrumento da morte de Diadorim: êle, adquirindo mediante o pacto a

certeza de Diadorim e eficazmente pondo-a em prática, - conduziu-o para a morte. Daí a culpa que menciona desde o início da narração: culpa de ter vendido a alma - ao Diabo e assim ter levado o amigo à morte.

-x-x-x-x-x-

Quanto a certezas, como interpretar essa visão cósmica de Riobaldo, segundo a qual tudo o que existe está em permanente disputa entre Deus e o Diabo?

Pode-se dizer que ela decorre de sua percepção da - ambigüidade inerente à condição jagunça, que êle, percebendo nos outros e em si mesmo, projeta no cosmos. Mas pode-se também dizer que, ao contrário, é da percepção de um cosmos partilhado por dois princípios contraditórios que Riobaldo parte, para aplicar o mesmo esquema a tudo, inclusive a si mesmo e à condição jagunça.

Qual o certo?

Não quero ter certezas, deixo a questão aberta.

3a. parte - A FORJADURA DAS FORMAS DO FALSO

"Mas, de tudo seja, também, o que gravei, aí, dêsse Rodrigues Peludo, foi um ter-tem de existidas lealdades. Assim que, inimigo, persistia só inimigo, surunganga; mas enxuto e comparado, contra-homem sem o desleixo de si. E que podia conceber sua outra razão, também. Assim que, então, os de lá - os judas - não deviam de ser somente os cachorros endoidecidos; mas, em tanto, pessoas, feito nós, jagunços em situação."

(GSV, 341-2)

"Tudo por culpa de quem? Dos malguardos do sertão. Ali ninguém não tinha mãe? Redigo ao senhor: quando o raio, quando arraso, o Gerais responde com êsses urros. A culpa daquele Rodrigues Peludo, por um exemplo? Desmenti. O ódio de Diadorim forjava as formas do falso."

(GSV, 343)

Capítulo 7º

A MATÉRIA: MATÉRIA E MATÉRIA IMAGINÁRIA

"Quando conheceu Joca Ramiro, então achou outra esperança maior: para êle, Joca Ramiro era único homem, par-de-frança, capaz de tomar conta deste sertão nosso, mandando por lei, de sobregovêrno. Fato que Joca Ramiro também igualmente saía por justiça e alta política, mas só em favor de amigos perseguidos; e sempre conservava seus bons haveres."

(GSV, 44)

1. O enfoque feudal na tradição letrada

O "par-de-frança" ao lado do "sertão nosso", na mesma frase, mostram o livre trânsito entre a matéria e a matéria imaginária neste romance.

A presença de elementos do imaginário da cavalaria no Grande Sertão: Veredas, já assinalada e examinada nos ensaios pioneiros de Cavalcanti Proença e Antonio Candido, não é apenas algo de pospôsto com o objetivo de dignificar a matéria e operar uma contribuição a mais para a mitologia do cangaço. A preocupação de entender a razão de ser dessa presença levou-me à identificação de uma verdadeira "célula ideológica", que passo a descrever.

Como passo inicial, importa distinguir dois níveis. O primeiro é o da tradição letrada, que, em estudos, crônica, história e ficção, pratica a analogia entre jagunço e cavaleiro andante, latifúndio e feudo, coronel e s e

nhor feudal, sertão e mundo medieval. Essa é uma velha tradição em nossas letras; sua função é forçar uma semelhança nobilitadora e minimizar a necessidade de estudar o fenômeno no naquilo que tem de específico.

Dentre os grandes historiadores, Capistrano de Abreu, Oliveira Vianna, Roberto Simonsen e Caio Prado Jr. procuram escapar dessa tradição, dedicando-se ao esforço de interpretar dados históricos que são específicos e que por isso não permitem uma analogia abusiva com a Idade Média. Ainda assim, e mesmo reconhecendo a acuidade e escrúpulo de Oliveira Vianna, que o levam a isolar e definir a unidade econômico-política básica no sertão, registro que êle se serve de rótulo misto de "clã feudal" para denominá-la; fala também, e abundantemente, em "nossa nobreza territorial" e em "complexo de feudo". E é sua esta frase: "O clã parental é uma organização aristocrática. É uma espécie de Ordem da Cavalaria das grandes famílias dominicais." (62).

Temos ainda Euclides da Cunha, que, n'Os Sertões, se utiliza com fartura de elementos feudais para estabelecer suas metáforas e símiles, embora lance mão igualmente de traços histórico-literários de outras épocas. Por isso, o arraial de Canudos era é Tróia de taipa, ora Tebaida; os jagunços são titãs; a vaquejada lembra uma corrida de tartaros; e o seu famoso Hércules-Quasímodo, referente ao sertanejo, reúne numa só antítese violenta a mitologia greco-latina, a visão do medievo que tem o século XIX francês, e o vêzo subdesenvolvido de exibir "erudição".

O sistema de dominação vigente no sertão aparece-lhe como um feudalismo degradado. Falando do bandeirante, diz dêle: "Ostentando, como os outros dominadores do solo, um feudalismo achamboado - que o levava a transmudar em vassallos os foreiros humildes e em servos os tapuias man

(62) Oliveira Vianna, op. cit., pág. 250.

sos -(...)" (63), dando ainda a Domingos Sertão o epíteto de "rústico landlord colonial" (64).

Euclides chama a relação entre os vaqueiros sertanejos de "cavalaria rústica" (65). Detém-se com pormenor na descrição dos trajés do vaqueiro encourado, enumerando o gibão, as perneiras, as joelheiras, as luvas e guarda-pés, bem como as proteções do cavalo - peitorais e joelheiras-, vendo nos trajés uma "armadura (...) como se fôsse de bronze flexível" (66). Esta comparação é recorrente em seu livro; diz do encourado que "O seu aspecto recorda vagamente, à primeira vista, o de guerreiro antigo exausto da refrega. As vestes são uma armadura." (67), quase se repetindo logo a seguir: "(...) é como a forma grosseira de um campeador medieval desgarrado em nosso tempo." (68). Volta a ela bem mais adiante, ao falar do vaqueiro, "muito firme dentro da sua couraça vermelho-parda feito uma armadura de bronze, figurando um campeão robusto, coberto ainda da poeira das batalhas." (69)

Merece destaque sua frase concernente às situações de crise, "quando a roupa de couro do vaqueiro se faz a armadura flexível do jagunço" (70), onde consegue apanhar de maneira feliz o caráter intercambiável da condição do sertanejo entre a paz e a guerra.

Já Pedro Calmon é useiro e vezeiro na medievalização e nobilitação da classe dominante sertaneja. Na sua História da Casa da Torre, que interessou a este trabalho por tratar da vida e descendência de Garcia d'Ávila, um dos empreiteiros de hecatombes mencionados por Euclides, é ês

(63) Euclides da Cunha, op. cit., pág. 103

(64) Id., ibid., pág. 103

(65) Id., ibid., pág. 125

(66) Id., ibid., pág. 118-9.

(67) Id., ibid., pág. 118

(68) Id., ibid., pág. 119

(69) Id., ibid., pág. 526

(70) Id., ibid., pág. 100

se o tom geral. O terceiro Garcia d'Ávila, por exemplo, mostra já um afrouxamento da "raça de landlords"⁽⁷¹⁾ e que pertenceu e "mais se inclinava ao granjeio de seus engenhos de açúcar do que às cavalaria do sertão."⁽⁷²⁾ (Euclides, ao menos, comprime o landlord entre um "rústico" e um "colonial"). Esse mesmo termina por casar-se, por ordem da mãe, com "uma rapariga de 14 anos, do seu sangue, pertencente a uma família de cavaleiros, cujo nome andava alçado nas lanças, nos torneios que se correram na terra, entre os governos do Marquês das Minas e do Marquês de Angeja."⁽⁷³⁾ E isto, já no século XVIII !

E, tal como Diadorim, que fala com desprezo do segundo de Joca Ramiro, Ricardão: "Ele é bruto comercial..." (GSV, 171), para Pedro Calmon a passagem do capitalismo predatório - extermínio dos possuidores da terra e ocupação armada dela - para o capitalismo produtivo implica numa degradação, é igual ao fim da idade heróica e o início da era mesquinha; como se o objetivo primordial não fosse necessariamente esse:

"O engenho era o perigo.

Foi para o sertanista o que para a côrte indolente fôra o senhor feudal.

Ali se despejava das armas, sedentário, a envolver num olhar econômico a indústria - pacífica. Desarmado, não se distinguia do negociante e do lavrador; passava a entender de açúcar; dava-se a contas; discutia números com o correspondente da cidade; enlanguescia."⁽⁷⁴⁾

Mesmo os livros mais descompromissados, que não passam de reminiscências e miscelânea sentimental sobre o sertão, insistem na assimilação mediavalizante. Gustavo Barroso tem vários deles, inclusive Heróis e Bandidos e Almas (71) Pedro Calmon, História da Casa da Torre, Livraria José Olympio Editora, Rio, 1958, 2a. edição, pág. 148.

(72) Id., *ibid.*, pág. 137

(73) Id., *ibid.*, pág. 139-40.

(74) Id., *ibid.*, pág. 140

de Lana e de Aço, que carregam no próprio título a ambigüidade do escritor ante seu assunto. Em Terra de Sol, ao falar da cangaceiragem que campeia pelo sertão de vários Estados, diz: "Tudo isto relembra vagamente guerras medievais, de barões feudais com incêndios de burgos pobres e assédios de castelos roqueiros (...)." (75). Prélios, ginetes, corcéis, hostes medievais, impregnam sua linguagem: "E os prélios são medonhos: tiros, golpes terríveis de faca em arremetidas e arrancos dos ginetes tontos, esfiapando roupas duras de couro, descargas cerradas de clavinas atroando as caatingas, berros de vitória, insultos à maneira de hostes medievais, gritos de desespero, torvelinhar de cavaleiros com homens que caem e batem rijamente no solo, e corcéis que se empinam, nitrindo, as ventas palpitantes..." (76). Os jagunços ganham comparação com formas ainda mais remotas da existência medieval: "Hoje em dia, o cangaceiro ainda deixa crescer o topete encaracolado, atributo tradicional de valentia como o eram as longas cabeleiras dos velhos reis merovíngios." (77).

Outros autores, como por exemplo Wilson Lins, chegam a assustar o leitor pela heroificação que fazem de certas figuras históricas do sertão, ao mesmo tempo que contam lances de um sadismo terrível praticados pelas mesmas figuras. Assim Wilson Lins compara o poderoso fazendeiro Militão Plácido de França Antunes a Parsifal, Robin Hood, Búfalo Bill, Facundo; perto dêle, "Antônio Conselheiro, com o seu messianismo bronco de mestiço retardado (...) não vale um caracol." (78). Um dos Antunes, família em vendeta com os Guerreiros, mata na hora um de seus cabras que ousa puxar a barba de um dos Guerreiros morto na luta; esse gesto

(75) Gustavo Barroso, Terra de Sol, Livraria São José, Rio, 1956, edição, págs. 117-8.

(76) Id., *ibid.*, pág. 127

(77) Id., *ibid.*, pág. 143

(78) Wilson Lins, O Médio São Francisco, Livraria Progresso Editôra, Salvador, sem data, 2a. edição, pág. 48; encontra-se um exemplar na excelente brasileira do Instituto de Estudos Brasileiros, da USP.

ganha do autor o seguinte comentário: "Gente estranha, gente bárbara, gente pura na inocência dos seus crimes hediondos. A mesma destra assassina que matou, vingativa e justa evitou a profanação do corpo do inimigo morto no campo de honra."⁽⁷⁹⁾.

Pois é aquêles Parsifal-Robin Hood-Búfalo Bill-Facundo que, apanhando um m^oço de serviços da fazenda, um tal Pedro Costa, de quem se dizia ser amante da amante d^ele Militão, executa-o públicamente. Com vinhos, churrascos e convidados, oferece um festim de execução, com demorado e sucessivo arrancamento da genitália, da língua, dos braços e das pernas, e proibição de socorro à vítima.⁽⁸⁰⁾ E, de fato, nos pormenores da execução se reconhece a descrição de tantas e tantas cenas narradas em livros s^obre a Idade Média.

Nessas duas historietas, postas lado a lado, vejo o seguinte: de opressor para opressor, o respeito; de opressor para oprimido, o baração e o cutelo. O que o autor vê é estatura de herói mítico.

O folclorista Luís da Câmara Cascudo, no seu livro Vaqueiros e Cantadores, em prefácio evocativo do sertão que conheceu antes da "modernização" - que data de 1911-, dá o testemunho de que viveu num sertão setecentista, em suas próprias palavras. Entre outras memórias que fixa, surge êste curioso período: "A herança feudal pesava como uma luva de ferro. Mas defendia a mão. Os fazendeiros perdiam o nome da família. Todos eram conhecidos pelo nome próprio acrescido do topônimo. Coronel Zé Braz dos Inhamuns, Chico Pedro da Serra Branca, Manoel Bazio do Arvoredo. Nomes dos homens e da terra, como na Idade Média. Tempo bonito."⁽⁸¹⁾.

(79) Id., *ibid.*, pág. 61.

(80) Id., *ibid.*, pág. 51-2.

(81) Luís da Câmara Cascudo, Vaqueiros e Cantadores, Livraria do Globo, Pôrto Alegre, 1939, pág. 6.

No campo da ficção, cõlho alguns exemplos de pasagem, lembrando todavia que apenas êste setor - a identificação do enfoque feudal no chamado romance regionalista e os diferentes modos pelos quais cada autor se serve dêste enfoque - daria um vasto e nutrido ensaio. Pois êle marca a literatura regionalista desde seu início até hoje. Logo no segundo parágrafo de O Cabeleira, de Franklin Távora, que é de 1876, essa personagem é chamada de "Cid ou Robin Hood pernambucano."⁽⁸²⁾ N'Os Jagunços, de Afonso Arinos, publicada sob o pseudônimo de Olívio Barros, que veio à luz em forma de livro em 1898, nota-se logo a simpatia e a não-desumanização da postura do escritor para com seu objeto, que são os homens de Canudos. Ainda assim, encontram-se lá referências às "guerras feudais do sertão da Bahia, essas lutas terríveis e lendárias de família a família, onde a vendeta constituíra verdadeiro culto"⁽⁸³⁾; em tais lutas, o autor vê "as paixões dos fortes e os lances dramáticos mais próprios da Idade Média, iguais às guerras particulares de castelo contra castelo."⁽⁸⁴⁾

Já Manoel de Oliveira Paiva, que em Dona Guidinha do Poço evita o guindado e procura o frêscor que nasce da espontaneidade da linguagem, utiliza eventualmente o enfoque em tom de caçoada. É assim que ironiza a personagem aproveitadora de Secundino, resumindo a boa vida que levava: "Passeiozinhos ao Poço, onde, ao serviço paternal de tio Major Quim, beijava a mão da tia Dona Guidinha, figurando-se consigo mesmo um cavaleiro de novelas, arrastando esporas e grandes botas, recebendo a suprema graça de corte-

(82) Franklin Távora, O Cabeleira, Edições Melhoramentos, São Paulo, 1963, 3a. edição, pág. 19.

(83) Olívio Barros, Os Jagunços, edição de "O Comércio de S. Paulo", 1898, 1a. edição, págs. 161-2.

(84) Id., ibid., pág. 162.

jar uma princesa de roqueiros castelos." (85).

Êstes poucos exemplos literários, todos ainda do século XIX e do início das manifestações regionalistas, que culminarão no romance de 30, servem para dar uma idéia da questão. Mas, seja a meio caminho, na reduzida (em tamanho) contribuição de Hugo de Carvalho Ramos, seja em seu esplendor, esta representação atravessa de ponta a ponta a ficção regionalista. A obra de José Lins do Rêgo e de Jorge Amado está inçada de casos semelhantes. Quanto a Graciliano Ramos, lembro apenas que Vidas Sêcas, em sua espantosa desideologização da linguagem e em sua pesquisa da posição ontológica do sertanejo pobre no mundo contemporâneo, nem uma só vez incorre nisso.

2. O imaginário do sertão

Acima, em rápidos traços, mostrei como a mediatização do sertão é moeda corrente na tradição letrada brasileira, seja na historiografia, na crônica, nos memoriais, nos estudos folclóricos, na ficção.

Outro nível, bem diverso, é o da tradição popular sertaneja. Não que êste nível seja inteiramente desligado do outro - afinal, os valores dominantes são os valores da classe dominante -; mas é compreensível e aceitável por ser o único modelo histórico de que dispõe a plebe rural, que não tem história, para mais ou menos objetivar o seu destino.

Aí, História e estória se confundem para o sujeito em busca de uma concepção de si mesmo e de sua vida. O acontecido ontem e aqui ombreia com o acontecido em eras remotas e bem longe. Na tradição oral dos causos e das can

(85) Manoel de Oliveira Paiva, Dona Guidinha do Poço, Edição Saraiva, São Paulo, 1952, 1ª. edição, págs. 121-2.

tigas, bem como nos romances de cordel, é a mente letrada que vai executar as operações da razão, definindo, separando, constituindo tipos, no seio de um conjunto onde o cavaleiro andante, o cangaceiro, a donzela guerreira, a donzela sábia, figuras da história do Brasil, o animal, o Diabo, são todos personagens de um só universo.

Na seleção de 40 romances de cordel que Cavalcanti Proença fez para publicação⁽⁸⁶⁾, dentre os mais de mil que a Casa de Rui Barbosa possui, figuram lado a lado "O Cavaleiro Roldão" - cuja morte os versos 923/4 situam com enorme precisão e mínima cerimônia erudita em "dezesseis de julho de oitocentos e dez" -, o "Pavoroso desastre de trem do dia 31 de outubro de 1949 - 7 mortos e 9 feridos", a "História de Antônio Silvino - contendo o retrato e toda a vida de crimes do célebre cangaceiro, desde o seu primeiro crime até a data presente. - Setembro de 1907.", a "História do Boi mandingueiro e o cavalo misterioso", "Os martírios de Genoveva" (de Brabante), "O sonho do Pe. Cícero Romão Batista", "A chegada de Getúlio Vargas no céu e o seu julgamento", "A verdadeira história de Lampeão e Maria Bonita", a "Peleja de Manoel Riachão com o Diabo", etc.

Dêsse fluxo, que dá continuidade à tradição portuguesa dos romances velhos ou rimances, o texto que mais se alastrou pelo sertão e mais vida e popularidade teve, foi a História do Imperador Carlos Magno e dos Doze Pares de França - Seguida da de Bernardo del Carpio que Venceu em Batalha aos Doze Pares de França⁽⁸⁷⁾. As razões da sobrevi-

(86) Literatura Popular em Verso, Antologia, Tomo I, Edição da Casa de Rui Barbosa, Ministério de Educação e Cultura, Rio, 1964.

(87) O exemplar que tenho leva êsse título, esclarecendo ainda que a 1a. parte é "traduzida do castelhano por Jerônimo Moreira de Carvalho" e a 2a. parte "escrita por Alexandre Caetano Gomes Flaviense"; Livraria Império, Rio, sem data.

vência insistente dêsse livro no sertão brasileiro estão ainda à espera de um investigador. Nada se sabe quanto aos fatores concretos - edições, tiragens, práticas de comercialização, camadas de público, etc. - que regeram essa permanência, nem se possui ainda uma interpretação compreensiva do fenômeno. Um exemplar de tal livro, que nada tem de raro ainda hoje, mostra, no descuido de sua edição, na qual não se pode ter confiança, na modernização da ortografia, na falta de informações bibliográficas que se esperariam encontrar no volume, na vulgaridade da capa, um destino que transcende o círculo dos letrados.

Trata-se de uma novela de cavalaria, em prosa, a que Luís da Câmara Cascudo assim se refere: "era o grande livro de História para as populações do interior"⁽⁸⁸⁾. Em rápido esboço da fortuna dêsse livro, o folclorista dá algumas informações sobre ele. Seria uma tradução portuguesa de uma versão espanhola de originais franceses - isto, quanto à primeira parte. Dá a data de 1485 para o texto francês, intitulado "Conquêtes du grand Charlemagne" e a de 1525 para a versão espanhola, que teve grande êxito tanto na Espanha como em Portugal. Parece que na forma espalhada pelo Brasil, constando de duas partes, veio à luz em Portugal em 1745, tendo já a primeira parte aparecido antes⁽⁸⁹⁾.

Esse livro tem sido a fonte inexaurível de inspiração para os cantadores sertanejos. Contando com um número imenso de episódios em seu vultoso volume, deu também origem a uma imensa cópia de cantigas em verso, na arcaizante forma tradicional. Foi esse livro, - os episó -

(88) Luís da Câmara Cascudo, op. cit., pág. 92.

(89) Luís da Câmara Cascudo fala de várias edições e traduções do livro às págs. 92-3 e 268; contudo, algumas das informações são contraditórias e outras pouco claras.

dios avulsos narrados oralmente e assim passando de geração, as cantigas que dêle se originaram, e mais tarde os romances de cordel impressos a partir delas - que alimentou, formou e tornou-se parte do imaginário do sertão.

Na Introdução às Tropas e Boiadas de Hugo de Carvalho Ramos, em edição que preparou conforme o exemplar da 1.ª edição de 1917 anotado e deixado pelo autor, Cavalcanti Proença, inventariando o que de regional entra na feitura dessa obra de ficção, ao lado da linguagem e do folclore registra também as leituras correntes: "Comparem, também, os livros famosos: Genoveva de Brabant, que, projetado em lanterna mágica, encheu a infância de Proust, era leitura de Nhá Lica, a menina pálida que vai morrer de amor e anemia. Além dos romances tristes de mulheres martirizadas, de espôsas que pagam pelo falso levantado, há histórias de grandezas e heroísmo: a História de Carlos Magno e os Doze Pares de França, com a Princesa Floripes, Gui de Borgonha, Angélica, Roldão; e há romances de Alencar, tão do povo." (90).

E, de fato, um exemplar desse livro integra o interior pobre, aconchegante e cuidado da sala da casinha da mulata Sá Chica, personagem de um dos contos de Hugo de Carvalho Ramos: "Na sala, prêsas das escápulas, roçagante, pendia a larga rêde cuiabana, atravessando de lado a lado o pavimento de massapé. O resto da mobília espalhava-se em tórno, meia dúzia de tamboretas de couro tauxiado ao pé da mesinha de costura, de cujo balaio transbordavam entremeios de crochê, um cabeção de crivo, alinhavos inacabados de corpete, junto ao castiçal de latão sôbre um vo

(90) Hugo de Carvalho Ramos, Tropas e Boiadas, Livraria José Olympio Editôra, Rio, 1965, 5ª. edição, pág.

lume encadernado da história de Carlos Magno e dos pares de França."(91). Nas nostálgicas recordações do tempo escolar de Nhá Lica, filha do rico fazendeiro, aparecem as cavalhadas representando a história de Carlos Magno e seus paladinos. E, na fazenda, a parca literatura existente é determinada pelo Coronel, o qual, "mui positivo em matéria de livros, além dos de Carlos Magno e jornais políticos da terra"(92), poucos mais admitia. Nhá Lica, em seus devaneios, vê-se na figura da Princesa Floripes, põe seu pai na figura do terrível Almirante Balão, pai da princesa; assim sendo, seu amado Dito é o amado da princesa, Gui de Borgonha. E Hugo de Carvalho Ramos generaliza a presença do livro, falando das "aventuras dos doze pares de França, livro tido em grande estima no sertão, cuja leitura, nos serões solarengos das fazendas do interior, era feita em torno do lampião de querosene à família atenta(...)"(93).

Também Gustavo Barroso menciona esse livro, fazendo-nos sair repentinamente do nível das princesas e dos paladinos, e entrar em realidades insuspeitadas, muito mais prosaicas. Ao comentar nomes curiosos de cães que ocorrem no sertão, diz o seguinte: "Quando o dono leu a "Obra de Carlos Magno", o cachorro se chama Ferrabraz ou Roldão." E em nota de rodapé acrescenta: "É um livro de fancaria que todo o sertanejo conhece por ter lido, ou de referências. Traz, salvo engano, o seguinte título: "História de Carlos Magno e dos doze pares de França, seguida das Aventuras de Bernardo del Carpio."(94).

O mais belo exemplo da assimilação e utilização das sagas do ciclo francês aparece na Guerra do Contesta-

(91) Id., *ibid.*, pág. 70

(92) Id., *ibid.*, pág. 109

(93) Id., *ibid.*, pág. 108

(94) Gustavo Barroso, *op. cit.*, pág. 83

do. Nessa rebelião sertaneja, que levantou 20.000 pessoas e que ocupou uma vasta região - aliás, fora da zona habitualmente chamada sertão, entre Paraná e Santa Catarina-, no primeiro quartel dêste século, o grupo de elite dirigente dos insurretos intitulava-se os pares-de-França; e, em sua compreensão ao pé da letra da velha expressão medieval, êles eram vinte e quatro, e não doze⁽⁹⁵⁾.

Por sua vez, o Grande Sertão: Veredas, encampando o sertão, encampa também o imaginário do sertão. Nada mais verossímil que um jagunço, ademais um jagunço parcialmente letrado, narrando sua vida, a ela se refira em termos de novela de cavalaria. Afinal, êsse é o imaginário de seu convívio.

O mundo idealizado da cavalaria faz parte indissolúvel da matéria tratada no romance. Não entra de fora, mas de dentro, por via da experiência do narrador-personagem. Tanto assim é, que Riobaldo só se utiliza, ao longo do livro todo, de duas personagens literárias para fazer comparações, e ambas do mesmo texto. Êle conta que leu Senclér das Ilhas e nunca menciona a História de Carlos Magno e dos Doze Pares de França; mas é dêste último, e relacionados entre si, que sáem o Almirante Balão com que compara Ricardão (GSV, 253) e Gui de Borgonha, com quem se compara (GSV, 502). A matéria imaginária é aquela que está entranhada na própria matéria, contida pelos limites desta.

Por outro lado, é preciso lembrar também que

(95) Cf. Maria Isaura Pereira de Queiroz, A Guerra Santa no Brasil: o Movimento Messiânico do Contestado, Edição da FFCLUSP, 1957; e Maurício Vinhas de Queiroz, Messianismo e Conflito Social - A Guerra Sertaneja do Contestado: 1912/1916, Editora Civilização Brasileira, Rio, 1966, págs. 208-9.

aquilo que o senso comum nos insinua quando ouvimos falar em cavaleiro andante, é apenas uma visão idealizada e moderna; imagem que reúne e acentua alguns traços éticos - pureza, honra, lealdade, fidelidade, decência, etc. -, está bem longe, já não direi da sua realidade histórica, mas dos próprios textos da novela de cavalaria. E nisto, em sua terrível crueza e impiedade, a novela de cavalaria está bem mais próxima do Grande Sertão: Veredas do que o leitor moderno poderia supor. N' A Demanda do Santo Graal, códice quatrocentista em português da Biblioteca Nacional de Viena e cópia provável de uma versão ducentista⁽⁹⁶⁾, abundam as cenas de carnicaria, as crueldades gratuitas, o assassinio, a violação, etc. No Episódio XV, a filha do rei Brutos se toma de súbita paixão por Galaaz, hóspede de passagem no castelo do rei, e vai à noite deitar-se no leito em que êle está dormindo e começa a despi-lo; Galaaz acorda, rejeita-se e ela ameaça se matar; êle então "disse aa donzela que se se matasse como dizia e per tal razão, bem entendesse que nom daria el rem por sua morte; e de outra guisa lhe disse ca se fôsse a mais fremosa que Nosso S e nhor fizesse, el nom cataria mais por ela. E disse-lhe ca mais lhe valeria de estar em virgindade, ca se lhe os outros fizessem tanto como êle, bem poderia seer que morreria virgem."; e, de fato, ela se mata ante seus olhos, com a espada dêle. No Episódio XLIV, outro cavaleiro da Távola Redonda, Erec, corta a cabeça de sua própria irmã por que prometera a uma dama fazer o que ela pedisse - e foi isso que ela pediu. No Episódio XLVIII um irmão tenta violentar a irmã. No Episódio LX os três filhos do Conde Arnalt apaixonam-se pela irmã; esta denuncia-os ao pai; os três filhos tentam matar o pai, não o conseguindo por intervenção de outros, mas atiram-no na masmorra todo ferido da luta e aí o deixam até morrer. No Episódio LXIV, dois

(96) Edição crítica do Padre Augusto Magne, Instituto Nacional do Livro, Imprensa Nacional, Rio, 1944; sirvo-me dêste texto devido a sua excelente edição.

cavaleiros da Távola Redonda, os irmãos Arciel e Sanades, encontram uma donzela no caminho e tentam ambos violentá-la; acabam se matando um ao outro e ainda tentam cortar a cabeça da môça. No Episódio LXXVIII a princesa faz seu namorado matar o rei pai dela, recaindo a culpa sobre a rainha, que por castigo os outros filhos enterram viva. E assim por diante.

Quanto à História de Carlos Magno e dos Doze Paes de França, nessa mesma versão que corre o sertão, baste um exemplo. A Princesa Floripes, personagem feminina central da la. parte, amada de Gui de Borgonha e filha do inimigo Almirante Balão, instiga Carlos Magno a matar o pai dela, feito prisioneiro, porque este se recusa à conversão; o que de fato é feito em seguida (Cap. XLVI, Livro II, Primeira Parte).

O Grande Sertão: Veredas não é menos cru, com suas traições, torturas, estupros, assassínios, sadismos; mas também não é menos idealizado, em suas lealdades, amores, sentimentos de honra e outros belos sentimentos.

3. Grande Sertão, sertão, História

O solerte escritor de que me ocupo dissimula a História, para melhor revelá-la. Não data seu enrêdo, mas finge datá-lo; e tôda vez que o leitor depara com uma data, ela é contradita pela imprecisão. Assim é, caso típico, o oferecimento que faz ao leitor da certidão de batismo de Diadorim: "Em um 11 de setembro da éra de 1800 e tantos..." (GSV, 568); finalmente um documento, e datado. Ali estão o dia, o mês e o ano; mas o e tantos dilui tôda a exatidão nos marcos de um século inteiro.

Quando escreve: "nas éras de 96" (GSV, 158), é para não referir-se ao enrêdo, mas para fazer um comentário marginal sobre a história da jagunçagem. E continua, a

centuando a atualidade maior do que vai contar agora: "Mas, nestes derradeiros anos" (GSV, 158), para acrescentar que então já estava aposentado; diz ainda: "Mas o mais foi ainda atual agora, recentemente, quase, isto é (...)". (GSV, 159). Em meio às reminiscências avulsas e misturadas, o narrador diz: "Os revoltosos depois passaram por aqui, soldados de Prestes, vinham de Goiás, reclamavam posse de todos os animais de sela." (GSV, 95) - o que permite datar o presente da narração em "depois de 1930", mas não o enredo.

Após a morte da mãe - em vida da qual, mais ou menos aos catorze anos (GSV, 97), encontrara o Menino -, quando Riobaldo está com o pai, este lhe conta "de quando Neco forçou Januária e Carinhonha, nas éras do ano de 79" (GSV, 108). E, pouco antes de Riobaldo assumir a chefia do bando, Zé Bebelo manda que ele escreva cartas às autoridades em papéis velhos encontrados na fazenda onde estão cercados. "Que era que estava escrito nos papéis tão velhos? Um favor de carta, de tempos idos, num vigente fevereiro, 11, quando ainda se tinha Imperador, no nome dêle com respeito se falava." (GSV, 313); a carta também menciona escravos.

Os limites máximos e mínimos, com toda a sua de liberada imprecisão, demarcam contudo o contorno da República Velha. Aduzo ainda a referência à "capital do Estado" (GSV, 287), e não da Província, e o fêcho das citadas cartas de Zé Bebelo: "Ordem e Progresso, viva a Paz e a Constituição da Lei!" (GSV, 312). Mas, muito mais importante que as datas, jamais claras, e mérito de um grande escritor, é a encarnação em personagens de romance do próprio processo político de consolidação nacional levado a cabo em sua última parte pela República Velha, e de que a ditadura Vargas marca o termo. Zé Bebelo desempenha o papel histórico do princípio centralizador e republicano, em oposição ao princípio federativo e localista representado

pelos coronéis com seus bandos privados.

Zé Bebelo é o homem da Ordem - "Sei seja de se anuir que sempre haja vergonheira de jagunços, a sôbre - corja? Deixa, que, daqui a uns meses, neste nosso Norte não se vai ver mais um qualquer chefe encomendar para as eleições as turmas de sacripantes, desentrandando da justiça, só para tudo destruírem, do civilizado e do legal!" (GSV, 125) - e do Progresso: "Dizendo que, depois, estável que abolisse o jaguncismo, e deputado fôsse, então reluzia per feito o Norte, botando pontes, baseando fábricas, remedian do a saúde de todos, preenchendo a pobreza, estreando mil escolas." (GSV, 126). Embora pense em seus interêsses par ticulares e tenha um olho no Congresso, pensa também nos interêsses da nação: "Agora, temos de render êste serviço à pátria - tudo é nacional!" (GSV, 125). E é o único per sonagem dêste livro capaz de raciocinar não em têrmos de tradição e de alianças privadas de dominação, mas em têr mos de república e de canais democráticos. Após a primei- ra vitória, no início de sua campanha, faz reunir "os mu nicipais do lugar", para êles discursa e induz Riobaldo a discursar também: "Ao que Zé Bebelo elogiou a lei, deu vi va ao govêrno, para perto futuro prometeu muita coisa re publicana. Depois, enxeriu que eu falasse discurso ta m bém. Tive de. - "Você deve de citar mais é em meu nome, o que por meu recato não versei. E falar muito nacional..." - se me se soprou." (GSV, 128).

Os atributos pessoais de Zé Bebelo representam a modernidade, no contexto histórico de República Velha do romance; são êles a inteligência, o desejo de instruir se, a visão nacional. Mas, também êle ambíguo, comporta forte contingente de atributos pessoais tradicionais: a valentia em primeiro lugar, a sêde de poder pessoal, a u tilização dos recursos habituais para cumprir seus inten- tos - usa jagunços para acabar com os jagunços. Rende -se

afinal à lei do sertão, assumindo a chefia do próprio bando que combatera; e isso, para levar avante uma missão de vingança particular sem qualquer propósito "nacional". Perdeu a parada histórica; só lhe restava ou morrer pelas armas - à maneira tradicional - ou degradar-se em negociante, que é o que lhe acontece; ao menos, êste fim implica uma etapa histórica mais avançada.

É por tudo isso que Zé Bebelo, figura tão marcante, tem muito mais tiques pessoais e traços distintivos que os demais chefes que aparecem no romance. Ele pode menos resvalar para o plano mítico que os demais, sempre apresentados de maneira nebulosa e grandiosa. Não lhe é possível provocar a reverência do leitor - nem do narrador - com seus "Maximé!", seus xingamentos, seu desejo de ser deputado, seu falatório incessante, seu apito. É figura sem a dignidade cavaleiresca e mítica de Medeiro Vaz e Joca Ramiro, por exemplo; por isso mesmo, tão mais humana e simpática.

Não é por coincidência que Zé Bebelo é aliado do governo, armado por êle, financiado por êle: é o princípio centralizador, respaldado pelo centro. Os outros chefes, Joca Ramiro inclusive, fazem parte da habitual aliança privada de dominação, eventualmente - e é o caso do enredo dêste romance - em oposição ao poder central, mas sempre com forte poder local. Todos êles são poderosos fazendeiros; e sua motivação política e privada é varias vezes mencionada no texto. O único que escapa, não às origens de classe, mas a essa motivação, é Medeiro Vaz, êste sim saído diretamente do plano dos ideais para o plano do rigor histórico dêste romance. "O que tinha sido antanha a história mesma dêle, o senhor sabe? Quando môço, de antepassados de posse, êle recebera grande fazenda. Podia gerir e ficar estadonho." (GSV, 43). Mas Medeiro Vaz, ante

o banho de sangue que então inundava o sertão, "ao fim de forte pensar, reconheceu o dever dêle" (GSV, 44); ateia fogo a sua fazenda e parte em missão maior. E é aqui que Medeiro Vaz escapa inclusive à dimensão, não digo já da história da Idade Média - história de imensa brutalidade e barbárie, como lembrou Antônio Candido em seu ensaio⁽⁹⁷⁾ - mas da novela de cavalaria, ela também lugar de crueza. Entra na dimensão daquilo que, depurado pelos séculos e pelo desconhecimento, formando uma espécie de Idade de Ouro moral localizada no passado, associou-se progressivamente ao anseio por ideais éticos mais altos e mais abstratos, longe da esfera dos negócios. Medeiro Vaz vem a ser o único cavaleiro andante (versão moderna) dêste romance, sem um deslize, sem uma motivação menor, nem o poder, nem o interesse privado, nem a política, nem a aliança de dominação. Pois, tendo muito pensado e decidido qual era seu dever, "relimpo de tudo, escorrido dono de si, êle montou em ginete, com cachos d'armas, reuniu chusma de gente corajada, rapaziagem dos campos, e saiu por êsse rumo em roda, para impor a justiça." (GSV, 44). Alguma vez terá uma personagem de ficção saído para impor a justiça, com verossimilhança e sem ridículo, a partir de Dom Quixote? O próprio narrador acentua, prudentemente, que dessa raça de homens não existem mais.

Voltando à História: as crônicas do sertão, e particularmente da região do São Francisco, fornecem muito material ao escritor. Seja nos resumos que faz, citando nomes e topônimos, das proezas sangrentas dos coronéis daquela zona; proezas que cobriram o Império e a República Velha, e das quais o enredo do livro é um desenvolvimen

(97) Antonio Candido, "O homem dos avessos", in Tese e Antítese, Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1964.

to. Seja, e isto sim muito mais importante, no aproveitamento de padrões correntes de vária natureza, ligados à jagunçagem, mas que não são cópia e sim incorporação imposta pelo compromisso do romance com a realidade. No sertão como no Grande Sertão: Veredas, é costume chamar os chefiados pelo coletivo derivado do nome do chefe - os ramiros, os medeiro-vazes, os zé-bebelos, os riobaldos, os guerreiros, os brilhantes, os antunes, os feitasas, os viriatos. A renomação do jagunço é habitual, e nem mesmo Antônio Silvino assim se chamava; seu nome era Manoel Batista de Moraes, trocado por aquêle em homenagem a seu padrinho Silvino Aires. O processo que preside à escôlha do nôvo nome, ora é preito - como Antônio Silvino e Zé Bebelo Vaz Ramiro -, ora alusão à excelência do tiro. Segundo uma tradição, Lampeão assim se chamou porque, quando atirava, tudo clareava em volta; e seu irmão mais nôvo passou a se chamar Ponto Fino, que é da mesma matriz que o primeiro cognome de Riobaldo, Cerzidor. Na passagem a Tatarana e Urutu Branco, persiste a alusão ao tiro. À invenção do Liso do Sussuarão, que é "o raso pior havente" (GSV, 34), não é estranha a existência do Raso da Catarina, deserto inóspito e temido na Bahia, tradicional esconderijo de jagunços, onde Lampeão passou muito tempo com seu bando a fugir da perseguição. Até mesmo o zurrar do jumento como sinal combinado de ordens em batalha está registrado nas crônicas. E mulheres-jagunço, houve-as; mas Diadorim lembra mais a donzela guerreira dos velhos romances portugueses. Finalmente, neste rol sumário, assinalo que a lenda do pacto com o Diabo e do corpo fechado é uma das mais caras tradições do sertão e se aplicou a todos os jagunços famosos.

O sertão comparece, neste romance, como o subtrato que fundamenta a fabulação ficcional. A partir daí,

e desenvolvendo os caminhos possíveis, o escritor chega a té a vislumbrar, receioso, um rumo de transformação assustador. Em bela página, que suponho única no romance brasileiro, Guimarães Rosa constrói uma visão apocalíptica com as virtualidades da miséria. Partindo do contacto com os catrumanos, estágio mais baixo de vida humana que os jagunços encontram, mesmo num meio onde predominam os "mí-nimos vitais", Riobaldo começa a refletir sobre o ponto a que poderia chegar o miserável se a ordem das coisas fôse rompida. Diz então: "De homem que não possui nenhum poder nenhum, dinheiro nenhum, o senhor tenha todo medo!" (GSV, 367). Intuí que a miséria excessiva está aquém de qualquer possibilidade de convivência, de qualquer padrão moral, de qualquer romantização: ela é feia, suja, perigosa. Sente a ânsia do miserável pela posse, pelo gozo imediato; se só mediante a destruição, tanto faz. E a partir daí desenrola sua visão, que lembra a das maltas assoladoras dos fastos franceses de 1879: "E de repente aquêles homens podiam ser montão, montoeira, aos milhares mís e centos milhentos, vinham se desentocando e formando, do bre-nhal, enchiam os caminhos todos, tomavam conta das cidades Como é que iam saber ter poder de serem bons, com regra e conformidade, mesmo que quisessem ser? Nem achavam capacidade disso. Haviam de querer usufruir depressa de tôdas as coisas boas que vissem, haviam de uivar e desatinar. Ah, e bebiam, seguro que bebiam as cachaças inteirinhas da Januária. E pegavam as mulheres, e puxavam para as ruas, com pouco nem se tinha mais ruas, nem roupinhas de meninos, nem casas. Era preciso de mandar tocar depressa os sinos das igrejas, urgência implorando de Deus o socorro. E a diantava? Onde é que os moradores iam achar grotas e fundões para se esconderem - Deus me diga?" (GSV, 367-8). Este quadro fantasmagórico e terrível mostra a plebe rural desencadeada, monstro coletivo que avança para tomar tudo

o que lhe foi negado por séculos de miséria e opressão. O horror da visão leva o narrador a abstrair os conteúdos dela, para com êles construir uma alegoria negativa: "Nem me diga o senhor que não - aí foi que eu pensei o inferno feio dêste mundo: que nêle não se pode ver a fôrça carregando nas costas a justiça, e o alto poder existindo só para os braços da maior bondade." (GSV, 368).

Capítulo 8º

A LINGUAGEM E A FALA

" - Nonada. Tiros que o senhor ouviu foram de briga de homem não, Deus esteja."

(Palavras iniciais de GVS)

A situação de narrar que Guimarães Rosa propõe tira sua verosimilhança de tantas outras a que estamos habituados: o depoimento de um velho jagunço, anotado pelo entrevistador, antes, e hoje gravado em fita; aparece constantemente em livros, jornais e revistas.

O travessão que precede a primeira palavra do romance, e que só se fecha no ponto final da última página, instaura o monólogo como um dos lados de um diálogo; mas o diálogo que se contém nêle é suposto. Nenhuma só vez o monólogo é interrompido para dar lugar ao interlocutor. Este entra no texto pela proposta da fala: o monólogo se dirige a um interlocutor, cuja presença na situação falada é dada já de saída pelo travessão e pelo "o senhor" que se reitera durante tôda a narração. Colocam o interlocutor dentro do monólogo: as alusões diretas que o narrador faz a êle - "Mas, o senhor sério tenciona devassar a raso êste mar de territórios, para sortimento de conferir o que existe?" (GSV, 26) -; as "respostas" que têm a pergunta sugerida pela forma da frase - "Do demo? Não glosa. Senhor pergunte aos moradores." (GSV, 10); as perguntas que o narador faz a seu ouvinte, sugerindo a ocorrência de uma resposta pela continuação da frase - "Por que o Govêrno não cuida?! Ah, eu sei que não é possível. Não me assente o senhor por beócio." (GSV, 16). Assim vai se compondo a figu

ra de um interlocutor que é hábil inquiridor, simpatizante e letrado.

É o monólogo, contendo um diálogo pela alusão a um interlocutor, que determina a opção pela fala. As frases interrogativas e exclamativas, as interjeições, os expletivos, as frases truncadas e entrecortadas, definem o discurso que se dá como fala. A fala é também o grande unificador estilístico; cancela a multiplicação de recursos narrativos - variação de pessoa do narrador, cartas, diálogos, outros monólogos; até mesmo as personagens do enredo falam pela boca de Riobaldo. É o fluxo da fala que impõe um ritmo próprio às seqüências verbais, criando dificuldades para quem deseje fazer uma citação; sente - se que a interrupção, sempre arbitrária, da citação, deveria preferencialmente apanhar a seqüência no seu ponto mais baixo de tensão, supondo o início de uma nova seqüência de fala.

Mas é preciso lembrar que se trata de "fala" e não de fala. A magnífica oralidade do discurso é uma oralidade ficta, criada a partir de modelos orais mediante a palavra escrita. Por isso mesmo, é impossível ler o "depoimento" de Riobaldo da maneira que se lê o depoimento de um velho jagunço. Já foi necessário a Guimarães Rosa fazer de seu narrador-personagem um letrado, para fundamentar, no nível da verossimilhança, uma experiência mental tão rica e que tão bem se expressa verbalmente. Afinal, o autor do depoimento é Guimarães Rosa. O "depoimento" transcende inteiramente a situação concreta do narrador-personagem e mesmo a possibilidade de tal discurso partir d'ele.

Por um lado, subjaz a êsse discurso um parentesco muito grande com o falar sertanejo. (ou os falares sertanejos), o que qualquer pessoa que com êle tenha familiaridade nota imediatamente. Afora isso, hoje, depois d'e

muita leitura de Guimarães Rosa, de repente, num texto qualquer, o leitor tem a sensação de que um recorte de frase lhe é familiar e se diz: "Isto é Guimarães Rosa"; vai-se ver, e não é. Assim, por exemplo, quando lia o Memorial de Vilanova, deparei com a seguinte frase, atribuída a Vilanova: "Dizem que Deus é grande, porém o mato é maior."⁽⁹⁸⁾; essa frase me pareceu imitada de Guimarães Rosa e, como o livro é de 1964, não teria sido impossível. Mais tarde, encontrei a mesma frase nos Coiteiros⁽⁹⁹⁾, bem anterior, na boca de um cangaceiro; o que, embora não prove, sugere que a frase deve ser criação sertaneja mesmo, e que ambos os autores a recolheram de uma fonte comum - o falar sertanejo, que também serviu de modelo a Guimarães Rosa.

Acontece, todavia, que Guimarães Rosa explora ao máximo as possibilidades do modelo, mediante êste salto definitivo que representa a escôlha do narrador-personagem. Tudo, então, se torna convincente como linguagem. Fica eliminado o contraste canhestro, tão praticado pela prosa regionalista, entre o diálogo que reproduz o falar e o não-diálogo que reproduz a prática letrada do autor. Destarte, o diálogo deixa de incrustar-se no texto como um objeto folclórico, exibido à apreciação do pitoresco.

Tomo um exemplo de Pelo Sertão, de Afonso Arinos:

"Longas fitas de ouro e púrpura cairelavam o céu na comissura do rio, sobrepondo-se paralelamente, até

(98) Nertan Macedo, Memorial de Vilanova - Depoimento do último sobrevivente da Guerra de Canudos, Edições O Cruzeiro, Rio, 1964, pág. 43.

(99) José Américo de Almeida, Coiteiros, Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1935, pág. 81

se afogarem no pélago de nimbos que reflua de onde se arqueava o firmamento.

-Eh lá! companheiro! Esperta e vamos embora, batendo mato pela beira do rio. Olha que enchente! Vigia: se nós cochilamos mais um bocadinho, a água nos papava." (100).

Tomo ainda outro exemplo, bem distinto daquêle, mais próximo de nossa sensibilidade pela busca do desaviado e mais distante das convenções parnasianas; um exemplo de Jorge Amado:

"Tamo juntando lenha o dia todo. Trabalha todo mundo, os pecador e os diabo..."

- Pra que tanta lenha, irmão ?

- Tamo fazendo a fogueira pro dia que vier Horácio..."

Eram assim as histórias do povoado de Ferradas, feudo de Horácio, coito de bandidos. Dali partiram para as matas os desbravadores de Terra. Era um mundo primitivo e bárbaro cuja única ambição era dinheiro." (101).

E, na página seguinte:

"-Eh! Diamante! Dianho! Pra frente, burro d a desgraça..."

Na frente da tropa chocalhando de guizos, com um peitoral enfeitado, ia o burro que melhor conhecia o caminho, a "madrinha da tropa". Os coronéis requintavam no enfeite dos peitorais das "madrinhas das tropas", era uma prova da sua fortuna e do seu poderio."

Seja devido à pretensiosa descrição paisagística, seja à intervenção dos esquemas interpretativos do autor, o desnível é nítido.

(100) Afonso Arinos, Pelo Sertão, Livraria Garnier, 3a. e dição, sem data, pág. 130.

(101) Jorge Amado, Terras do Sem Fim, Livraria Martins Editora, 21a. ed., 1968, pág. 139.

A isso, Guimarães Rosa escapa colocando a totalidade do romance num só fluxo de fala.

Mas, por outro lado, o discurso do Grande Sertão: Veredas escapa também dos limites do falar sertanejo. É bem verdade que existe em seu vocabulário um farto aproveitamento de regionalismos, e não só sertanejos; as palavras mais estranhas e que pensamos serem inventadas pelo autor, lá estão consignadas há muito tempo no Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa, o mais comum dos dicionários. Ao depararmos com a frase: "Mas gritavam, vuvú vavavá de conversa ruim" (GSV, 558), achamos eficaz a onomatopéia inventada; mas inventada por Guimarães Rosa não é: as duas palavras figuram naquêles mesmo dicionário, onde vuvu é dado como regionalismo popular de Minas Gerais, significando briga, conflito, confusão, e vavavá é dado como brasileirismo, significando barulho de vézes, algararra, agitação, alvoroço, atropêlo, azáfama.

O aproveitamento extenso de arcaísmos, também, como ponto de partida, é justificado: todos sabem que a língua brasileira do sertão conserva fortes traços arcaicos, num exemplo vivo que reflete o descompasso econômico-político-social-cultural entre o sertão e a zona litorâneo-urbana. Assim, quando deparamos com a frase: "(...) que joliz havia de ser era se meter um balaço no baixo da testa do Hermógenes?" (GSV, 162), a palavra joliz nos aparece como uma bela combinação do francês joli com feliz; mas essa palavra é registrada pelo mesmo dicionário, como um arcaísmo, significando alegre, amável. (102).

(102) A título de curiosidade, lembro que, no Prefácio à 9a. edição, de 1951, do Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa, Aurélio Buarque de Holanda, em nota de rodapé em que agradece a colaboração de muita gente, inclui o nome de Guimarães Rosa.

Mas não é menos verdade que há também palavras inventadas pelo autor, embora muito menos do que supõe o leitor desavisado, e estrangeirismos da autoria dêle, tanto de línguas vivas como de línguas mortas. Se o ineditismo de vuvú vavavá e de joliz surpreende e atrai o leitor de formação letrada, porque surpreenderia e atrairia mais esmarce, do inglês, que ocorre com tôda a naturalidade, ou perequitava, do latim? De resto, a liberdade de alterar a afixação, bem como a de usar do direito de fazer novas derivações, são procedimentos que a própria língua põe em jôgo para se renovar, e procedimentos que podem ser encontrados nos textos, até recentes (como por exemplo n'Os Sertões), e em várias regiões em que se fala contemporaneamente a mesma língua⁽¹⁰³⁾. No cearense Dona Guidinha do Poço ocorrem sem estranheza talentuda, musculenta, folhiço, faço, bondadosa, tristor, acelêro, etc.

Tudo isso aponta para um escritor que ama as palavras, que é leitor de dicionários, e que se move num universo linguístico - contemporâneo e passado - muito mais amplo do que aquêle a que estamos habituados.

Guimarães Rosa tem, portanto, um pé na linguagem do sertão e o outro pé na linguagem do mundo. Se, de um lado, explora as possibilidades do falar sertanejo, de outro explora campos linguísticos eruditos que nada têm a ver com o sertão. Se, de um lado, a matéria que põe em jôgo é a matéria do sertão, de outro lado extrai as conseqüências máximas do imaginário do sertão; assim, coisa inédita na literatura brasileira, transforma seu romance numa demanda; e permite que as andanças dos jagunços ganhem visos de proezas de cavaleiros andantes, de luta do bem contra o mal.

(103) Cavalcânti Proença, Trilhas no Grande Sertão, pág. 76.

Se, de um lado, seu romance é o mais profundo e mais completo estudo até hoje feito sôbre a plebe rural brasileira, por outro lado também é a mais profunda e mais completa idealização dessa mesma plebe. Se, por um lado, o falar sertanejo permite e justifica que o livro se arme como uma discussão metafísica sôbre Deus e o Diabo, aceita-se essa discussão porque esses são os conceitos que estão ao alcance do narrador-personagem para efetuar a tentativa de demarcar os limites entre a liberdade humana e a necessidade imposta pelo sistema de dominação. Mas, por outro lado, o contingente erudito da linguagem usada pelo escritor permite e justifica que Deus e o Diabo sejam, ao fim e ao cabo, concepções muito mais requintadas e que derivam tanto de Heráclito como do budismo.

A inegável sedução da linguagem carrega nela, a um só tempo, o sentir empático do escritor face ao homem do sertão e seu viver, e uma vasta experiência na tradição letrada que o escritor não põe em dúvida. Seguramente, o pé esquerdo de Guimarães Rosa está sòlidamente fincado no sertão; mas, não menos seguramente, seu pé direito está alhures.